

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ANA CAROLINA DE SOUZA OSTETTO  
MORGANA FERREIRA



**A NARRATIVA MÍTICA E A ARTE DE FRANKLIN CASCAES:  
O MITO E O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA**

Florianópolis

Julho de 2015

Ana Carolina de Souza Ostetto

Morgana Ferreira

**A NARRATIVA MÍTICA E A ARTE DE FRANKLIN CASCAES:  
O MITO E O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA**

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do Curso de Graduação em Letras – Língua e Literaturas Portuguesa (Licenciatura), sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel Bortoli Hentz.

Florianópolis

Julho de 2015

Gostaríamos de agradecer a todos os amigos e professores, que de alguma forma nos orientaram em nossa ação docente.

Às nossas famílias e amores toda a gratidão pela compreensão e apoio nessa etapa.

À professora Maria Izabel de Bortoli Hentz por sua orientação, dedicação e amor por aquilo faz.

À professora Rita de Cássia Peres pela atenção, gentileza e ajuda nesse período de estágio docência.

Aos alunos da turma 82 da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito pelo envolvimento e colaboração para a realização estágio docência.

## RESUMO

Neste trabalho pretende-se relatar o percurso trilhado na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do Curso Letras – Língua e Literaturas Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. Partindo da ideia de que é necessário ir além dos conceitos, procedimentos e informações ensinados em sala de aula, ou seja, de que é preciso colocar esses aprendizados escolares em prática para que o aluno aprenda também a tomar a palavra, constituindo-se autor de seus dizeres, e assim responder ativamente à palavra do outro nas mais diferentes situações de interação, trabalhou-se com os alunos do oitavo ano do ensino fundamental, da Escola de Educação Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, o gênero narrativa mítica, através de uma aproximação com a mitologia da Ilha de Santa Catarina pelo acesso ao conhecimento acerca da vida e obra literária de Franklin Cascaes. A partir disso foram realizadas leituras de narrativas míticas, produção escrita de uma narrativa mítica, apresentação oral das produções individuais aos colegas da turma, a análise dos recursos discursivos, textuais e linguísticos específicos deste gênero, a linguagem não verbal na análise e na produção de ilustrações. O resultado deste trabalho foi a publicação livro ilustrado dos textos dos alunos. É apresentado também neste relatório o projeto extraclasse *Jornal Notícias do Beatriz*, que se constitui como atividade do estágio docência.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa. Narrativa Mítica. Franklin Cascaes.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	<b>10</b>
2.1 A ESCOLA: APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	10
2.1.1 A Escola .....	10
2.1.2 Corpo Docente e Administrativo .....	12
2.1.3 A turma 82.....	13
2.1.4 A Professora Regente .....	13
2.2 ANÁLISES FUNDAMENTADAS DAS AULAS OBSERVADAS .....	14
2.2.1 Análise crítica – Estagiária Ana Carolina de Souza Ostetto .....	14
2.2.2 Análise crítica – Estagiária Morgana Ferreira .....	15
<b>3. PROJETO DOCÊNCIA</b> .....	<b>18</b>
3.1 JUSTIFICATIVA .....	19
3.2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	19
3.3 OBJETIVOS .....	23
3.3.1 Objetivo Geral .....	23
3.3.2 Objetivos Específicos.....	23
3.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS .....	24
3.5 METODOLOGIA.....	24
3.6 CRONOGRAMA DE DOCÊNCIA .....	26
3.7 PLANOS DE AULA .....	27
3.7.1 Plano de Aula 1 – 11 de maio de 2015.....	27
3.7.2 Plano de Aula 2 – 12 de maio de 2015.....	29
3.7.3 Plano de Aula 3 – 14 de maio de 2015.....	31
3.7.4 Plano de Aula 4 – 8 de junho de 2015 .....	33
3.7.5 Plano de Aula 5 – 9 de junho de 2015 .....	35
3.7.6 Plano de Aula 6 – 11 de junho de 2015 .....	37
3.7.7 Plano de Aula 7 – 15 de junho de 2015 .....	39
3.7.8 Plano de Aula 8 – 16 de junho de 2015 .....	41
3.7.9 Plano de Aula 9 – 18 de junho de 2015 .....	43
3.7.10 Plano de Aula 10 – 22 de junho de 2015 .....	45
3.7.11 Plano de Aula 11 – 23 de junho de 2015 .....	47
3.7.12 Plano de Aula 12 – 25 de junho de 2015 .....	49
3.7.13 Plano de Aula 13 – 29 de junho de 2015 .....	51
3.7.14 Plano de Aula 14 – 30 de junho de 2015 .....	53
3.7.15 Plano de Aula 15 – 2 de julho de 2015 .....	55
3.8 RECURSOS .....	57
3.8.1 Recursos Didáticos.....	57
3.8.2 Recursos Bibliográficos.....	58
3.9 AVALIAÇÃO .....	58
3.10 RELATOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	59
3.10.1 Aula 1 (11/5) .....	59
3.10.2 Aulas 2 e 3 (12/5).....	60
3.10.3 Aula 4 (14/5) .....	62
3.10.4 Aula 5 (8/6): o retorno da greve .....	63
3.10.5 Aulas 6 e 7 (9/6).....	64
3.10.6 Aulas 8 (11/6).....	66
3.10.7 Aulas 9 (15/6).....	67

3.10.8 Aulas 10 e 11 (16/6).....	67
3.10.9 Aulas 12 (18/6).....	72
3.10.9 Aulas 13 (22/6).....	73
3.10.10 Aulas 14 e 15 (23/6).....	73
3.10.11 Aulas 16 (25/6).....	74
3.10.12 Aulas 17 (29/6).....	75
3.10.13 Aulas 18 e 19 (30/6).....	75
3.10.14 Aulas 20 (2/7).....	75
3.11 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	78
<b>4. PROJETO EXTRACLASSE: JORNAL NOTÍCIAS DO BEATRIZ .....</b>	<b>81</b>
4.1 JUSTIFICATIVA .....	82
4.2. REFLEXÃO TEÓRICA .....	83
4.2.1 Linguagem.....	83
4.2.2 Gêneros do discurso .....	84
4.2.3 Estudo da língua .....	86
4.2.4 Leitura e Escrita .....	87
4.2.5 O jornal e seus gêneros.....	88
4.3 OBJETIVOS .....	91
4.3.1 Objetivo Geral .....	91
4.3.2 Objetivos Específicos.....	91
4.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS .....	92
4.5 METODOLOGIA PROJETO JORNAL ESCOLAR <i>NOTÍCIAS DO BEATRIZ</i> .....	93
4.6 CRONOGRAMA PROJETO EXTRACLASSE JORNAL ESCOLAR <i>NOTÍCIAS DO BEATRIZ</i> .....	94
4.6.1 Oficina 1 – 17 julho 2015.....	95
4.6.2 Oficina 2 – 19 julho 2015.....	96
4.6.3 Oficina 3 – 24 julho 2015.....	97
4.6.4 Oficina 4 – 26 julho 2015.....	99
4.6.5 Oficina 5 – 26 julho 2015.....	100
4.7 RECURSOS NECESSÁRIOS.....	101
4.8 AVALIAÇÃO .....	102
4.9 A EXPERIÊNCIA DO EXTRACLASSE: O RELATO DAS OFICINAS.....	103
4.9.1 Encontro 1 - 17/6/2015 – das 13h30min às 15h45min .....	103
4.9.2 Encontro 2 - 19/6/2015 – das 13h30min às 15h45min .....	104
4.9.3 Encontro 3 - 24/6/2015 – das 13h30min às 15h45min .....	105
4.9.4 Encontro 4 - 26/6/2015 – das 13h30min às 15h45min .....	106
4.9.5 Encontro 5 - 1/7/2015 – das 13h30min às 17h30min .....	106
4.9.6 A experiência do extraclasse: o gênero jornalístico notícia .....	108
4.9.7 A experiência do extraclasse: o gênero jornalístico entrevista.....	109
4.10 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO EXTRACLASSE JORNAL ESCOLAR <i>NOTÍCIAS DO BEATRIZ</i> .....	110
<b>5. VIVÊNCIA DO FAZER DOCENTE NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO .....</b>	<b>113</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
ANEXO 1 – Texto de Apresentação.....	120
ANEXO 2 – Conteúdo teórico o Gênero Receita .....	121
ANEXO 3 – Por que Florianópolis é a Ilha da Magia? .....	122
ANEXO 4 – Franklin Cascaes: o “bruxo da ilha” .....	123
ANEXO 5 – Narrativas O fantástico na Ilha de Santa Catarina .....	124

<b>ANEXO 6 – Questões dinâmica de verificação de leitura.....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO 7 – Narrativa “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO 8 – Texto cartaz exposição de reproduções de obras de Franklin Cascaes .....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXO 9 – Questão para produção textual.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO 10 – Verificação de leitura .....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO 11 – Slides de análise linguística .....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXO 12 – Indicações para produção da Narrativa Mítica .....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXO 13 – Slides Narrativa Mítica.....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO 14 – Texto de fechamento do estágio docência .....</b>	<b>157</b>
<b>ANEXO 15 – Marca página.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO 16 – Personagem Galileu Galilei .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO 17 – Termo de empréstimo Museu da UFSC das reproduções das obras cedidas ao estágio .....</b>	<b>161</b>
<b>ANEXO 18 – Registro de Observação das aulas de LP – Ana Carolina .....</b>	<b>162</b>
<b>ANEXO 19 – Registro de Observação das aulas de LP – Morgana.....</b>	<b>163</b>
<b>ANEXO 20 – Narrativa mítica “Perseu e Medusa” do livro didático .....</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO 21 – Primeira produção textual .....</b>	<b>167</b>
<b>ANEXO 22 – Comentários da primeira versão da narrativa mítica .....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXO 23– Como funcionam os gêneros entrevista e notícia: um esquema.....</b>	<b>173</b>
<b>ANEXO 24 – Notícias e entrevistas Jornal Escolar <i>Notícias do Beatriz</i> .....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO 25 – Texto “Ao entardecer” de Maria de Lourdes Krieger .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO 26 – Algumas Narrativas Míticas: primeira, segunda versão e ilustrações .....</b>	<b>185</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

A disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) leva a inserção do aluno de licenciatura no ambiente escolar, em uma instituição pública de ensino, como prática discursiva real da sociedade. Dessa forma, no estágio docência é possível colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de nossa formação acadêmica e experimentar um pouco o fazer docente, que não é apenas transmitir conhecimentos, mas é ouvir o outro e se posicionar diante das circunstâncias que aparecem.

Neste relatório, serão apresentados os registros das experiências e resultados obtidos no estágio docência de Língua Portuguesa no decorrer do semestre 2015/1, na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, situada no bairro Pantanal, em Florianópolis, no 8º ano, turma 82, assim como as ações de ensino de língua em projetos extraclasse *Jornal Escolar Notícias do Beatriz*.

Iniciamos este trabalho com uma apresentação da escola e alguns aspectos que observamos ao longo do estágio docência. Portanto, caracterizamos a escola, o seu espaço físico, os professores, funcionários e colaboradores, a professora regente de língua portuguesa e a turma na qual realizamos o estágio. Neste mesmo tópico trazemos uma análise fundamentada das 14 horas aulas observadas no período entre 16 de março a 9 de abril de 2015.

Em seguida apresentamos o Projeto Docência *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, no qual objetivamos, a partir do conhecimento que os alunos já possuíam sobre a mitologia, mostrar uma pouco mais sobre a mitologia da Ilha de Santa Catarina, ou “Ilha da Magia” através da literatura e obras de arte de Franklin Cascaes. Dessa forma, desejou-se, neste projeto, ampliar o repertório dos alunos através de atividades de leitura, escrita, reescrita, pesquisa, debate, análise e reflexão sobre a língua. Neste tópico trazemos os planos de aula e sua análise, mostrando, assim, os pontos positivos e as dificuldades encontradas durante o estágio, que foi realizado entre 11 de maio e 2 de julho.

A terceira parte deste relatório consiste na apresentação e reflexão do projeto extraclasse *Jornal Notícias do Beatriz*, que foi realizado em parceria com a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito e com os demais professores estagiários de português da UFSC que também estavam atuando nesta escola. Para finalizar este relatório, mostramos

algumas vivências do fazer docente no espaço escolar, que consiste na participação de entrega de notas, reunião de pais, atividades relativas ao movimento de greve que ocorreu no período de estágio docência, entre outras.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio descritas neste relatório, contribuíram, de forma intelectual e didática, para o enriquecimento da nossa futura profissão. Além de nos fazer entender as relações que existem dentro da escola e por meio dela; do professor com o aluno, dos alunos entre si e do trato com os demais profissionais, nos fez perceber, também, que a tarefa do professor não começa e termina na sala de aula, mas vai muito além dela e contribui para formação de um aluno crítico e consciente.

## 2. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

### 2.1 A ESCOLA: APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

#### 2.1.1 A Escola

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, que atende exclusivamente ao Ensino Fundamental, foi inaugurada em 1963, no bairro do Pantanal, no município de Florianópolis, e marca um importante momento histórico para região, que iniciou sua trajetória nos anos de 1930 com casas-escolas. A construção do novo e atual prédio da escola, em 1986, foi outro passo marcante para a vida do bairro, isso nos mostra que a escola tem uma grande contribuição para a vida da comunidade, “para além dos muros da escola”.

Neste ano, a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito está passando por uma grande reforma, a qual reorganizará seus espaços internos e externos. Os espaços em funcionamento atualmente são os seguintes: 10 salas de aula, 1 sala informatizada, 1 biblioteca, 4 espaços socráticos, 1 sala multiuso, 1 ginásio de esportes, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de auxiliares de ensino, 1 sala de professores, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala de planejamento, 1 sala de apoio pedagógico, 1 cozinha e depósito, 1 refeitório, 1 almoxarifado, 6 banheiros, 1 banheiro adaptado e 1 depósito de material de limpeza.

Observa-se, então, uma escola preocupada com os rumos políticos, sociais que podem comprometer o ensino da mesma, numa “trajetória em busca da excelência do ensino público de qualidade, pelos esforços de todos os que se comprometeram nela e com ela, com as crianças e adolescentes, professores, alunos, funcionários, pais e amigos da comunidade escolar a re-evolucionar e re-encantar o mundo”<sup>1</sup>. Para isso, a escola possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) que defende o domínio da linguagem, pois “assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social”.

Há na escola, incluído no PPP, o projeto “Beatriz além dos muros”, por meio do qual cada turma faz uma saída de estudo uma vez por ano, no qual os alunos colocam os saberes em prática, e busca, entre outras coisas, dar sequência ao seu Projeto Político Pedagógico *Ler e escrever um compromisso da escola e de todas as áreas, com sucesso*.

---

<sup>1</sup> Texto disponível no *blog* da escola: <<http://escolabeatrizdesouzabrito.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

O PPP da escola coloca-se de forma interdisciplinar e nele assume-se que ler e escrever é um compromisso de todas as áreas: *o que nos une é a memória e o que nos iguala é o conhecimento*. Para a escola, é “pela linguagem que os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura” (PPP, p. 13). Sendo assim, a leitura e a escrita não ficam a cargo apenas da disciplina da língua portuguesa. Essa interdisciplinaridade se dá pelo trabalho com os gêneros do discurso próprios a cada área do conhecimento, percebemos então o uso da teoria de Bakhtin (2011, p. 261-262, grifo do autor):

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Os gêneros textuais<sup>2</sup>, que é o eixo integrador da escola, são distinguidos pelo conteúdo temático e pelo estilo, e também levam em conta as esferas comunicativas, a vontade do participante e a intenção do locutor. Para Koch (2011), a escolha de gênero deve levar em conta o objetivo que se pretende, o lugar social e a função dos participantes, e o agente deverá adaptar o modelo de gênero as demandas, mesmo esse contribuindo para a transformação do gênero. Embora tenha uma configuração própria, o gênero está vulnerável as modificações que a interação com outros gêneros pode produzir.

O planejamento pedagógico da escola organiza-se a partir das sequências didáticas, contendo conteúdo conceitual (o que é, conceito), conteúdo procedimental (como se faz), conteúdo atitudinal (como se aplica), como proposto pelos autores Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004). Conforme o PPP (2015, p. 31), “ao aplicar sequências didáticas e explorar as diferentes características de um gênero textual, o professor reúne de modo natural atividades de leitura, escrita e gramática”.

---

<sup>2</sup> Gêneros discursivos como objeto de ensino e textos como unidade de ensino.

### 2.1.2 Corpo Docente e Administrativo

O grupo gestor da escola é composto pelo diretor; por uma funcionária que realiza o atendimento a alunos e pais, substitui o diretor em sua ausência e exerce outras atividades relacionadas com a secretaria da Escola; uma funcionária responsável pela organização do trabalho administrativo, pela ficha de controle frequência, pelo controle de estagiários e é articuladora do Programa de Saúde do Escolar (PSE); um funcionário que organiza o trabalho pedagógico do 6º ao 9º ano, elabora o projeto da Escola de Tempo integral e é professor de Artes do 9º ano; uma funcionária responsável pela organização do trabalho pedagógico do 1º ao 5º ano e é articuladora do PSE; uma funcionária que organiza o trabalho pedagógico do 1º ao 9º ano e organiza o projeto Beatriz para além dos seus muros; uma funcionária que orienta a pesquisa escolar, promove a leitura e atividades relacionadas à biblioteca da Escola; e uma funcionária articuladora do grêmio estudantil no Beatriz, professora de Educação Física dos anos iniciais e coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Educação Física.

No quadro 1 podemos visualizar o número de profissionais que auxiliam na concretização dos objetivos da Escola Básica Beatriz de Souza Brito.

**Quadro 1 – Número de profissionais da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

<b>Área</b>	<b>Nº Profissionais</b>
Séries Iniciais	<b>8</b>
Português	<b>2</b>
Matemática	<b>2</b>
História	<b>2</b>
Geografia	<b>1</b>
Ciências	<b>2</b>
Inglês	<b>2</b>
Ed. Física	<b>4</b>
Artes	<b>3</b>
Merendeira	<b>4</b>
Serviços gerais	<b>7</b>
Vigias	<b>4</b>
Aux. de ensino	<b>4</b>
Aux. Ed. Especial	<b>2</b>
Sala informatizada	<b>1</b>
Bibliotecária	<b>1</b>
Aux. Biblioteca	<b>2</b>
Secretária	<b>1</b>
Aux. Secretaria	<b>1</b>
Equipe Ped.	<b>1</b>
Direção	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>51</b>

Fonte: PPP, p. 20.

### **2.1.3 A turma 82**

Quando iniciamos o período de observação – período de estudo do campo de estágio – a turma 82 era composta por 26 alunos, com variação de faixa etária entre 12 e 18 anos, sendo 16 meninas e 10 meninos. Porém, durante o estágio docência ocorreram algumas mudanças, trocas de turnos de alunos e finalizamos o período de prática docente com 28 alunos na turma.

Grande parte da turma mora aos arredores da escola e em bairros vizinhos. Alguns vieram de outras cidades para morar no bairro Pantanal, onde a escola é localizada, e escolheram estudar ali.

No geral, os alunos possuem uma relação mútua de coleguismo, no entanto, é inevitável que grupos se formem por aqueles que se identificam por alguma característica predominante, seja classe social, beleza, ou até mesmo por aqueles com maior dedicação à aprendizagem etc. Como consequência disso, geralmente surge o preconceito, o *bullying*, mas que, felizmente, não fizeram parte do nosso período de observação. Então, há os grupinhos, mas também há o respeito.

Na relação da turma com a professora, esse respeito continua ativo. Apesar de serem um pouco agitados – o que é normal, especialmente nessa fase de suas vidas –, o diálogo sempre foi importante para resolução de algum problema ou impasse.

A turma foi bastante receptiva com as estagiárias e mostraram, a grande maioria, dedicação e diálogo em relação à disciplina de Língua Portuguesa. Durante as aulas de leitura, por exemplo, houve alunos que levaram os livros que gostavam de ler – geralmente *Best-sellers* –, alguns preferiram ir à biblioteca buscar revistas em quadrinhos e outros liam os livros que estavam previstos no planejamento da professora de língua portuguesa da turma. Estes últimos eram livros de literatura canônica ou adaptação que os alunos levavam para ler em casa e posteriormente realizavam avaliação de verificação de leitura.

Enfim, os alunos demonstraram grande animação e efetiva participação quando eram realizadas atividades diversificadas, em grupos, dinâmicas etc. E foi um dos aspectos que consideramos de grande valia para a prática docente.

### **2.1.4 A Professora Regente**

A professora da turma é efetiva na Educação Básica na Prefeitura Municipal de Florianópolis, com carga horária de 40h, e na Rede Estadual de Educação de Santa Catarina trabalha com o Ensino Médio, com carga horária de 20h. Formada em Letras: Língua e

Literaturas Portuguesa pela UFSC, com especialização em gestão escolar. Seu planejamento é elaborado a partir do PPP da escola, que tem como fundamentos a sequência didática para o ensino de gêneros discursivos, e esteve presente durante as aulas observadas.

## 2.2 ANÁLISES FUNDAMENTADAS DAS AULAS OBSERVADAS

### 2.2.1 Análise crítica – Estagiária Ana Carolina de Souza Ostetto

A escola é um lugar de encontros, reflexões, diálogos... Ao pensar nela, na minha formação<sup>3</sup>, na carreira em que escolhi seguir, muitas dúvidas me perseguem, às vezes com um olhar estereotipado, mas sempre tentando ir avante, em busca de meus sonhos, ir além daquilo que nos colocam como ser o certo em relação à educação e à escola. Dessa forma, o estágio de observação foi um momento para que se pudesse explorar essas dúvidas, buscar novos conhecimentos e ampliar nossos horizontes em relação à prática pedagógica e à rotina escolar.

Dessa forma, pude perceber neste período de observação (16 de março a 9 de abril de 2015) (Anexo 18) na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito a sua preocupação com o coletivo, com a sociedade, uma escola que procura ir além de seus muros, e que tem como eixo central para todas as disciplinas o ler e o escrever, e que é o objeto de estudo/pesquisa da disciplina de Língua Portuguesa.

Em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola deixa claro que a sua concepção teórica é sócio-histórica e dialógica da linguagem, utilizando assim a teoria de gêneros do discurso de Bakhtin (2012) para discutir a prática pedagógica e docente.

Nas aulas de Língua Portuguesa que observamos, foi possível perceber que isso acontece de fato. A professora nas atividades em que desenvolveu procurou aproximar os alunos do gênero que estava sendo trabalhado e mostrando suas possíveis regularidades, pois, para Bakhtin (2012), os gêneros são tipos relativamente estáveis, e cada esfera possui seus próprios gêneros e suas próprias demandas.

Observamos que os alunos estão sempre atentos às possíveis “escorregadas” no que chamam de erros, a professora sempre procurou dizer que todos erram e que o professor está sempre aprendendo com eles e procurando fazer o melhor. Sobre isso, Ângela Kleiman (1995, p. 54) destaca que o professor não “[...] precisa saber tudo sobre a língua escrita, sobre as linguagens não-verbais, sobre as novas práticas sociais emergentes, porque, ao se engajar em

---

<sup>3</sup> O estágio foi um trabalho coletivo, porém algumas reflexões são individuais. Dessa forma, para marcar o que se refere à experiência e impressões individuais será utilizada a 1ª pessoa do singular.

práticas de letramento, estará engajado numa atividade colaborativa em que todos têm algo com que contribuir, todos têm algo a aprender”.

As ideias de Geraldi (2010, 2011) estão também presentes na prática docente, pois a professora considera a vivência do aluno, que escuta e percebe, que pode transformar o que ele viveu em perguntas. Um exemplo disso aconteceu durante as apresentações dos alunos sobre o gênero “carta do leitor” no qual vários temas foram apresentados, e um deles chamou a atenção de todos, que foi sobre a questão do aborto e levantou muita discussão, a professora percebendo a empolgação dos alunos aproveitou e perguntou se não queriam trabalhar sobre o tema. Neste caso, temos, nos termos autor, uma *aula como acontecimento*. Portanto, devemos interrogar aquilo que vivemos e ultrapassar aquilo que nos é dado como pronto, fechado, pois “ensinar não é mais transmitir e informar, ensinar é ensinar o sujeito aprendente a construir repostas, portanto só se pode fazer a partir de perguntas. [...] a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade” (GERALDI, 2010, p. 100). E o professor “sozinho não precisa dar conta dos sentidos todos de cada um dos elementos constituintes da resposta à pergunta formulada, mas é seu dever organizar com os alunos mais perguntas [...]” (GERALDI, 2010, p. 97).

O estágio de observação nos proporcionou conhecermos a realidade escolar e o funcionamento da instituição. As aulas observadas foram essenciais para analisarmos a turma e refletirmos sobre os caminhos a seguir em nossa prática docente.

### **2.2.2 Análise crítica – Estagiária Morgana Ferreira**

Nesta etapa do estágio em que nos dedicamos exclusivamente à observação (de 16 de março a 9 de abril de 2015) (Anexo 19), foi possível relacionar teoria e prática, o que me deixou um tanto aliviada, por já ter ouvido relatos de colegas do curso de Letras, que atuam em outras escolas públicas, sobre o distanciamento entre o que se aprendia sobre o ensino, na universidade, e o que realmente se ensinava nas escolas.

Vale ressaltar a importância do PPP da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito para evidenciar a aproximação entre teoria e prática e, inclusive, entre os saberes escolares e a vida social. Como observamos, estas aproximações ocorrem pelo estudo dos gêneros textuais, pela concepção dialógica da linguagem, pela interação em sala de aula.

Além de Bakhtin (2012), Geraldi (2010, p. 101-102) também esteve presente nas aulas de língua portuguesa que observamos, sobretudo, quando o texto do aborto escolhido na

revista *Superinteressante* por uma das alunas gerou toda uma discussão e curiosidade dos colegas: “Focalizado na aprendizagem, o ensino não pode ter um planejamento inflexível. Importa muito mais aprender a aprender do que aprender o já sabido e definido! O conhecimento sistematizado deve fazer parte do percurso e não ser o fim do percurso”. Sendo assim, a professora aproveitou o interesse dos alunos para propor uma aula de pesquisa sobre esse assunto que é um retrato da realidade, mas que é tão marginalizado.

No entanto, uma das dificuldades que se tornou evidente foi o domínio da turma pela professora. Devido a alguns momentos de conversa, desconcentração e agito da turma, o ensino foi abafado, conforme explica Kliebard (2002, 132 apud FRAGO, 2007, p. 143-144) sobre as duas funções aparentemente compatíveis que os professores devem assumir em sala de aula: “[...] a função de manter a ordem e a de ensinar. Em princípio, adianta, ninguém nega que seja necessário o mínimo de ordem para ensinar. No entanto, sustenta, o requisito de manter a ordem chegou a ser na prática tão supremo ou dominante que abafa a função de ensinar”.

Porém, essa agitação e vontade de falar foi muito bem aproveitada pela professora para realização de trabalhos orais, como já relatado. Conforme Antunes (2010, p. 53), “no que se refere à oralidade, deve ser de interesse da escola promover diferentes situações de interação, com distintas finalidades e destinadas a grupos variados de interlocutores (ora muitos, ora poucos), do mesmo ou de outro grupo”.

Pudemos observar a oralidade em situações como apresentação de trabalho, respostas às indagações da professora durante provocações, especialmente provocações nas aulas de leitura. E, por falar em leitura, o PPP tem como objetivo a formação de alunos leitores e escritores, portanto, as aulas de Língua Portuguesa destinadas à leitura são de grande valia, conforme afirma Geraldi (2010, p. 103) sobre as múltiplas faces da leitura:

[...] ler não é apenas reconhecer o signo com suas significações do passado. Ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto – incluem também as contrapalavras do leitor – para permitir a emergência de um sentido concreto, específico e único, produto da leitura que se está realizando. Neste sentido, a leitura é também co-produção do texto, uma atividade orientada por este, mas que lhe ultrapassa. O reconhecimento do que já é reconhecido é uma condição necessária para que se dê a leitura, mas não é condição suficiente. É preciso ultrapassar o já sabido e reconhecido para construir uma compreensão do que se lê (e do que se ouve).

E eram exatamente essas múltiplas faces da leitura que a professora explorava com os alunos, conforme descrevi nos relatos de observação, tanto leitura de textos quanto leitura de imagens.

Esses pontos destacados na análise foram os que mais evidenciaram, do meu ponto de vista, a relação teoria e prática. Este período de observação foi, então, um tijolinho a mais na minha formação docente, a qual possui como base e fundamento todo o aparato teórico adquirido durante as fases anteriores do curso de Letras. Apesar de nunca cessarem os tijolinhos, já que o aprendizado nunca cessa, o período de docência será um grande avanço nessa construção e nesse aprendizado do fazer docente.

### 3. PROJETO DOCÊNCIA

O mundo da fantasia projeta o homem para dentro de regiões culturais inimagináveis do fantástico sobrenatural. É um mundo onde o pensamento humano tem poderes quase ilimitados para viver a beleza de sonhos invisíveis, alçados em asas de bandos de anjos que conseguem elevar-se aos páramos de mundos superiores a este em que nascemos, vivemos e morremos. (Franklin Cascaes).

Pensando na importância do domínio da linguagem, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola de Educação Básica Beatriz de Souza Brito defende que “Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela linguagem os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura”.

Dessa forma, desenvolvemos este projeto à luz da teoria sócio-histórica, enfatizando a constituição do sujeito e do papel da linguagem nesse processo e da importância de se dialogar com os conhecimentos construídos pelos alunos fora do espaço escolar no seu processo de aprendizagem escolar. De acordo com essa teoria, leitura e escrita estão estreitamente relacionadas, estando todos os elementos – em especial leitor, texto, autor – situados em um determinado momento histórico-social. Para Bakhtin [Volochínov] (2009, p. 127, grifo do autor), “a verdadeira substância da língua não é constituída pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*”. Com isso, o enunciado, como a unidade real e concreta da comunicação discursiva, “é concebido como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente constituídos que, em uma dada situação de interlocução, interagem por meio da linguagem” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 27).

Pensando nisso, nos apropriamos do eixo norteador do PPP da Escola, o qual propõe que ler e escrever é compromisso de todas as áreas do conhecimento, para alcançar o principal objetivo delineado pelo mesmo PPP: a formação de alunos leitores e escritores. Portanto, enquanto professoras, em nossa ação docente, abordamos neste projeto de docência não somente a leitura de textos, mas também a leitura da arte, de esculturas e de desenhos que fizeram e fazem parte da mitologia da ilha de Santa Catarina, a partir de obras do escritor e artista catarinense Franklin Cascaes, pois lidar com a formação do leitor é uma maneira de fazer compreender melhor e a fundo uma nova percepção do cotidiano, de mundo, de vida.

Aprender a ler e a escrever é saber que existe uma possibilidade de ir além, de sonhar e de pensar que tudo é possível através da literatura.

### 3.1 JUSTIFICATIVA

Partindo da ideia de que é necessário ir além dos conceitos, procedimentos e informações ensinados em sala de aula, ou seja, de que é preciso colocar esses aprendizados escolares em prática para que o aluno aprenda também a tomar a palavra, constituindo-se autor de seus dizeres, e assim responder ativamente à palavra do outro nas mais diferentes situações de interação; propiciamos aos alunos do oitavo ano do ensino fundamental, da Escola de Educação Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, uma aproximação com a mitologia da Ilha de Santa Catarina pelo acesso ao conhecimento acerca da vida e obra literária de Franklin Cascaes, pois, de acordo com Todorov (2012, p. 76-77):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Essa aproximação é prevista pelo PPP da Escola, através do projeto “A Escola Beatriz para além dos seus muros”, e que acreditamos ser de grande importância para a promoção da relação entre os saberes escolares e os conhecimentos construídos fora do espaço escolar, assim como entre escola e sociedade, já que o estudo da mitologia não pode ficar limitado à mitologia greco-romana como única e acabada.

Dessa forma, a partir do conhecimento dos alunos sobre a mitologia de um modo geral e, em seguida, sobre a mitologia da Ilha de Santa Catarina, ou “Ilha da Magia”, desejou-se ampliar o repertório dos alunos através de atividades de leitura, escrita, reescrita, pesquisa, debate, análise e reflexão sobre a língua.

### 3.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Concordando com a teoria de mediação de Vygotsky e as teorias de interação verbal e gêneros do discurso de Bakhtin, desenvolvemos este projeto pensando no sujeito como

alguém que em sua singularidade se faz no mundo, se marca no mundo através de sua ação concreta. (BAKHTIN, 2012)

Nesse sentido, na teoria de Vygostky (1987), o sujeito se constitui na e pela linguagem que é mais do que uma forma de comunicação, ela é, também, uma função reguladora do pensamento. Nas palavras do autor: “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento” (VYGOTSKY, 1987, p. 104).

O sujeito, para Vygotsky (1987), se constitui através da interação com o outro, passando da Zona de Desenvolvimento Real (conhecimento já adquirido) para a Zona de Desenvolvimento Potencial (conhecimento que pode ser desenvolvido), através da mediação. O papel do professor seria, portanto, de mediador entre o conhecimento internalizado pelo aluno e aquele a ser apropriado por ele. A zona de atravessamento, de mediação entre a ZD real e a ZD potencial é nomeada pelo autor como Zona de Desenvolvimento Proximal e se constituiria na imagem de uma ponte.

Estudando essa teoria, percebemos o valor da busca do viver real do aluno, da sua realidade concreta, para aprofundarmos e ampliarmos seu conhecimento de mundo. Por isso, essa abordagem teórica é de grande importância para nosso projeto, ao longo do qual trabalhamos o tema narrativa mítica na Ilha de Santa Catarina.

As autoras Jesus e Brandão (2001, p. 47) contribuíram de forma positiva com suas pesquisas, já que a partir do viés bakhtiniano nos explicam o real sentido de estudar a narrativa mítica:

Como um gênero do discurso pertencente à classe dos discursos primários (Bakhtin, 1992), o mito é uma narrativa de composição simples que tem uma preocupação explicativa, atendendo a uma necessidade que temos, seres humanos de dar um sentido para as coisas, para os fenômenos que nos cercam. Enfoca temas que tocam nas raízes culturais de um povo, revelando-nos o seu conhecimento de mundo, seu modo de ver a realidade. Dessa forma, o mito constitui um gênero narrativo que faz parte da construção da identidade de um povo.

No entanto, muitas vezes a mitologia estudada é apenas aquela distante do aluno, e não são aproveitadas as oportunidades de aproximar a realidade deles ao que está sendo estudado. O mito, por exemplo, faz parte da construção da identidade do povo de Florianópolis, e por isso, considerou-se de suma importância sua presença nas salas de aula dos alunos que vivem esta realidade. No entanto, Averbuck (1991) explica o porquê disto nem sempre acontecer: a escola está inserida no sistema capitalista, voltado para a produção e o ganho; a escola, na

grande maioria das vezes, acaba sucumbindo a uma visão utilitarista de educação, pouco preocupada com o prazer, o lúdico, e o aspecto cultural, mas, sobretudo em gerar mão de obra para o mercado de trabalho. Nesse sentido, a cultura local e a arte em geral geralmente acabam marginalizadas, quando não descartadas, visto que não oferecem contribuições imediatas. Porém, compreendendo como próprio papel da arte desenvolver a personalidade humana (AVERBUCK, 1991), percebemos sua estreita relação com a mitologia e sua extrema importância para a ampliação de possíveis leituras realizadas pelos alunos.

Um dos reflexos desta escola voltada para a produção e o ganho e pouco preocupada com o prazer, assim como com o aspecto cultural, é a não valorização do texto dos alunos, de suas singularidades na produção, já que é visto como pretexto para ensino de normas e padrões, o que acaba fechando-o em si mesmo, castrando seu poder discursivo; negando sua responsividade, e ceifando-lhe o dialogismo característico de todo enunciado – que é produto da interação do locutor e do ouvinte –, e servindo de expressão de um em relação ao outro, comportando duas faces (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009). A leitura existente nessa escola sofre também suas transformações, já que passa a ser um ato puramente mecânico, carregado de dogmatismo, que, alienado e passivo, desconsidera que “todo o leitor traz algum tipo de experiência, uma bagagem que precisa ser respeitada” (ZILBERMAN, 2005). Portanto, o texto literário precisa ser visto de uma perspectiva aberta, que, conforme aponta Zilberman (1988), necessariamente se constitui com a contribuição do leitor.

Para se trabalhar a literatura, ser professor “é estar-se sempre em questionamento” (RITER, 2009, p. 66), e segundo Hélder Pinheiro (apud RAMOS; CORSO, 2010, p. 36), ele tem que ser um leitor que tenha experiência, esteja atento aos interesses dos alunos, e como diz Todorov (apud BARRANCO, 2007), deve-se “partir de textos em que haja um interesse evidente para os alunos e ir progressivamente para textos mais distantes, de mundos que lhes sejam mais estranhos. E falar do que falam os livros e não só do livro: [...] os alunos podem se reconhecer nas histórias de identidade, amor, depressão ou violência que os livros contam”. O professor tem a responsabilidade de manter viva a motivação à leitura, e de compreender os mecanismos que regulam o seu ensino.

Dessa forma, pretendeu-se neste projeto docência efetivar o ensino da língua portuguesa pelas práticas sociais do uso da linguagem, privilegiando a prática da leitura e da escrita, mas voltando-se também à oralidade e à análise linguística. Considerando o que propõem nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de língua portuguesa deve oferecer condições para que o aluno desenvolva os seguintes conhecimentos:

- Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- Expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- Refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 59).

Com base nos pressupostos assumidos para orientar a nossa ação docente, a fala/escuta foi desenvolvida através de discussões e debates, assim como da socialização do conhecimento já possui internalizado pelo aluno. Já a leitura foi trabalhada através de textos que tratam do tema norteador do projeto. A partir da leitura e das discussões realizadas foram construídas produções textuais; a reflexão sobre a língua teve como núcleo o estudo do tempo, espaço, personagem e variação linguística, tanto nos textos lidos como nos textos produzidos pelos alunos.

O tema foi desenvolvido através do gênero narrativa mítica, lembrando sempre a ideia bakhtiniana de que toda unidade concreta da linguagem, ou seja, o enunciado se materializa através de gêneros que são tipos de discurso relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011). Concordando com Dolz (2014, p. 10):

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

A análise linguística que tem como núcleo o estudo do tempo, espaço, personagem e variação linguística foi trabalhada a partir de leituras e da produção textual do aluno vinculada ao seu uso real. Damos ênfase na variação linguística, já que as narrativas mitológicas de Franklin Cascaes são constituídas de uma escrita que retrata o dialeto da ilha de Santa Catarina.

### 3.3 OBJETIVOS

#### 3.3.1 Objetivo Geral

Potencializar habilidades e conhecimentos acerca das práticas de uso da língua, na modalidade oral e escrita, com foco na narrativa mítica, fazendo relação entre aquilo que é o canônico e o não canônico.

Ampliar o repertório literário e artístico, por meio da leitura e análise de obras do escritor e artista catarinense Franklin Cascaes, desenvolvendo estratégias de leitura, as quais, de forma lúdica e prazerosa, despertem a curiosidade e a necessidade de aprofundar conhecimentos em diferentes textos.

#### 3.3.2 Objetivos Específicos

- Ampliar conhecimentos sobre mitologia greco-romana e mitologia da Ilha de Santa Catarina;
- Estabelecer a relação entre literatura mítica e arte;
- Refletir sobre adaptações de obras da literatura mítica para o cinema;
- Utilizar os meios tecnológicos para conhecer a arte da mitologia *in loco*;
- Conhecer o autor e artista catarinense Franklin Cascaes;
- Refletir sobre a variação linguística presente na obra de Franklin Cascaes;
- Desenvolver competências na comunicação oral e escrita;
- Auxiliar na desenvoltura dos estudantes em relação à interpretação, expressão, oralidade;
- Desenvolver a participação e a interação através de discussões realizadas em sala de aula e da socialização das memórias individuais e das produções textuais dos alunos;
- Compreender a narrativa mítica, como um gênero que circula socialmente, considerando sua função social, forma de composição e recursos discursivos, textuais e linguísticos;
- Produzir uma narrativa mítica com elementos que remetam à narrativa mítica para ser publicada no livro de contos da turma.

### 3.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS

Com base na concepção dialógica de linguagem o objeto de conhecimento das aulas de Língua Portuguesa é a própria língua, sintetizada nas práticas de uso que dela se faz: fala/escuta (oralidade) leitura/escrita e reflexão sobre os próprios recursos da língua (análise linguística). A unidade de ensino passa a ser o texto e o objeto de ensino o gênero narrativa mítica. Nesse sentido, no desenvolvimento deste projeto de docência, trabalhamos com:

- O canônico e o não canônico na literatura;
- Literatura e arte míticas;
- Narrativa mítica: função social, forma de composição, recursos discursivos e linguísticos;
- Debate e exposição de ideias;
- Leitura-fruição e leitura-estudo de narrativas míticas;
- Escrita e reescrita de narrativa mítica;
- Variação linguística: o falar próprio dos personagens da obra de Franklin Cascaes;
- Análise linguística: tempo, espaço e personagem.

### 3.5 METODOLOGIA

O projeto de estágio docência *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina* foi desenvolvido através de aulas expositivo-dialogadas, buscando suprir as necessidades dos alunos diante de suas necessidades na realização das atividades que serão propostas.

Dessa forma, na primeira semana (de 11 a 14 de maio de 2015) procuramos relacionar narrativa mítica e arte. Nessas aulas apresentamos algumas obras de literatura não canônica de narrativa mítica e, com base nisso, refletimos sobre a narrativa mítica da Ilha de Santa Catarina e sobre o apelido dado a Florianópolis, “Ilha da Magia”, e sua relação com a narrativa mítica. A partir dessa discussão, apresentamos a vida e obra do autor florianopolitano Franklin Cascaes.

Na segunda semana (de 8 a 11 de junho de 2015), após três semanas da greve de funcionários da Prefeitura Municipal Florianópolis, apresentamos os elementos que constituem os gêneros de estrutura narrativa, tema de nosso projeto, e iniciamos a leitura de narrativas de Franklin Cascaes (2002, 2003, 2012) do livro *O fantástico na Ilha de Santa*

*Catarina*. A partir da leitura das narrativas realizamos uma dinâmica na qual abordamos aspectos linguísticos presentes nas narrativas, como tempo, espaço, personagem, variação linguística e os alunos tiveram que socializar as respostas da dinâmica.

Na terceira semana (de 15 a 18 de junho de 2015), realizamos a leitura da narrativa de Franklin Cascaes *Irmãs Gêmeas*. Foi realizada uma exposição pelas professoras estagiárias na “praça” da Escola com reproduções de obras de Franklin Cascaes cedidas pelo Museu UFSC e uma palestra com a Profa. Dra. Denise Araújo, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), a fim de aproximar a mitologia da Ilha de Santa Catarina pelo acesso à vida e obra de Franklin Cascaes. Sobre essas atividades foi produzida uma produção textual – os alunos podiam optar por uma narrativa ou um texto opinativo – no qual foi privilegiada a modalidade escrita.

Na quarta semana (de 22 a 25 de junho de 2015), foi construído, coletivamente, um personagem que permeou as narrativas míticas escritas pelos alunos. Este personagem teve que aparecer nas histórias criadas pelos alunos, “seja como protagonista, seja como figurante, uma personagem fixa, com características previamente assentadas” (CARDOZO; MIGUEL, 2009). Retomamos o que é o gênero narrativa mítica, a partir do conto “Ao entardecer”, de Maria Lourdes Krieger (2009), e também alguns aspectos linguísticos da narrativa, como marcas de tempo, espaço, personagem e narrador. Apresentamos o projeto final do estágio docência o livro ilustrado “Narrativas fantásticas do Bia” e os alunos iniciaram as produções textuais.

Na quinta e última semana (de 29 de junho a 2 de julho de 2015, foi finalizada a primeira e segunda versões da produção textual da narrativa mítica e os alunos fizeram a ilustração do texto que fará parte do livro. As narrativas míticas ilustradas foram socializadas com os demais colegas, ou seja, os alunos leram o texto na última aula. Apresentamos o texto de fechamento do projeto de docência *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, com o objetivo de sintetizar todo o trabalho desenvolvido ao longo de nossas aulas.

### 3.6 CRONOGRAMA DE DOCÊNCIA

CRONOGRAMA	
<b>Aula 1</b> (11/5) Morgana	- Apresentação do projeto: será entregue um texto aos alunos com a proposta, que será lido e discutido; - Construção com os alunos de uma “poção mágica” para melhor aproveitamento/realização das aulas (combinados/contrato didático).
<b>Aulas 2 e 3</b> (12/5) Ana Carolina	- Literatura não canônica: Percy Jackson e os mitos gregos; contos africanos e indígenas; - Literatura mítica e arte: uma viagem virtual pelos museus do mundo ( <i>Galleria degli Uffizzi</i> – Florença); - 1ª produção textual: Por que Florianópolis é Ilha da magia? Os alunos irão escrever um texto que será socializado com os demais colegas na próxima aula. - Biblioteca (solicitar que bibliotecária separe livros de mitologia).
<b>Aula 4</b> (14/5) Morgana	- Socialização do texto – turma organizada em círculo; - Introdução sobre a vida e obra de Franklin Cascaes.
<b>Aula 5</b> (8/6) Morgana	- Aula de leitura: Narrativas míticas de Franklin Cascaes: “Eleição bruxólica”; “Reumatismo Bruxólico”; “Madame Bruxólica e o Saci-pererê”; “Bruxas atacam pescador”; “Bruxas metamorfoseadas em bois” (Anexo 5). - Sugerir que façam anotações no caderno sobre a leitura, já que haverá debate na próxima aula (vale pontos). Deverão fazer anotações sobre o assunto, personagens, tema etc.
<b>Aula 6 e 7</b> (9/6) Morgana	- Interação por meio de uma dinâmica abordando a leitura das narrativas (será avaliado o falar/ouvir e verificado se o aluno de fato realizou a leitura), assim como aspectos linguísticos (tempo, espaço, personagem, variação).
<b>Aula 8</b> (11/6) Morgana	- Socialização da verificação de leitura.
<b>Aula 9</b> (15/6) Ana Carolina	- Leitura da narrativa “Irmãs gêmeas” para realização de uma verificação de leitura para aprofundar o conteúdo da aula anterior.
<b>Aula 10 e 11</b> (16/6) Ana Carolina	- Exposição das reproduções de Franklin Cascaes e palestra com a historiadora Professora do IFSC Dra. Denise Araújo Meira.
<b>Aula 12</b> (18/6) Ana Carolina	- 2ª produção textual – relatório de visita à exposição com a opinião dos alunos. Relacionar ao gênero carta do leitor já estudado por eles.
<b>Aula 13</b> (22/6) Morgana	- Criação coletiva de um personagem que fará parte das narrativas feitas pelos alunos.
<b>Aula 14 e 15</b> (23/6) Morgana	- Retomar o gênero narrativa mítica e análise linguística (tempo, espaço, personagem, variação linguística).
<b>Aula 16</b> (25/6) Ana Carolina	- 3ª produção textual – agora é sua vez de criar uma narrativa mítica, a qual fará parte do livro ilustrado (literatura e arte).
<b>Aula 17</b> (29/6) Ana Carolina	- Continuação da produção da narrativa mítica, a qual fará parte do livro ilustrado (literatura e arte).
<b>Aulas 18 e 19</b> (30/6) Ana Carolina	- Refacção da 3ª produção textual; - Ilustração.
<b>Aula 20</b> (2/7) Ana Carolina e Morgana	- Conte-nos a sua narrativa: socialização das narrativas míticas e ilustração; - Fechamento do projeto: será entregue aos alunos um texto com as atividades realizadas e os objetivos alcançados.

### 3.7 PLANOS DE AULA

#### 3.7.1 Plano de Aula 1 – 11 de maio de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 1**

**11/5 (segunda-feira) – 1 h/aula – das 14h15min às 15h**

**Tema:** Apresentação do Projeto “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina”.

#### **Objetivo geral**

Conhecer o Projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina” e a proposta de construção de uma “poção mágica” com os alunos para melhor aproveitamento das aulas, pela leitura de um texto construído pelas professoras estagiárias.

#### **Objetivos específicos**

- Estabelecer o primeiro contato com as estagiárias como professoras da turma, interagindo com elas e com o grupo na apresentação do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina”;
- Ler, coletivamente, o texto de apresentação do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina” (Anexo 1), debatendo com as professoras estagiárias e com os colegas os aspectos que considerarem importantes para a sua concretização no período do estágio de docência;
- Revisar os conhecimentos acerca do gênero receita (Anexo 2), tendo em vista a construção coletiva de uma “poção mágica” para a efetivação de aulas produtivas ao longo do desenvolvimento do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina”;
- Participar da construção coletiva de uma “poção mágica”, assumindo a palavra para sugerir “ingredientes” que contribuam para o aprendizado de cada um e do grupo;
- Confeccionar coletivamente cartaz com a “poção mágica”.

#### **Conteúdo**

- Leitura do texto de apresentação do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina”;
- Relembrar o que os alunos já sabem sobre o Gênero Receita;
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência no debate sobre o texto de

- apresentação do projeto e na construção coletiva da “poção mágica”;
- Construção coletiva do texto da “poção mágica”;
  - Elaboração e confecção de cartaz.

### **Metodologia**

A aula será dividida em dois momentos. No primeiro, serão apresentadas as estagiárias e será feito um “reconhecimento da turma”; a partir disso será entregue um texto de apresentação do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina” a ser realizado ao longo do estágio de docência e, após, fazer a leitura e discussão do mesmo.

No segundo momento, para entrar no clima do projeto, será proposta a construção de uma “poção mágica” para melhor aproveitamento das aulas, seriam como combinados, um contrato didático. Para “preparar” a “poção mágica” lembraremos o que os alunos já sabem sobre o gênero receita. Para isso, será entregue um texto explicando o gênero, que será lido em sala de aula. Entregaremos algumas receitas que constam em livros, caderno de receitas, produtos alimentícios, para que os alunos possam ver o gênero na sua função social. Realizada a explicação, será elaborado coletivamente o texto da “poção mágica” e, quando finalizado, será feito um cartaz e colocado na sala para que os alunos lembrem-se do acordo elaborado para as aulas. Os alunos darão um nome para a “poção mágica”.

### **Recursos didáticos**

- Caneta hidrográfica;
- Caneta para quadro branco;
- Cartolinas;
- Cola;
- Cópias de conteúdo teórico sobre o gênero receita;
- Cópias do texto de apresentação do Projeto de Docência;
- Folha branca;
- Giz de cera;
- Lápis de cor;
- Quadro;
- Régua;
- Tesoura;
- Livros de receitas.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados pela participação nas atividades propostas em sala de aula, considerando a pertinência das intervenções e o respeito aos colegas e aos professores.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2013. (Série aula, n. 1).

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

### 3.7.2 Plano de Aula 2 – 12 de maio de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 2**

**12/5 (terça-feira) – 2 h/aula – das 14h15min às 15h45min**

**Tema:** Narrativa mítica e arte e literatura não canônica.

#### **Objetivo geral**

Estabelecer relações entre literatura e arte por um breve debate acerca de obras de literatura não canônica de narrativa mítica e através de uma viagem virtual pelos museus do mundo, em diálogo com a expressão “Ilha da Magia”, como referência a Florianópolis.

#### **Objetivos específicos**

- Entrar em contato com algumas obras voltadas para o público infanto-juvenil, tipo *best-sellers*,
- Viajar virtualmente por museus, como a *Galleria degli Uffizzi*, em Florença, e *Metropolitan Museum of Art*, em Nova Iorque, para conhecer *in loco* algumas obras de arte, em particular, as que se relacionam com narrativas míticas, assim como outras formas de pesquisa na internet;
- Identificar personagens de narrativas míticas representados em diferentes obras, estabelecendo relações entre literatura, arte e cinema;
- Refletir sobre a presença ou não de narrativas míticas em Florianópolis e em Santa Catarina;
- Escrever um texto de opinião sobre a referência a Florianópolis como Ilha da Magia (Anexo 3).

#### **Conteúdo**

- Personagens de narrativas míticas representados na literatura, na arte e no cinema.
- Canônico e não canônico;
- Literatura e arte;
- Adaptação de obras literárias para o cinema;
- Literatura catarinense que trata sobre a narrativa mítica;
- Produção escrita de texto de opinião.

#### **Metodologia**

A aula será realizada na sala informatizada da escola e vai ser dividida em quatro

momentos. No primeiro momento será feita uma discussão sobre a literatura não canônica, com base na obra da série *Percy Jackson* e a sua adaptação para o cinema, pois está mais próxima da realidade dos alunos. A partir dessa discussão inicial, daremos sequência ao segundo momento, que buscará refletir sobre a narrativa mítica e a sua ligação com a arte, neste caso, iremos viajar virtualmente pelas estradas de Florença e pelo museu *Galleria degli Uffizzi*, na Itália, e pelo *Metropolitan Museum of Art*, em Nova Iorque, através no *Google Maps*<sup>4</sup>, mostrando algumas obras dessa temática que são muito conhecidas e apresentadas, também, no livro didático utilizado pelos alunos. Partindo do pressuposto de que mesmo essas obras estando longe, elas continuam muito próximas, pois têm muita divulgação, daremos continuidade ao terceiro momento com o seguinte questionamento: “Por que Florianópolis é chamada de Ilha da Magia?” (Anexo 3). A partir desse momento, dessa discussão, os alunos terão de escrever um texto de opinião, que valerá pontos, e socializar e discutir na próxima aula com os demais colegas. Enquanto alguns alunos fazem a primeira produção textual, outros irão à biblioteca pegar livros relacionados à mitologia selecionados previamente pela bibliotecária conforme solicitação das professoras estagiárias.

### **Recursos didáticos**

- Sala informatizada;
- Projetor multimídia;
- Filme DVD *Percy Jackson e o ladrão de raios*;
- Computador;
- Internet.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas em sala de aula, considerando a pertinência das intervenções; o respeito aos colegas e aos professores. Eles também serão avaliados pelo texto de opinião a ser produzido acerca da questão: “por que Florianópolis é chamada de Ilha da Magia”, considerando a pertinência das inferências em relação às discussões realizadas em sala de aula sobre a presença de narrativas míticas em Florianópolis.

### **Referências**

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 27 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. Tradução de Ricardo Gouveia. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. (*Percy Jackson e Os Olimpianos*, v. 1).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>.

### 3.7.3 Plano de Aula 3 – 14 de maio de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 3 14/5 (quinta-feira) – 1 h/aula – das 16h às 16h45min**

**Tema:** A Ilha da Magia e a vida e obra de Franklin Cascaes

#### **Objetivo geral**

Refletir sobre o apelido dado a Florianópolis, “Ilha da Magia” e a sua relação com a narrativa mítica, com base em estudos sobre a vida e obra do autor florianopolitano Franklin Cascaes.

#### **Objetivos específicos**

- Socializar o texto de opinião sobre a questão “Por que Florianópolis é conhecida como a Ilha da Magia?” elaborado na aula anterior, expressando-se com fluência, clareza e expressividade;
- Discutir as diferentes opiniões apresentadas sobre a referência a Florianópolis como Ilha da Magia, identificando semelhanças e diferenças;
- Aproximar-se da obra de Franklin Cascaes pela leitura de um breve texto elaborado pelas professoras estagiárias com dados de sua biografia.

#### **Conteúdo**

- Discussão sobre a opinião dos alunos quanto ao apelido de Florianópolis ser “Ilha da magia”;
- Expressividade, clareza, fluência na socialização do texto produzido;
- Aproximação da discussão com a vida e obra do escritor e artista florianopolitano Franklin Cascaes.

#### **Metodologia**

Dando continuidade a aula anterior, os alunos serão organizados em círculo para a socialização de suas produções (texto de opinião) sobre o questionamento “Por que Florianópolis é conhecida como Ilha da Magia?”. Após isso, iremos situar o escritor e artista florianopolitano Franklin Cascaes, apresentando aspectos de sua vida e obra, para tanto, iremos entregar um material sobre o mesmo para discutirmos.

#### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Textos de opinião produzidos pelos alunos;
- Texto sobre Franklin Cascaes (Anexo 4).

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação nas atividades propostas em sala de aula; considerando a pertinência das intervenções; o respeito aos colegas e aos professores. O texto de opinião será avaliado pela adequação da argumentação em relação à questão proposta, assim como serão consideradas a expressividade, fluência e clareza na apresentação oral do texto elaborado na aula anterior.

### **Referências**

ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

CASCAES, Franklin. *O fantástico da ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico da ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

### 3.7.4 Plano de Aula 4 – 8 de junho de 2015

Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 4**

**8/6 (segunda-feira) – 1 h/aula – das 14h15min às 15h**

**Tema:** As narrativas fantásticas de Franklin Cascaes

#### **Objetivo geral**

Entrar em contato com a obra de Franklin Cascaes através da leitura de narrativas do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*.

#### **Objetivos específicos**

- Ler, individualmente, as narrativas selecionadas do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* pelas professoras estagiárias (Anexo 5);
- Identificar aspectos do gênero narrativa mítica, como função social, tema, personagens, recursos expressivos e linguísticos próprios dos textos a serem lidos, especialmente em relação à variedade linguística;
- Estabelecer a relação entre as falas das personagens e a variedade linguística de comunidades de Florianópolis.

#### **Conteúdo**

- Leitura-fruição de narrativas míticas;
- A narrativa mítica como gênero do discurso: função social, forma de composição, recursos discursivos e expressivos;
- Obra literária de Franklin Cascaes;
- Literatura catarinense que trata sobre a narrativa mítica.

#### **Metodologia**

A aula será de leitura de narrativas do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* de Franklin Cascaes (“Eleição Bruxólica”, “Bruxas metaforseadas em bois”, “Bruxas atacam pescador”, “Madame bruxólica” e “Reumatismo bruxólico”) previamente selecionados pelas

professoras estagiárias. Serão selecionadas sete narrativas. Cada aluno lerá uma narrativa<sup>5</sup>, que serão distribuídos aleatoriamente. Antes de iniciar a leitura, que será feita em sala de aula, retomaremos a aula anterior, que foi sobre a vida e obra do escritor, e também apresentaremos a obra que será lida. Sugere-se aos alunos que façam anotações no caderno – como personagens, tema, variedade linguística –, pois será realizada uma dinâmica para verificação de leitura na aula seguinte, a qual valerá pontos.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;
- Cópia das narrativas do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação na atividade de leitura individual proposta em sala de aula, considerando sua postura na relação com o texto a ser lido e o respeito aos colegas e aos professores.

### **Referências**

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

---

<sup>5</sup> Não será possível disponibilizar um livro de *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* de Franklin Cascaes para cada aluno.

### 3.7.5 Plano de Aula 5 – 9 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**  
**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**  
**Estagiários responsáveis pela aula: Morgana Ferreira**  
**Disciplina: Língua Portuguesa**  
**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 5** **9/6 (terça-feira) – 2 h/aula – das 14h15min às 15h45min**

**Tema:** Dinâmica para verificação de leitura das narrativas de Franklin Cascaes

#### **Objetivo geral**

Conhecer os elementos que constituem as narrativas de Franklin Cascaes com base na leitura individual realizada na aula anterior (8/6) e da dinâmica a ser realizada nesta aula.

#### **Objetivos específicos**

- Reconhecer os principais elementos das narrativas de Franklin Cascaes, tais como o tema das credices bruxólicas dos ilhéus e a religiosidade, pela reprodução de relatos de pessoas “analfabetas” ou “semianalfabetas” cuja linguagem é rica em traços típicos do falar ilhéu (FURLAN, 2005, p. 7);
- Identificar a presença dos personagens mitológicos, apontando suas características;
- Identificar os recursos linguísticos utilizados por Franklin Cascaes na construção espaço-temporal, de cenários e de personagens nas narrativas lidas;
- Refletir sobre as variações da língua presentes nas narrativas lidas que remetem a expressões típicas do falar do ilhéu;
- Analisar o espaço no qual se desenvolvem as tramas das narrativas míticas de Franklin Cascaes.

#### **Conteúdo**

- Verificação de leitura, na modalidade escrita, das narrativas de Franklin Cascaes (Anexo 6);
- Narrativa mítica como gênero do discurso: função social, forma de composição, recursos discursivos e expressivos;
- Tema, tempos verbais, variação linguística, espaço e personagens das narrativas de Franklin Cascaes.
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência durante a socialização das respostas para verificação de leitura.

#### **Metodologia**

Nesta aula será realizada uma dinâmica para a verificação de leitura dos alunos referente às cinco narrativas míticas lidas individualmente na aula anterior. Para essa dinâmica serão formados cinco grupos, ou seja, os alunos que leram as mesmas narrativas iguais se reúnem para refletirem e responderem por meio da escrita a questionamentos elaborados pelas professoras estagiárias. A partir de questionamentos, os quais serão sobre o tema, tempos verbais, variação linguística, espaço e personagens das narrativas míticas, será possível sistematizar tais conhecimentos.

### **Recursos didáticos**

- Envelope com questionamentos para efetivação da dinâmica;
- Folha pautada;
- Cópia do questionário para verificação de leitura;
- Quadro;
- Caneta para quadro branco.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação nas atividades propostas em sala de aula, ou seja, da dinâmica para verificação de leitura. Serão avaliadas durante a dinâmica a pertinência de suas respostas em relação às narrativas lidas, assim como a clareza e a coerência de suas respostas e o falar/ouvir, pela expressividade e pela postura de escuta e de respeito à fala do outro.

### **Referências**

ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*. Ilustração de Andréa Ramos. Florianópolis: Cobra Coralina, 1998.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

FURLAN, Oswaldo Antônio. O texto: seu estabelecimento, traços dialetais e glossário. In: CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1. p. 7-11.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2014. (Princípios, n. 207).

### 3.7.6 Plano de Aula 6 – 11 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Metodologia de Ensino

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 6**

**11/6 (quinta-feira) – 1 h/aula – das 16h às 15h45min**

**Tema:** Socialização da verificação de leitura das narrativas de Franklin Cascaes

#### **Objetivo geral**

Socializar alguns dos pontos abordados na verificação de leitura das narrativas de Franklin Cascaes realizada na aula 5 (9/6/2015).

#### **Objetivos específicos**

- Reconhecer os principais elementos das narrativas de Franklin Cascaes, tais como o tema das credices bruxólicas dos ilhéus e a religiosidade, pela reprodução de relatos de pessoas “analfabetas” ou “semianalfabetas” cuja linguagem é rica em traços típicos do falar ilhéu (FURLAN, 2005, p. 7);
- Identificar a presença dos personagens mitológicos, apontando suas características;
- Identificar os recursos linguísticos utilizados por Franklin Cascaes na construção espaço-temporal, de cenários e de personagens nas narrativas lidas;
- Refletir sobre as variações da língua presentes nas narrativas lidas que remetem a expressões típicas do falar do ilhéu;
- Analisar o espaço no qual se desenvolvem as tramas das narrativas míticas de Franklin Cascaes;
- Expor as narrativas de Franklin Cascaes selecionadas;
- Analisar a ilustração de cada narrativa e relacioná-la com o texto lido.

#### **Conteúdo**

- Socialização da verificação de leitura das narrativas de Franklin Cascaes;
- Narrativa mítica como gênero do discurso: função social, forma de composição, recursos discursivos e expressivos;
- Tema, tempos verbais, variação linguística, espaço e personagens das narrativas de Franklin Cascaes.
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência durante a socialização das respostas para verificação de leitura.

### **Metodologia**

Nesta aula será realizada a socialização da dinâmica de verificação de leitura dos alunos referente às cinco narrativas míticas lidas pelos grupos. A partir da reflexão e das respostas escritas pelos alunos referentes aos questionamentos elaborados pelas professoras estagiárias na última aula, eles socializarão aos colegas o tema, o tempo, o espaço, os personagens, enfim, explicarão um pouco a narrativa lida. Para iniciarem a socialização, a professora estagiária irá instigá-los a partir da ilustração presente no início de cada narrativa.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação nas atividades propostas em sala de aula, ou seja, da socialização da verificação de leitura. Serão avaliadas durante a dinâmica a pertinência de suas intervenções, assim como a clareza e a coerência de suas respostas e o falar/ouvir, pela expressividade e pela postura de escuta e de respeito à fala do outro.

### **Referências**

ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*. Ilustração de Andréa Ramos. Florianópolis: Cobra Coralina, 1998.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

FURLAN, Oswaldo Antônio. O texto: seu estabelecimento, traços dialetais e glossário. In: CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1. p. 7-11.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2014. (Princípios, n. 207).

### 3.7.7 Plano de Aula 7 – 15 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 7 15/6 (Segunda-feira) – 1 h/aula – das 14h15min às 15h**

**Tema:** As narrativas fantásticas de Franklin Cascaes.

#### **Objetivo geral**

Aprofundar e sistematizar conhecimentos sobre a narrativa e a arte de Franklin Cascaes através da leitura da narrativa “Bruxas Gêmeas” e de sua ilustração, presente do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*.

#### **Objetivos específicos**

- Escutar atentamente a leitura das professoras-estagiárias da narrativa “Bruxas gêmeas”, de Franklin Cascaes, do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (Anexo 7);
- Analisar a ilustração de Franklin Cascaes da narrativa “Bruxas gêmeas”, do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*;
- Relacionar a ilustração com a narrativa “Bruxas Gêmeas”;
- Identificar aspectos do gênero narrativa mítica, como sua função social, tema, personagens, recursos expressivos e linguísticos próprios do texto que será lido, especialmente em relação à variedade linguística;
- Estabelecer a relação entre as falas das personagens e a variedade linguística de comunidades de Florianópolis.

#### **Conteúdo**

- Leitura de narrativa e imagens;
- Análise linguística da narrativa;
- Obra literária e artística de Franklin Cascaes;
- Literatura catarinense que trata sobre a narrativa mítica.

#### **Metodologia**

Inicialmente será lida em voz alta pelas professoras-estagiárias a narrativa “Bruxas Gêmeas”, do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes. Em seguida, as professoras-estagiárias irão instigar os alunos a analisar a ilustração “Irmãs gêmeas bruxólicas” (1962), de Franklin Cascaes, e relacionar à narrativa lida. A partir disso, será realizada análise

linguística expositivo-dialogada dos aspectos do gênero narrativa mítica, como sua função social, tema, personagens, recursos expressivos e linguísticos próprios do texto que será lido, especialmente em relação à variedade linguística.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;
- Cópia da narrativa “Bruxas gêmeas” do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;
- Cópias da ilustração de Franklin Cascaes do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação na atividade de escuta da leitura realizada em sala de aula, relevância na argumentação da análise da ilustração e contribuição na análise linguística expositivo-dialogada. Também serão consideradas sua postura e o respeito aos colegas e professores.

### **Referências**

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, um mito vivo da Ilha* (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

### 3.7.8 Plano de Aula 8 – 16 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**  
**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**  
**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**  
**Disciplina: Língua Portuguesa**  
**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 8** **16/6 (terça-feira) – 2h/aula – das 14h15min às 15h45min**

**Tema:** Palestra e exposição sobre Franklin Cascaes.

#### **Objetivo geral**

Participar de uma palestra e de uma exposição sobre a vida e obra de Franklin Cascaes, para aprofundar os conhecimentos sobre este artista florianopolitano.

#### **Objetivos específicos**

- Relacionar o aprendizado escolar visto até o momento no projeto com a palestra com a Profa. Dra. Denise Araújo e a exposição com reproduções das obras artísticas de Franklin Cascaes;
- Relacionar arte e literatura pela observação e análise de reproduções de obras de Franklin Cascaes (Anexo 17);
- Refletir sobre a mitologia da Ilha de Santa Catarina com base nos conhecimentos a serem apropriados na palestra e na exposição sobre vida e obra de Franklin Cascaes;
- Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa da palestra com a Professora Denise Araújo, assim como pelos questionamentos dos colegas e respostas da palestrante;
- Usar da modalidade oral da língua em situações formais, propondo questões à palestrante;
- Fazer uso da escrita para organizar a própria fala na elaboração prévia de questionamentos à palestrante, assim como para registrar a fala do outro, fazendo anotações do tema da palestra e da exposição.

#### **Conteúdo**

- Palestra com a historiadora Denise Araújo;
- Linguagem não verbal: exposição de reproduções de obras de Franklin Cascaes;
- Literatura e arte;
- Modalidade oral (fala-escuta) da língua em situações formais;
- Mitologia de Florianópolis;
- A arte de Franklin Cascaes;
- A escrita como recurso para organizar a própria fala e para registrar a fala do outro.

## **Metodologia**

Neste dia a aula será realizada em sala de aula e em outro espaço da escola, neste caso, na “pracinha” da escola. Antes de iniciar a aula, iremos organizar a “exposição” das reproduções de obras de Franklin Cascaes, que serão penduradas nas árvores da “pracinha” situada na entrada da escola. No primeiro momento da aula, faremos uma breve apresentação da palestrante Profa. Dra. Denise Araújo, que, em seguida, dará início a sua fala sobre a obra de Franklin Cascaes, sua relação com Florianópolis, com a educação, entre outros aspectos. Depois da fala da professora, os alunos irão fazer perguntas à palestrante com base nas questões relacionadas ao assunto abordado na palestra. Após a palestra, levaremos os alunos à exposição organizada na “pracinha” de reproduções de obras de Franklin Cascaes. Após olharem as obras do autor, os alunos irão escrever sobre a relação entre arte, literatura e os mitos da Ilha de Santa Catarina. A exposição das obras será deixada no recreio para que alunos de outras turmas, assim como professores e funcionários, possam conhecer um pouco mais sobre a obra de Franklin Cascaes e do projeto de docência que está sendo desenvolvido na turma 82.

## **Recursos didáticos**

- Reproduções das obras de Franklin Cascaes disponibilizadas pelo Museu da UFSC;
- Projetor multimídia;
- Computador;
- Estantes para colocar as obras;
- Reserva da “pracinha” da Escola;
- Caderno para anotação dos alunos;
- Barbante;
- Nylon;
- Folha pautada;
- Fita adesiva;
- Extensão;
- Tesoura;
- Texto com explicação sobre a vida e obra de Franklin Cascaes (Anexo 8);
- Caneta hidrocor.

## **Avaliação**

Os alunos serão avaliados com relação à sua participação e ao comportamento na palestra e na saída para outros espaços da escola, assim como, pela pertinência das intervenções na palestra e exposição, o respeito aos colegas e aos professores. Serão avaliados também pelo texto de opinião a ser produzido acerca da relação entre arte, literatura e os mitos da Ilha de Santa Catarina, considerando a pertinência das inferências em relação às discussões realizadas em sala de aula sobre a presença de narrativas míticas em Florianópolis.

## **Referências**

- ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes: o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.
- CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.
- CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.
- GRAIPEL JÚNIOR, Hermes José (Org.). *Franklin Cascaes: outros olhares*. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2011.

### 3.7.9 Plano de Aula 9 – 18 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 9 18/6 (quinta-feira) – 1 h/aula – das 16h às 16h45min**

**Tema:** Produção textual sobre a palestra e exposição de obras de Franklin Cascaes.

#### **Objetivo geral**

Produzir uma breve narrativa ou um texto de opinião que tenha relação com uma das pinturas de Franklin Cascaes presentes na exposição da aula do dia 16 de junho.

#### **Objetivos específicos**

- Fazer uso das anotações relativas à palestra e à exposição sobre vida e obra de Franklin Cascaes para a elaboração de uma narrativa ou texto opinativo (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004);
- Escolher uma das pinturas que fizeram parte da exposição das obras de arte de Franklin Cascaes para produzir uma narrativa ou um texto de opinião;
- Produzir uma breve narrativa sobre alguma lenda, estória fantástica ou mito que já conheça e que tenha relação com uma das pinturas que fizeram parte da exposição das obras de Franklin;
- Produzir um texto de opinião sobre uma das pinturas que fizeram parte da exposição das obras de Franklin.

#### **Conteúdo**

- Produção escrita de uma narrativa ou texto de opinião (Anexo 9);
- Produção escrita de relato de experiência vivida (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004);
- Literatura e arte;
- Obras literárias e artísticas de Franklin Cascaes.

#### **Metodologia**

Os alunos serão provocados e instigados pela professora-estagiária responsável pela aula a fim de reavivarem os conhecimentos da aula anterior, na qual teve uma palestra e exposição das reproduções das obras de Franklin Cascaes. Após este momento, os alunos receberão uma folha em que farão uma produção textual que valerá pontos, os quais serão somados com outras atividades para compor uma nota de zero a dez. A professora-estagiária irá explicar que os alunos devem escolher uma das pinturas que fizeram parte da exposição das obras de arte de

Franklin Cascaes para produzir uma narrativa ou um texto de opinião. O segundo momento consistirá na produção dos alunos, a qual será entregue à professora no final desta aula.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Anotações dos alunos sobre a palestra e exposição das obras de Franklin Cascaes;
- Reproduções das obras de Franklin Cascaes cedidas pelo Museu da UFSC;
- Cópias da questão da produção textual;
- Folha pautada.

### **Avaliação**

A avaliação ocorrerá com base na produção textual dos alunos, a partir da adequação ao gênero e às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa. Serão avaliadas também a participação do aluno nas atividades propostas, o respeito aos colegas e professores, assim como o falar e ouvir no momento de retomada dos conhecimentos sobre o gênero relato e carta de leitor.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

### 3.7.10 Plano de Aula 10 – 22 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 10**

**22/6 (segunda-feira) – 1 h/aula – das 14h15min às 15h**

**Tema:** Construção coletiva de personagem que integrará as narrativas dos alunos.

#### **Objetivo geral**

Construir, coletivamente, um personagem que irá permear as narrativas que serão escritas pelos alunos nos próximos encontros para elaboração de um livro ilustrado.

#### **Objetivos específicos**

- Discutir sobre o papel do personagem, como se elabora e a sua finalidade em uma narrativa;
- Participar da construção coletiva de um personagem que deverá aparecer nas narrativas a serem criadas, “seja como protagonista, seja como figurante, uma personagem fixa, com características previamente assentadas” (CARDOZO; MIGUEL, 2009), demonstrando atitudes adequadas em relação ao momento de falar e de ouvir;
- Respeitar a opinião do outro, demonstrando atitudes de escuta atenta e ativa no debate para a elaboração do personagem;

#### **Conteúdo**

- Construção coletiva de um personagem para as narrativas míticas que serão escritas posteriormente;
- O papel dos adjetivos na construção do personagem;
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência no debate para a construção coletiva do personagem;

#### **Metodologia**

Inicialmente, será feita uma discussão sobre o que é o personagem, como ele se apresenta nas narrativas e a sua finalidade. Posteriormente, será realizado um debate para a construção do personagem que irá permear, de alguma forma, as narrativas míticas a serem escritas pelos alunos e que farão parte do livro ilustrado de narrativas míticas da turma. Como exemplo, utilizaremos a obra *13 Cascaes*, na qual há esta mesma ideia de um personagem estar presente em todos os contos do livro. As sugestões de caracterização dos personagens serão anotadas no quadro, e os alunos terão de registrar no caderno, pois será retomada depois para a construção da narrativa

mítica. Durante o debate, será avaliado o respeito em relação à opinião do outro, o falar e o ouvir de cada aluno.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Livro *13 Cascaes*, organizado por Flávio José Cardozo e Salim Miguel.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir de sua participação na atividade de criação do personagem, considerando a pertinência das intervenções, o respeito aos colegas e aos professores.

### **Referências**

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascaes*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio Gama. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2009.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

### 3.7.11 Plano de Aula 11 – 23 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 11**

**23/6 (terça-feira) – 2h/aula – das 14h15min às 15h45min**

**Tema:** Análise linguística do conto “Ao entardecer”<sup>6</sup>, de Maria Lourdes Krieger.

#### **Objetivo geral**

Retomar conhecimentos sobre os elementos de uma narrativa, a partir da leitura e análise do conto *Ao entardecer*.

#### **Objetivos específicos**

- Ler em voz alta, de forma clara e pausada o conto “Ao entardecer”, de Maria Lourdes Krieger, presente no livro *13 Cascaes* (Anexo 25);
- Responder por escrito no caderno as questões do roteiro de estudo do conto “Ao entardecer”, como forma de aprofundamento das especificidades que constituem uma narrativa (Anexo 25);
- Revisar os elementos que constituem uma narrativa, tendo em vista a produção escrita de uma narrativa mítica;
- Relembrar alguns aspectos linguísticos da narrativa, como marcas de tempo, espaço, personagem e narrador.

#### **Conteúdo**

- Elementos e aspectos linguísticos de uma narrativa: marcas de tempo, espaço, personagem e narrador.

#### **Metodologia**

Nesta aula retomaremos aspectos linguísticos e elementos que constituem uma narrativa a partir da leitura e estudo do conto “Ao entardecer”, retirado do livro *13 Cascaes*. Revisaremos marcas de tempo, espaço, personagem e narrador já trabalhados nas aulas anteriores. Apresentados estes aspectos na próxima aula daremos início à produção textual das narrativas míticas.

Utilizaremos projetor multimídia para analisar o estudo do conto “Ao entardecer”,

<sup>6</sup> KRIEGER, Maria de Lourdes. Ao entardecer. CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascaes*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio Gama. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2009. p. 65-67.

relacionando e discutindo as respostas dos alunos com as respostas da professora estagiária (Anexo 25).

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Projetor multimídia;
- Cópia com as questões para verificação da leitura (Anexo 10);
- Cópia do texto “Ao entardecer” de Maria de Lourdes Krieger (Anexo 25).

### **Avaliação**

O processo avaliativo ocorrerá com base no envolvimento dos alunos na atividade proposta em sala de aula, considerando a adequação das respostas às questões propostas e também o respeito aos colegas e aos professores.

### **Referências**

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2014. (Princípios, n. 207).

KRIEGER, Maria de Lourdes. Ao entardecer. CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascaes*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio Gama. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2009. p. 65-67.

MATIAS, Marcel. *Roteiro para análise de narrativa literária*. Disponível em: [docente.ifrn.edu.br/...e.../roteiro-para-analise-de-narrativa-literaria](http://docente.ifrn.edu.br/...e.../roteiro-para-analise-de-narrativa-literaria) Acesso: 22 jun. 2015.

PARA uma aula de porquês com Armandinho. Disponível em: <https://mundotexto.wordpress.com/2013/09/17/para-uma-aula-de-porques-com-armandinho/>. Acesso em: 23 jun. 2015.

TRAVESSÃO. Disponível em: <http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono34.php>. Acesso em: 23 jun. 2015.

### 3.7.12 Plano de Aula 12 – 25 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 12**

**25/6 (quinta-feira) – 1 h/aula – das 16h às 16h45min**

**Tema:** Criação de narrativa mítica para compor o livro ilustrado “Narrativas fantásticas do Bia”

#### **Objetivo geral**

Produzir uma narrativa mítica para compor o livro da turma 82 “Contos fantásticos do Bia”, envolvendo o personagem criado na aula do dia 13 de junho.

#### **Objetivos específicos**

- Relembrar o personagem mítico criado coletivamente na aula do dia 13 de junho, o qual deverá permear as narrativas a serem elaboradas (ANEXO 16);
- Articular conhecimentos das aulas anteriores sobre o gênero narrativa mítica com a criatividade, para produção da narrativa mítica;
- Fazer uso dos recursos da língua na construção das relações tempo-espço, cenários e personagens, elementos centrais em uma narrativa.

#### **Conteúdo**

- Personagem mitológico criado coletivamente;
- Marcas linguísticas de tempo-espço;
- Marcas linguísticas na construção de cenários e personagens;
- Produção textual baseada no gênero narrativa mítica.

#### **Metodologia**

A aula iniciará com uma retomada do personagem mitológico criado coletivamente pelos alunos na aula do dia 25 de junho e que deverá estar presente na narrativa mítica que cada um irá criar. Depois de um longo período em contato com o gênero narrativa mítica da ilha de Santa Catarina, com foco no escritor e artista Franklin Cascaes, refletindo e analisando aspectos de suas produções, chegou a vez dos alunos utilizarem sua criatividade para criarem suas narrativas míticas. Dessa forma, será entregue uma folha aos alunos com as indicações do que deve aparecer na narrativa mítica.

#### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;

- Folha pautada;
- Fotocópia da explicação e indicações do que deve aparecer na escritura da narrativa mítica (Anexo 12).

### **Avaliação**

A avaliação ocorrerá com base na participação dos alunos às atividades propostas, e no respeito aos colegas e professores, assim como em relação ao saber como e quando falar e ouvir. Na produção escrita da narrativa mítica será considerada a adequação ao gênero e às regras da modalidade formal escrita da língua portuguesa.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, n. 207).

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

### 3.7.13 Plano de Aula 13 – 29 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 13**

**29/6 (segunda-feira) – 1 h/aula – das 14h15min às 15h**

**Tema:** Continuação da produção textual e ilustração da narrativa mítica.

#### **Objetivo geral**

Finalizar a produção textual de uma narrativa mítica, incluindo a confecção de uma ilustração relacionada à história para compor o livro de narrativas da turma 82.

#### **Objetivos específicos**

- Articular conhecimentos das aulas anteriores sobre o gênero narrativa mítica com a criatividade, para produção da narrativa mítica;
- Fazer uso dos recursos da língua na construção das relações tempo-espço, cenários e personagens, elementos centrais em uma narrativa;
- Revisar conhecimentos pontuais sobre o gênero e a língua trabalhados durante o bimestre, de acordo com as indicações das professoras estagiárias;
- Relacionar a literatura e arte na narrativa mítica, ilustrando com um desenho a sua produção escrita.

#### **Conteúdo**

- Marcas linguísticas de tempo-espço;
- Marcas linguísticas na construção de cenários e personagens;
- Produção textual baseada no gênero narrativa mítica;
- Ilustração das narrativas míticas.

#### **Metodologia**

Os alunos continuarão a escrita da narrativa mítica iniciada dia 25 de junho, sendo que deverão seguir as indicações de avaliação entregues pelas professoras estagiárias. Os alunos que forem terminando a escrita, devem começar a ilustração que irá compor o livro de narrativas míticas da turma 82, seguindo, assim, o propósito de todo o projeto elaborado pelas professoras estagiárias de relacionar literatura e arte.

#### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;

- Folha pautada;
- Folha branca;
- Lápis de cor;
- Caneta hidrocor;
- Giz de cera;
- Revistas para recorte;
- Cola;
- Tesoura.

### **Avaliação**

A avaliação ocorrerá com base na produção textual dos alunos, considerando-se a adequação ao gênero e às regras da escrita formal da língua portuguesa, assim como a relação entre imagem e texto. Serão avaliados também a participação do aluno nas atividades propostas, o respeito aos colegas e professores, assim como as atitudes em relação ao saber falar e ouvir.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, n. 207).

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

### 3.7.14 Plano de Aula 14 – 30 de junho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 14**

**30/6 (terça-feira) – 2h/aula – das 14h15min às 15h45min**

**Tema:** Continuação da produção das narrativas fantásticas.

#### **Objetivo geral**

Finalizar a primeira versão da produção da narrativa mítica, a qual fará parte do livro ilustrado da turma 82, considerando as indicações das professoras estagiárias.

#### **Objetivos específicos**

- Refletir sobre apontamentos relativos a aspectos discursivos, textuais e linguísticos indicados pelas professoras estagiárias em uma leitura inicial das produções textuais entregues na aula anterior;
- Fazer uso dos recursos da língua de modo a adequar a produção textual ao gênero e à modalidade escrita formal da língua portuguesa;
- Finalizar a narrativa mítica.

#### **Conteúdo**

- Finalização da produção textual do gênero narrativa mítica;
- Marcas linguísticas de tempo-espço;
- Marcas linguísticas na construção de cenários e personagens;
- Produção textual baseada no gênero narrativa mítica;
- Ilustração das narrativas míticas.

#### **Metodologia**

Nesta aula serão devolvidos aos alunos os textos para finalizarem a produção da narrativa mítica. Antes de reiniciarem a atividade serão projetados (Anexo 13) os aspectos de análise linguística relativos às necessidades dos alunos encontradas na versão preliminar dos textos, retomando, assim, os elementos da narrativa mítica. Os alunos também deverão finalizar suas ilustrações que irão compor o livro ilustrado da turma 82.

#### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Projetor;

- Folha pautada;
- Folha branca;
- Lápis de cor;
- Caneta hidrocor;
- Giz de cera;
- Revistas para recorte;
- Cola;
- Tesoura.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir do seu engajamento com a atividade de produção textual em sala de aula, e do respeito aos colegas e aos professores. Na produção escrita da narrativa mítica será considerada a adequação ao gênero e às regras da modalidade formal escrita da língua portuguesa.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, n. 207).

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

### 3.7.15 Plano de Aula 15 – 2 de julho de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres**

**Estagiário responsável pela aula: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Ano: 8º - Turma: 82**

#### **Plano de aula 15**

**2/7 (quinta-feira) – 1 h/aula – das 16h às 16h45min**

**Tema:** Socialização das narrativas míticas e fechamento do projeto.

#### **Objetivo geral**

Socializar as narrativas míticas elaboradas em aulas anteriores, expressando-se com clareza e contribuindo ativamente para a finalização do projeto de docência *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na ilha de Santa Catarina*.

#### **Objetivos específicos**

- Expressar-se com clareza na apresentação da narrativa mítica ao grande grupo e na discussão sobre a avaliação do estágio de docência;
- Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa dos textos a serem lidos pelos colegas na atividade de socialização das narrativas míticas;
- Ler coletivamente o texto elaborado pelas professoras estagiárias para o fechamento do projeto de docência, debatendo com as professoras e com os colegas o aprendizado internalizado;
- Discutir e refletir sobre sucessos e insucessos dos objetivos do projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na ilha de Santa Catarina”.

#### **Conteúdo**

- Socialização das narrativas míticas;
- A expressão oral em situação formal de uso da língua;
- A construção de sentido pela escuta do outro;
- Leitura e discussão do texto de fechamento do projeto de docência.

#### **Metodologia**

Esta aula, que será em semicírculo, iniciará com a socialização das ilustrações e narrativas míticas produzidas e reescritas pelos alunos. As ilustrações serão projetadas para todos os alunos. Como esta é a última aula relacionada ao projeto de docência “A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na ilha de Santa Catarina”, será distribuído aos alunos um texto elaborado pelas professoras estagiárias com as conclusões, objetivos alcançados e inalcançados, experiências vividas, saberes internalizados, o qual será

lido e discutido pelos alunos e professoras. As professoras-estagiárias darão uma lembrança de conclusão de estágio aos alunos que consistirá em um marca página e um bombom.

### **Recursos didáticos**

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Projetor multimídia;
- Narrativas produzidas pelos alunos;
- Cópias do texto de fechamento do projeto (Anexo 14);
- Marca página (Anexo 15);
- Bombom.

### **Avaliação**

A avaliação será realizada com base na atividade de socialização, no que se refere à participação efetiva de cada aluno, considerando-se clareza e expressividade. Durante a aula, os alunos também serão avaliados quanto ao respeito aos demais colegas, respeito às professoras, e principalmente por saberem discernir o momento da fala e o momento da escuta.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de portugueses: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, n. 207).

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

## 3.8 RECURSOS

### 3.8.1 Recursos Didáticos

- Barbante;
- Bombom;
- Caderno para anotação dos alunos;
- Caneta hidrocor;
- Caneta hidrocor;
- Caneta para quadro branco;
- Cartolinas;
- Cola;
- Computador;
- DVD *Percy Jackson e o ladrão de raios*;
- Envelope com questionamentos para efetivação da dinâmica de verificação de leitura;
- Estantes para colocar as reproduções das obras de Franklin Cascaes;
- Extensão elétrica;
- Fita adesiva;
- Folha branca;
- Folha pautada;
- Folha pautada;
- Giz de cera;
- Lápis de cor;
- Marca página confeccionado pelas professoras estagiárias;
- Nylon;
- Projetor multimídia;
- Quadro branco;
- Régua;
- Reproduções das obras de Franklin Cascaes disponibilizadas pelo Museu da UFSC;
- Reserva da “pracinha” da Escola;
- Revistas para recorte;
- Tesoura.

### 3.8.2 Recursos Bibliográficos

- Anotações dos alunos sobre a palestra e exposição das obras de Franklin Cascaes;
- Cópia com as questões para verificação da leitura;
- Cópia da narrativa “Bruxas gêmeas” do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;
- Cópia das narrativas do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes.
- Cópia do questionário para verificação de leitura;
- Cópias da ilustração de Franklin Cascaes do livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*;
- Cópias da questão das produções textuais;
- Cópias de conteúdo teórico sobre o gênero receita;
- Cópias do conto “Ao entardecer”, de Maria de Lourdes Krieger;
- Cópias do texto de apresentação do Projeto de Docência;
- Cópias do texto de fechamento do Projeto de Docência;
- Fotocópia da explicação e indicações do que deve aparecer na escritura da narrativa mítica;
- Livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes;
- Livro *O ladrão de raios*, de Rick Riordan;
- Livros de receitas;
- Narrativas produzidas pelos alunos;
- Produção escrita de texto de opinião;
- Texto com explicação sobre a vida e obra de Franklin Cascaes.

### 3.9 AVALIAÇÃO

Concordando com Antunes (2010) que a avaliação está na interdependência do ensino, de modo que os resultados da avaliação contribuem para a definição das atuações de ensino subsequentes, pensamos que a avaliação deve ajudar o professor a repensar suas práticas e estratégias de ensino, assim como deve servir aos alunos, mostrando-lhes como e em que podem melhorar sua aprendizagem.

Dessa forma, levando em conta as singularidades de cada aluno, a avaliação foi realizada de forma processual observando a colaboração dos alunos com os colegas e

professoras nos trabalhos propostos. Sua atitude em relação às reflexões sobre os conteúdos e práticas desenvolvidos e sua integração com a turma também foram levadas em conta na avaliação, bem como as produções escritas. Também foram avaliados os aspectos textuais das produções tais como adequação ao gênero, coesão, coerência e adequação às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

### 3.10 RELATOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

#### 3.10.1 Aula 1 (11/5)

No quadro colocamos o encaminhamento para esta primeira aula: “Leitura e discussão do texto de apresentação do projeto de estágio docência”; “Revisão dos conhecimentos sobre o gênero receita para construção coletiva de uma poção mágica”.

Neste dia, iniciamos a aula juntas para fazer uma apresentação inicial, e, em seguida, a Professora Estagiária Morgana tomou a palavra, pois era a responsável pela aula. Uma aluna disse que estava esperando o momento de estágio docência, o que nos deixou contentes!

Morgana leu o texto de apresentação (Anexo 1), algumas alunas se ofereceram para ler, após a professora estagiária finalizou. Achamos que ficou um pouco superficial, pois não discutimos, apenas lemos, acreditamos que o nervosismo fez como que nos esquecêssemos de discutir o texto.

Depois, propusemos que construíssemos uma receita para que nossas aulas fossem produtivas e repletas de aprendizados (Imagem 1 e 2). Mas não seria uma receita qualquer, e sim, uma “poção mágica”, já que estava relacionada ao tema do nosso projeto que é a mitologia da Ilha de Santa Catarina, mais especificamente as bruxas. No entanto, a professora estagiária esqueceu-se de fazer essa relação entre a poção mágica e o tema do projeto. Para criar a poção, revisamos o gênero receita, por meio de indagações da professora estagiária sobre elementos que compõem tal gênero (Anexo 2). Os alunos foram muito participativos. Em seguida, distribuímos algumas receitas para ilustrar o que se estava falando. Neste momento, a turma ficou um pouco agitada, porque disseram que estavam com fome e aquelas receitas davam água na boca.

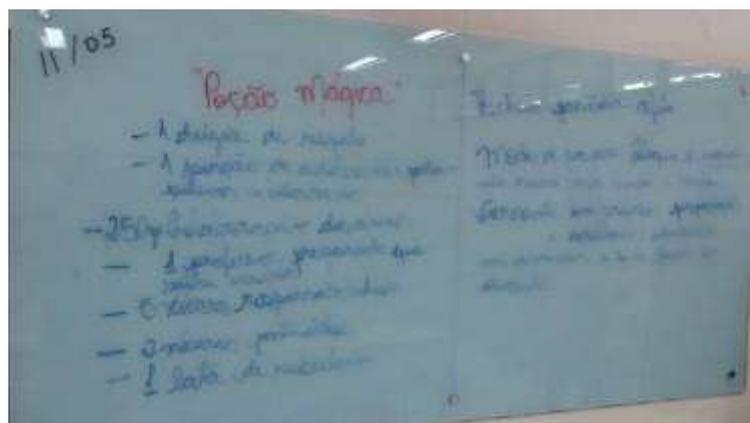
A professora orientadora Maria Izabel aproveitou esse comentário para instigá-los a sugerir ingredientes necessários para que tivéssemos boas aulas. Igualmente, os alunos foram participativos. Ficamos com a sensação de que poderíamos ter explorado mais deles. Faltou

também conciliar os momentos da aula, como por exemplo, dar tempo aos alunos para copiarem o conteúdo passado no quadro.

**Imagem 1 – Professora Morgana anotando as sugestões dos alunos**



**Imagem 2 – “Poção mágica” construída pelos alunos**



### **3.10.2 Aulas 2 e 3 (12/5)**

Neste dia, a aula foi realizada pela professora estagiária Ana Carolina, que colocou no quadro os encaminhamentos da aula: “Aula na sala informatizada sobre narrativa mítica”. O primeiro momento da aula consistiu na retomada da aula anterior sobre a “poção mágica”.

No segundo momento, levamos os alunos à sala informatizada. Fizemos uma ligação com o texto adaptado lido anteriormente nas aulas da Professora regente da turma, que está no livro didático, “Perseu e Medusa” (Anexo 20) com o *best seller Percy Jackson e o ladrão de raios* (Imagem 3), de Rick Riordan (2009). A partir dessa relação, mostramos algumas partes da adaptação do livro para o cinema (Imagem 4). Muitos alunos já haviam visto o filme, mas não imaginavam esta relação entre a narrativa mítica, os *best sellers* e o cinema. Lembraram de outros filmes como “Fúria de Titãs”, a saga Harry Potter e Crepúsculo.

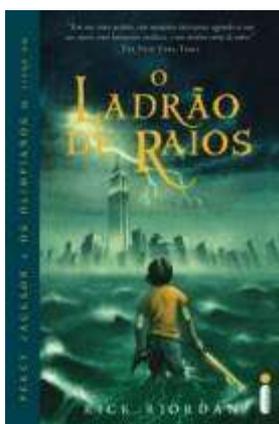
Após mostrarmos essa relação entre literatura, cinema e arte, apresentamos no site *Google Maps* alguns museus que podemos visitar sem sair de casa, que também aparecem no filme apresentado, como o *The Metropolitan Museum of Art*, em Nova Iorque, Estados Unidos, no qual tem esculturas de Deuses e criaturas de aparecem na narrativa mítica. Fizemos também um passeio virtual pela *Galleria degli Uffizi*, em Florença, na Itália, para mostrar que algumas obras de arte que fazem parte do tema mítico e que também constavam no livro didático de Língua Portuguesa da turma. Não pudemos explorar muito esses passeios virtuais, pois a internet da escola neste dia não estava muito boa, portanto, demorou para abrir os *sites*. A Professora estagiária, sabendo que poderiam acontecer alguns imprevistos, trouxe algumas fotos, livros, guia de museus para mostrar aos alunos essas obras de arte.

Após fazer essa relação entre literatura e arte a Professora Ana Carolina, passou o encaminhamento da primeira produção textual, que consistiu em responder à questão “Por que a Florianópolis é a Ilha da Magia?”, para assim fazer a ponte com a arte e literatura de Franklin Cascaes.

Os alunos foram rápidos em responder à questão. A professora percebeu e passou mais um trecho do filme e mostrou alguns livros que faziam essa relação com a literatura e arte.

A aula ocorreu conforme planejada, os alunos foram muito participativos, respondendo as indagações e provocações e realizando a produção textual que foi proposta (Anexo 21).

**Imagem 3 – Capa livro Percy Jackson – O ladrão de raios**



**Imagem 4 – Capa DVD Percy Jackson ladrão de raios**



### 3.10.3 Aula 4 (14/5)

A professora estagiária Morgana levou o cartaz com a “poção mágica” (Imagem 5) que os alunos produziram, realizou a leitura em voz alta e foi relacionando o texto à aula anterior, para demonstrar que de fato o “contrato” se cumpriu.

Os alunos lembraram os conteúdos da última aula, por meio de provocações da professora estagiária, a qual reavivou o motivo pelo qual a aula anterior foi elaborada. Em seguida, foram devolvidas suas produções textuais feitas na última aula.

Nas produções textuais (Anexo 21), as professoras fizeram algumas provocações e sinalizaram alguns aspectos de gramática e ortografia. A aula aconteceu em círculo, pois os alunos iriam socializar suas produções sobre “Por que Florianópolis é referida como Ilha da Magia”. A maioria dos alunos participou expondo sua opinião. Alguns até contaram algumas histórias sobre bruxas.

Como uma aluna havia escrito que há uma bruxa no mapa de Florianópolis (Imagem 6), a professora estagiária levou um mapa impresso (Imagem 7) e provocou os alunos a encontrarem tal bruxa. Alguns encontraram com o mapa numa determinada posição, outros viraram o mapa e encontraram outra bruxa. Ficaram encantados com o fato. Em seguida, foi apresentado o autor e escritor Franklin Cascaes como o principal estudioso da cultura da ilha. Os alunos se intercalaram para ler em voz alta alguns apontamentos do texto sobre a vida de tal autor, em cópias preparadas e levadas pelas professoras estagiárias. Não deu tempo de conversar e expandir os conhecimentos sobre os apontamentos, já que a aula terminou.

Imagem 5 – Cartaz da “Poção mágica” construída pelos alunos



**Imagem 6 – Produção textual “Por que Florianópolis é a Ilha da Magia?”**

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira  
Turma: 82 Data: 12/5/2015  
Nome: Mc

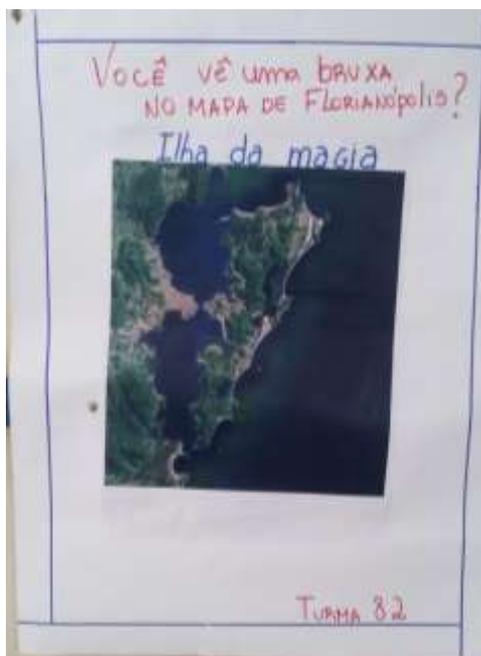
Okimo  
?

➤ Por que Florianópolis é a Ilha da Magia?

Porque têm muitas lendas sobre bruxas, mites, quando se tira o mapa de Florianópolis a imagem se parece com algo que lembra bruxas, e também tem muitos lugares bonitos.

• Que legal! Não sabemos dessa história...  
Você conhece histórias de bruxas?

**Imagem 7 – Cartaz da “Você vê uma bruxa no mapa de Florianópolis?”**



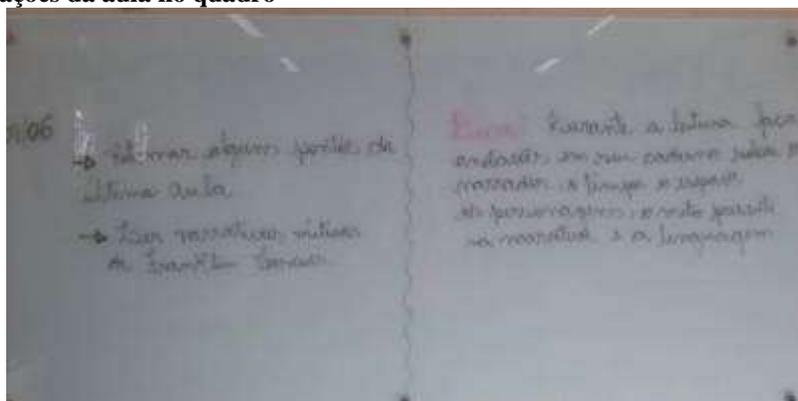
**3.10.4 Aula 5 (8/6): o retorno da greve**

Entre as aulas 4 e 5 houve uma parada de três semanas devido ao movimento de greve dos professores e servidores públicos municipais de Florianópolis. Antes de iniciar propriamente esta atividade foi realizada uma retomada do que havia sido trabalhado com os alunos nas quatro primeiras aulas para contextualizá-los em relação ao tema.

Sendo assim, após retomarmos o que havíamos trabalhado os alunos realizaram a leitura dos seguintes contos de Franklin Cascaes: “Bruxas metamorfoseadas em bois”, “Bruxas atacam pescador”, “Madame bruxólica e o Saci-Pererê”, “Reumatismo bruxólico” e “Eleição bruxólica” (Anexo 5). Cada aluno recebeu aleatoriamente a cópia de um desses contos para leitura silenciosa. Fizemos algumas indicações (Imagem 8) para que anotassem aspectos da narrativa que lhe chamassem a atenção, incluindo personagens e suas características, tempo verbal e espaço, por exemplo.

Percebemos que quase a turma toda realizou a leitura, porém, poucos fizeram anotações. O propósito destas anotações era para que facilitassem a atividade de verificação de leitura que seria realizada na aula seguinte.

**Imagem 8 – Indicações da aula no quadro**



**Imagem 9 – Alunos lendo as narrativas míticas de Franklin Cascaes**



### **3.10.5 Aulas 6 e 7 (9/6)**

Realizamos, nesta aula, uma atividade de verificação de leitura das narrativas míticas de Franklin Cascaes lidas na aula anterior. Foi uma dinâmica realizada em grupos formados

pelos alunos que receberam a mesma narrativa, a fim de avaliar se o aluno realizou a leitura e compreendeu a narrativa, assim como a capacidade de trabalharem em grupo, o falar/ouvir e o respeito aos colegas e professores.

Temíamos que durante a organização dos grupos os alunos se dispersassem e, com isso, perdêssemos muito tempo para encaminhar a atividade. No entanto, a professora estagiária realizou os encaminhamentos com calma e clareza, explicando etapa por etapa até que todos estivessem nos seus grupos.

A atividade consistia em os alunos responderem a questionamentos sobre a narrativa lida. Como planejamos esta atividade de uma maneira mais lúdica, não foi entregue aos alunos um questionário com todas as questões, e sim, colocamos as doze questões num envelope nomeado para cada narrativa, sendo que o aluno deveria pegar uma por vez na mesa da professora (Anexo 6). Então, quando finalizavam de responder uma pergunta, já devolviam para o envelope e pegavam outra.

Foi uma atividade um pouco extensa, pois ocupou o tempo das duas aulas. Devido à extensão, os alunos ficaram efetivamente envolvidos na atividade proposta durante a primeira aula, na segunda aula já começaram a ficar inquietos. Foi preciso chamar a atenção de alguns alunos inúmeras vezes, pois além de não estarem ajudando o restante do grupo na atividade, ainda estavam atrapalhando o trabalho de outros grupos. Felizmente, todos os grupos conseguiram finalizar a atividade.

**Imagem 10 – Alunos na atividade em grupo**



### **3.10.6 Aulas 8 (11/6)**

Esta aula foi um pouco caótica. O plano de aula previa a socialização da verificação de leitura realizada na última aula, já que cada grupo leu uma narrativa diferente. Logo, um grupo não conhecia a narrativa do outro e este seria o objetivo desta atividade de socialização.

A socialização da verificação de leitura iniciou com a análise da ilustração de uma das narrativas e para isso a professora estagiária foi provocando os alunos a se expressarem oralmente. No entanto, todos falavam ao mesmo tempo, várias piadas eram feitas, o que causou a agitação da turma, acreditamos que isso ocorreu porque a aula era após o intervalo do recreio.

Várias tentativas foram feitas pelas professoras estagiárias para que a aula prosseguisse, assim como ocorreram inúmeras manifestações tanto da professora regente da turma quanto da professora orientadora do estágio. Nesta aula, saímos um pouco decepcionadas e pensativas em relação a nossa prática docente.

### **3.10.7 Aulas 9 (15/6)**

Nesta aula utilizamos uma maneira diversificada de realizar a leitura. Ela não foi feita pelos alunos e não aconteceu de forma silenciosa. A professora estagiária Ana Carolina realizou a leitura em voz alta da narrativa mítica de Franklin Cascaes “Irmãs gêmeas” (Anexo 7). A partir da leitura realizou-se a análise linguística do texto, de forma dialogada, a qual possibilitou aprofundar o conteúdo da aula anterior. No livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes, todas as narrativas tem uma ilustração, dessa forma, os alunos receberam o texto com a ilustração e após a leitura fizemos a relação entre a literatura e arte.

Descobrimos nesta aula que a leitura em voz alta pelas professoras pode ser uma atividade produtiva, pois provocou o envolvimento e a atenção da turma, já que enquanto a professora realizava a leitura eles a escutaram atentamente. Durante a análise do texto, os alunos participavam quando eram instigados.

### **3.10.8 Aulas 10 e 11 (16/6)**

Depois de algumas ideias iniciais, algumas mudanças no cronograma, conseguimos colocar em prática neste dia a palestra da Professora do IFSC e historiadora Dra. Denise Araújo Meira e uma exposição com as reproduções das obras de Franklin Cascaes cedidas pelo Museu da UFSC.

A palestra inicialmente era para ser realizada na UFSC, tínhamos planejado para ser uma atividade que faria parte da Semana de Letras (Imagem 10), que ocorreu entre os dias 25 e 29 de maio, porém, por conta da greve de funcionários da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) tivemos que cancelá-la.

Antes de iniciarmos as aulas preparamos a exposição das reproduções das obras de Franklin Cascaes na pracinha da escola, e ali penduramos com cordões as obras nas árvores, colocamos uma apresentação de Franklin Cascaes e a indicação do projeto de docência (Imagem 11), já que todos da escola tiveram acesso e a oportunidade de conhecer um pouco mais do autor e do nosso projeto.

Sendo assim, no primeiro momento da aula apresentamos a Professora Denise, que deu início à palestra “Franklin Cascaes: o professor e a cidade”, na qual os alunos puderam conhecer um pouquinho mais sobre a vida e obra do autor que trabalhamos e da sua relação com a cidade de Florianópolis (Imagem 12).

Na segunda aula os alunos foram levados à pracinha da escola, onde havíamos organizado uma exposição das reproduções de obras do mesmo autor (Imagem 13).

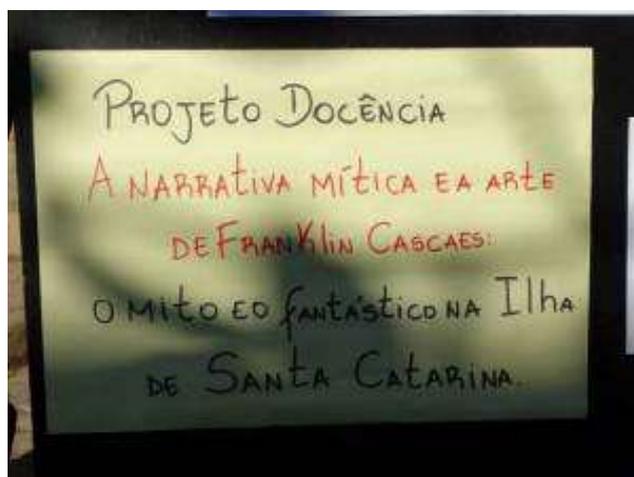
Durante a palestra os alunos ficaram atentos à fala da historiadora. Para a exposição foram feitos os seguintes encaminhamentos: anotar algo que chamasse a atenção, seja porque considerasse bonito, feio, interessante etc., e o motivo, pois seria utilizado na atividade escrita do dia seguinte. Novamente os alunos foram bem participativos, fizeram inúmeras anotações e questionamentos durante a palestra.

Nesta aula, contamos com a participação da professora da sala informatizada, que tirou algumas fotos e colocou na rede social da escola, para que o público geral da escola pudesse conhecer um pouco do nosso projeto docência (Imagem 14)<sup>7</sup>.

Imagem 10 – Cartaz palestra Semana de Letras da UFSC



Imagem 11 – Conhecendo o projeto docência



<sup>7</sup> Para saber mais sobre a rede social e a notícia, acessar: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.574117362727885.1073742125.144050809067878&type=3>>. Acesso em: 13 jul. 2015.



Imagem 12 – Palestra com a Professora Denise Araújo Meira

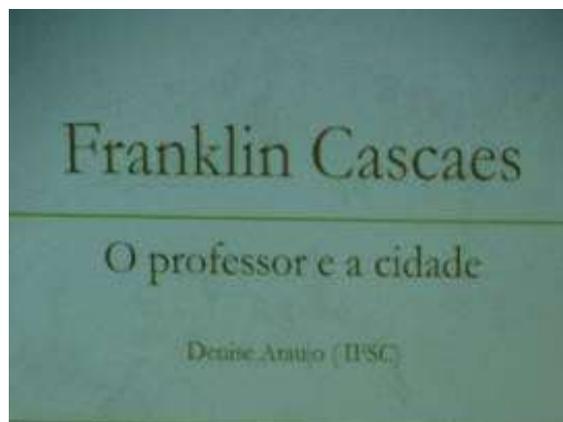


Imagem 13 – Exposição de reproduções das obras de Franklin Cascaes





Imagem 14 – Notícia na rede social da Escola



### 3.10.9 Aulas 12 (18/6)

Neste dia a professora estagiária Ana Carolina perguntou aos alunos sobre o que acharam da palestra e exposição de Franklin Cascaes, e em resposta disseram que “deu pra ver tudo que estamos estudando, explicou tudo o que estamos estudando e foi diferente”. Foi muito importante este retorno dos alunos, pois vimos que os alunos gostam desse tipo de atividade, para além da sala de aula.

No quadro, a professora estagiária colocou os encaminhamentos da atividade: “Produção textual sobre a palestra e a exposição das obras de Franklin Cascaes”. Em seguida, ela entregou uma cópia para cada aluno da atividade da segunda produção textual e explicou a atividade. Para provocá-los, relembramos a carta do leitor que escreveram no bimestre anterior com a professora regente de português da turma e colocamos expostas as reproduções das obras de Franklin Cascaes (Imagem 15).

Nesta aula faltaram muitos alunos, porém, os que estavam em sala realizaram a atividade. Um dos motivos de termos planejado esta aula foi o que ocorreu na aula da última quinta-feira (11/6), quando os alunos vieram agitados do intervalo do recreio e a aula de socialização da verificação de leitura não aconteceu. Logo, pensamos que com uma atividade escrita poderíamos alcançar os objetivos, e a aula aconteceu...

**Imagem 15 – Obras expostas de Franklin Cascaes e alunos em ação**

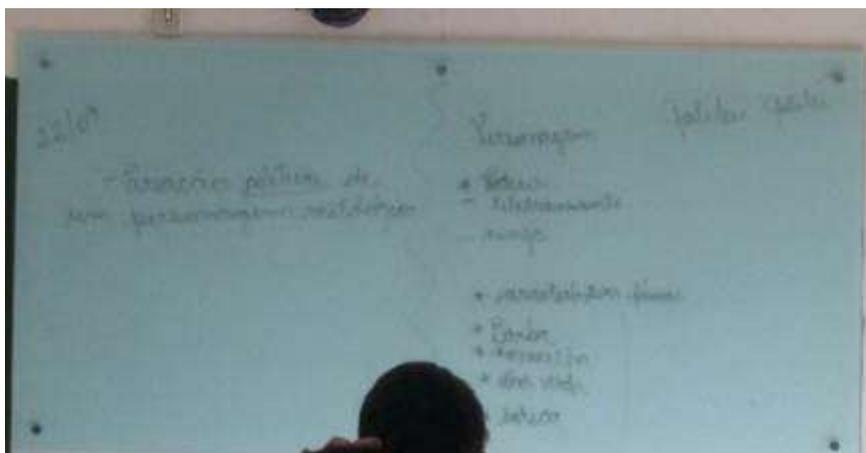


### 3.10.9 Aulas 13 (22/6)

Nesta aula os alunos criaram coletivamente um personagem mitológico que deveria fazer parte das narrativas míticas que escreveriam nas próximas aulas. Para isso, a professora estagiária Morgana foi retomando as narrativas já lidas, tanto no estágio de docência quanto anteriormente com a professora de Língua Portuguesa.

Foram ressaltadas as características dos personagens mitológicos, apresentadas algumas opções e sugestões conforme os alunos iam participando. No entanto, algo que foi muito difícil de os alunos pôr em prática, mesmo depois de muitas conversas, foi o respeito à fala do outro. As sugestões para a criação do personagem eram dadas ao mesmo tempo pelos alunos, que concordavam e discordavam entre eles, fazendo com que as falas se misturassem. Apesar disso, o personagem foi criado e seu nome escolhido: Galileu Galilei, o qual possuía barba, tinha olhos verdes e monocelha, era careca, e seus poderes consistiam em ser ninja e se teletransportar (Imagem 16).

**Imagem 16 – Construção coletiva de um personagem mitológico: quadro**

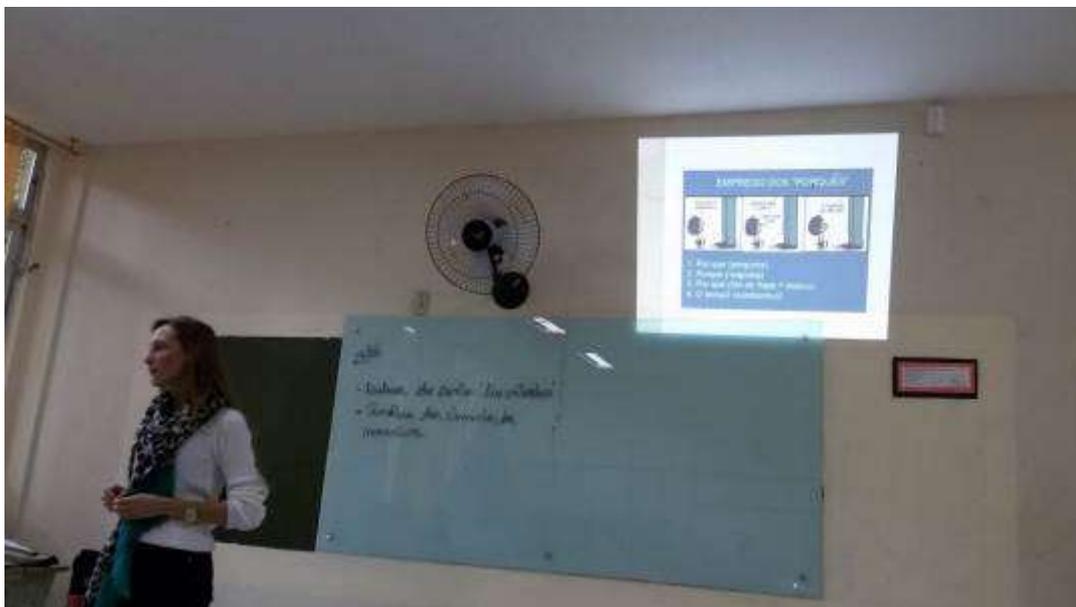


### 3.10.10 Aulas 14 e 15 (23/6)

Para diversificar o ensino, utilizamos o projetor multimídia (Imagem 17) nesta aula de retomada à análise linguística da narrativa mítica. A professora estagiária retomou alguns aspectos linguísticos e elementos que constituem uma narrativa a partir da leitura e estudo do conto “Ao entardecer”, retirado do livro *13 Cascaes*. Revisamos marcas de tempo, espaço, personagem e narrador já trabalhados nas aulas anteriores, buscando suprir as necessidades dos alunos manifestadas na realização das atividades que foram propostas nas aulas

anteriores. Os alunos participaram quando a professora estagiária provocava e prestavam atenção nos momentos em que era solicitado silêncio.

**Imagem 17 – Aula com projetor multimídia**



### **3.10.11 Aulas 16 (25/6)**

Nesta aula, retomamos novamente alguns aspectos mais marcantes e característicos da narrativa mítica, assim como o personagem mitológico que criaram e explicamos a produção textual que iriam escrever.

Alguns alunos não sabiam por onde começar, nem o que escrever, por isso consideramos importante que o professor esteja preparado com inúmeras cartas na manga. Ou seja, para que os alunos se inspirassem para a escrita da narrativa, fomos exemplificando e retomando o conteúdo estudado conforme os alunos iam nos chamando e nos indagando.

Conversamos com eles sobre nosso projeto que foi pensado e planejado para ter como produto final um livro de narrativas míticas ilustrado, para que as suas produções textuais encontrassem outros leitores e não apenas aquele que iria avaliar, neste caso as professoras estagiárias. Alguns ficaram empolgados com a ideia, outros, no entanto, falaram que não queriam que outras pessoas vissem seu desenho e lessem seu texto. Não discutimos com esses alunos que discordaram, apenas fomos mediando, o que possibilitou se aproximar um pouco mais de cada aluno, fazer sugestões para a narrativa e animá-los quanto a ideia do livro ilustrado. Como a aula terminou antes dos alunos terminarem a narrativa, eles puderam terminar em casa e trazer na próxima aula.

**Imagem 18 – Início da escrita da narrativa mítica**



### **3.10.12 Aulas 17 (29/6)**

Nesta aula, aqueles alunos que ainda não haviam finalizado a narrativa mítica, deram continuidade e aqueles que já haviam terminado a 1ª versão, utilizaram a aula para ilustrarem suas narrativas. Para isso disponibilizamos inúmeros materiais, para que abusassem da imaginação nas ilustrações.

### **3.10.13 Aulas 18 e 19 (30/6)**

Nesta aula entregamos com vários apontamentos a primeira versão da narrativa mítica e para cada um fizemos um comentário que foi grampeado à folha da produção textual (Anexo 22), sugerindo modificações no texto, ideias para que continuassem desenvolvendo a trama, assim como solicitando para que revisitassem o material disponibilizado em cópias que colaram no caderno. Aproveitamos, então, para dizer o que estávamos achando das suas produções, o que mais gostamos e o que poderia ser escrito de outra forma.

Para retomar alguns conteúdos do bimestre professora estagiária Ana Carolina utilizou o projetor multimídia com alguns apontamentos sobre a narrativa mítica. Feitas as colocações foi disponibilizado o restante do tempo para que os alunos realizassem a reescrita das narrativas.

### **3.10.14 Aulas 20 (2/7)**

Planejamos esta aula confiantes de que os alunos iriam concordar com a sugestão de compartilharem sua narrativa mítica com os demais colegas por meio da leitura em voz alta.

De fato, muitos concordaram e participaram da atividade de socialização. Alguns leram seu próprio texto e outros preferiram dar seu texto para que outro colega lesse.

Foi uma atividade bem positiva, já que conseguimos utilizar grande parte da aula para as socializações voluntárias. Outro aspecto que merece destaque é a melhora na segunda versão das narrativas dos alunos. Por exemplo, na primeira versão, em algumas narrativas, faltava desenvolver o enredo com base num universo mitológico, o que se tornou presente na segunda versão (Anexo 26).

Enfim, nesta aula realizamos o fechamento do projeto, recebemos um *feedback* positivos dos alunos, entregamos um texto de balanço das atividades realizadas e dos objetivos alcançados. Para agradecermos os alunos pela abertura fizemos um marca página (Anexo 15) com algumas obras de artes e uma frase de Franklin Cascaes, juntamente com um bombom.

**Imagem 18 – Confeção dos marca página**



Imagem 19 – Socialização das narrativas míticas ilustradas



### 3.11 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O aprendizado no período da prática docente ocorreu tanto por aulas que se concretizaram conforme o planejamento quanto por aulas que nos fizeram parar para refletir onde nos equivocamos. Após o relato de aula a aula, contando como elas aconteceram, buscamos algumas referências que são de grande valia para a reflexão teórica de momentos que merecem destaque.

Um dos primeiros momentos a serem destacados é sobre as aulas desenvolvidas com o auxílio de recursos tecnológicos como televisão, projetor multimídia etc. Diversificamos, então, a mediação pedagógica, o que facilitou que alcançássemos os objetivos destas aulas.

De acordo com Kensky (2007), a relação que se estabelece quando interagimos com novas mídias – televisão, computador etc. – é diferente da relação que se estabelece quando lemos um livro, por exemplo, e, por esse motivo, o processo de ensino e aprendizagem tem que acompanhar essa inovação tecnológica, diversificando suas mediações pedagógicas.

[...] O uso de recursos das tecnologias digitais como simulações, telepresença, realidade virtual e inteligência artificial instala um novo momento no processo educativo. Os fluxos de interações nas redes e a construção, a troca e o uso colaborativos de informações mostram a necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquica e em massa como a que está estabelecida nos sistemas educacionais. Como diz Lévy (id., ibid), essa nova educação deve preferir a imagem livre de “espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não-lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva” (KENSKY, 2007, p. 18).

Ainda em relação à diversificação da prática pedagógica, de acordo com Gómez (1999), transformar a escola vai além da incorporação de novas tecnologias, exige a desnaturalização da lógica do mercado que orienta seu uso e desenvolvimento.

Ela parte de tomar explicitamente o meio ou a tecnologia aplicada como objeto de estudo e análise, proporcionando uma orientação específica para o seu uso como tal e não somente como transmissor, proporcionando também uma orientação para uma adequada interação com os formatos e códigos técnicos e linguísticos dos quais se compõe, na perspectiva de estimular a aprendizagem e não a diversão. Na racionalidade de relevância o foco é no aprendizado, aprendizado este que é estimulado em situações específicas de ensino. (GOMÉZ, 1999, p. 66).

O ponto de partida não são os conteúdos a serem trabalhados, e sim, o educando – que é considerado em sua historicidade. Os conteúdos são o resultado de um processo naturalmente estimulado por certos conteúdos

iniciais, mas nunca determinado em uma forma única. O que a escola deve assegurar, em todo caso, é que a aprendizagem resultante de um processo educativo seja relevante para o sujeito ou os sujeitos que aprendem, relevante para o seu desenvolvimento como ser humano e social, que participa de comunidades e de países específicos. (GOMÉZ, 1999, p. 67-68).

Segundo Kenski (2007), as crianças e adolescentes que imergiram em meio ao processo tecnológico não se contentam em serem meros receptores de informações mesmo quando assistem televisão, por exemplo.

[...] Quando estão vendo televisão, a relação não é apenas direta, como um único programa ou canal. O importante é zapear e ver um pouco de tudo. Para muitos, zapear só não basta, é importante interagir, acompanhar o que está acontecendo em vários canais ao mesmo tempo – filmes, jogos, shows, novelas, jornais - e fazer a sua própria síntese com o som do rádio, o papo do telefone, tudo junto, ao mesmo tempo. Mais ainda, querem prever o que vai acontecer, interagir com a informação, dar palpites, voltar e escolher de acordo com suas preferências e opiniões, sentir que estão participando das decisões e definindo o rumo do que vão assistir, aproveitar o máximo do que está sendo veiculado no mínimo de tempo. (KENSKI, 2007, p. 52).

Durante alguns instantes das aulas 2 e 3, visitamos virtualmente o *Galleria degli Uffizzi* – Florença, ou seja, vivemos uma realidade virtualmente por meio da telepresença. Logo, utilizamos a tecnologia para estimular a aprendizagem relevante para o aluno e para seu desenvolvimento como ser humano e social.

Outro momento de grande aprendizado durante o estágio de docência foi durante a leitura dos textos dos alunos, os quais notamos que eram extremamente singulares pois possuíam um toque de subjetividade. A partir destes textos buscamos suprir as necessidades manifestadas pelos alunos, já que conforme explica Geraldi (2010),

Como cada texto é singular, toda atividade de sua produção merece o acompanhamento deste que é co-autor de seus alunos. E nos textos aparecem todos os problemas que podem ser enfrentados no campo da linguagem: os sentidos e as formas comuns ou inusitadas de expressá-los. Assim, a atenção ao acontecimento pode chegar ao detalhe do linguístico no seu sentido estreito.

Na primeira versão da produção textual dos alunos fizemos vários apontamentos e sugestões para que aprimorassem sua escrita na segunda versão, ou seja, reescrita. Esta prática da reescrita possibilitou que alcançássemos inúmeros objetivos. Por isso, concordamos com o relato de uma professora de língua portuguesa da Escola Municipal Maria da Luz Gotti, Colatina, ES:

Reescrever é um caminho indispensável para a formação de escritores competentes e autônomos. Esse é o momento em que o aluno tem a oportunidade de corrigir, acrescentar, excluir, procurando dizer de outro jeito o que já foi escrito. Essa é uma tarefa um tanto quanto difícil, pois muitos resistem em reescrever seu texto. É preciso variar as estratégias para entenderem a importância desse trabalho para qualquer escritor. (Relato de Prática Finalistas 2014, Prof. Teresa Silva Dias)<sup>8</sup>.

O relato acima descreve exatamente o que vivenciamos na nossa prática docente, pois apesar de fazermos os apontamentos e as inúmeras sugestões no texto dos alunos, alguns poucos resistiram à atividade de reescrita, não aproveitando a oportunidade de se aproximarem cada vez mais de escritores competentes e autônomos.

---

<sup>8</sup> Teresa Silva Dias. Relatos de Prática Finalistas 2014 - Prof<sup>a</sup> Teresa Silva Dias. *O verso que não quer sair*. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/relatos/artigo/1795/relatos-de-pratica-finalistas-2014-prof-teresa-silva-dias>>. Acesso em: 3 maio 2015.

#### **4. PROJETO EXTRACLASSE: JORNAL *NOTÍCIAS DO BEATRIZ*<sup>9</sup>**

Em 2011, os estagiários da disciplina de Língua Portuguesa criaram o jornal escolar *Notícias do Beatriz*, intitulado nesta época *Notícias da Bia*, como parte das atividades do estágio de docência no ensino fundamental. Devido ao sucesso da primeira edição do jornal na comunidade escolar e ao engajamento de alguns alunos que, de fato, se encontraram escrevendo no *Notícias do Beatriz*, a direção da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), decidiu que o projeto do jornal continuasse. Assim, a cada nova edição o jornal vem ganhando força, uma vez que agora faz parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da cultura da escola.

O jornal escolar, presente em muitas instituições de ensino, é um projeto de suma importância tanto para a prática docente quanto para a aprendizagem dos alunos, pois na esfera jornalística circulam diferentes gêneros como: carta do leitor, crônica, artigo de opinião, entrevista, reportagem, charge e anúncio, bem como as tipologias textuais inerentes aos respectivos gêneros. Ou seja, o jornal possibilita ao professor trabalhar inúmeros gêneros, desde os elaborados especificamente para o jornal, bem como os literários, já que o jornal escolar apresenta essa singularidade. Além disso, um jornal pode trabalhar com temas locais, portanto, presente na comunidade desses alunos, e com temas globais, que extrapolam esses limites. Dessa forma, o jornal oportuniza a socialização das produções textuais dos alunos, assim como possibilita a manifestação de suas posições políticas, de modo que eles possam criticar problemas tanto de ordem intraescolar quanto extraescolar, mostrar seus gostos, enfim, fazer sua própria pauta.

Outros pontos trabalhados no jornal e de grande relevância são a escrita e a leitura, pois a escrita nessa esfera exige pesquisa de campo e leituras afins a respeito do tema escolhido. Ambos os pontos são essenciais em uma sociedade grafocêntrica, porque cada vez mais são exigidas dos indivíduos as habilidades de leitura e escrita. Vale lembrar que o PPP da escola é alicerçado no eixo “Ler e escrever: compromisso de todos e de todas as áreas”. Portanto, fundamentada nesse propósito, a escola trabalha com interdisciplinaridade, logo, a prática da leitura e da escrita é compromisso de todos os professores.

---

<sup>9</sup> Esta seção foi adequada ao relatório final e retoma o projeto de docência elaborado para o extraclasse com a colaboração dos estagiários Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

#### 4.1 JUSTIFICATIVA

A decisão da escola em continuar com o Jornal *Notícias do Beatriz* só endossa a importância que ela dá à leitura, já apontada na introdução, pois nesse jornal escolar os alunos trabalham no contraturno, como atividade extraclasse. Isso quer dizer que, além das atividades já previstas em sala de aula com diferentes gêneros do discurso, leitura e escrita, os alunos ainda se dedicam ao *Notícias do Beatriz*.

Mais que um excelente meio de comunicação, o jornal possibilita aos alunos a experiência ímpar de trabalharem em grupo. Portanto, podem discutir os assuntos de maneira coletiva, antes de publicarem seus textos é possível que mostrem aos seus colegas de jornal a fim de terem uma opinião relevante. Do mesmo modo, para nós, futuros professores, pois também trabalhamos em grupo e tudo era decidido de maneira coletiva, ou seja, um aprendendo com o outro e respeitando o espaço do outro.

No que diz respeito à prática docente, o projeto extraclasse nos proporcionou a execução de um planejamento de aula diferente, visto que eram novos desafios, pois o número de encontros é mais reduzido e, ao contrário das turmas com as quais trabalhamos em que houve um mês de observação, no projeto extraclasse não houve tempo para isso. Em resumo, tem um caráter de oficina<sup>10</sup>. Sendo assim, no que diz respeito à docência, esse número de aulas mais reduzido nos propiciou ver como enquadrar o ensino de língua em outros espaços, os quais os alunos poderão ver seus trabalhos expostos, seja entrevista, seja reportagem e assim por diante. Como nos relatou um dos professores-estagiários, “Nunca vi um trabalho meu exposto”, sendo assim, no projeto do jornal escolar a possibilidade de exposição das atividades realizadas ocorre de forma a dar voz aos alunos.

Dessa forma, a produção de um jornal na escola possibilita que os alunos vivenciem de fato a experiência de tomar uma posição em relação ao dizer outro, pois na medida em que precisam entrevistar as pessoas e, com base nos dados coletados, produzir as matérias, torná-las públicas, estão de fato participando de situações de interação em que os sujeitos de fato tomam a palavra e se fazem ouvir, assim como produzem contrapalavras aos discursos do outro, em uma atitude de compreensão responsiva ativa, tal como propõe Bakhtin (2012).

---

<sup>10</sup> O lugar onde se fabrica, elabora ou conserta algo recebe o nome de oficina, a partir do latim *officina*, um derivado de *officium*, com o sentido de “serviço”, “cargo”, “dever”. Seu derivado *officina* é antigo e era usado para designar o espaço em que se desenvolviam esses tipos de atividades, de modo que podia indicar uma oficina ou uma escola. A última aplicação persiste na ligação do termo com a atividade de investigação acadêmica.

Outro dado importante, é que os alunos que participaram do projeto do jornal são de turmas diferentes, logo, trouxeram dúvidas diferentes e assumiram posturas distintas diante de cada situação, o que enriquece o jornal escolar.

Por fim, acreditamos que através da experiência desafiadora do projeto extraclasse estaremos prontos para nos dedicarmos a outros projetos como oficina de poesia, *fanzine*, oficina de contos etc.

## 4.2. REFLEXÃO TEÓRICA

### 4.2.1 Linguagem<sup>11</sup>

A concepção de linguagem que elegemos para fundamentar as ações previstas em nosso projeto extraclasse ancora-se na perspectiva dialógica e sócio-histórica de Bakhtin, que concebe a linguagem como um constante processo de interação entre os falantes da língua, mediada pelo diálogo com o outro. A língua, nessa concepção, só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação.

Para Bakhtin [Volochínov] (2009, p. 127, grifo do autor), “a verdadeira substância da língua não é constituída pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*”. Com isso, o enunciado, como a unidade real e concreta da comunicação discursiva, “é concebido como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente constituídos que, em uma dada situação de interlocução, interagem por meio da linguagem” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 27).

Sendo assim, concordando com as teorias de interação verbal e gêneros do discurso de Bakhtin (2012), construímos este projeto pensando no sujeito como alguém que em sua singularidade se faz no mundo, que se marca no mundo através de sua ação concreta. Portanto, o sujeito só se constitui como tal a partir do diálogo com os outros falantes, ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro.

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os

---

<sup>11</sup> Esta seção foi baseada principalmente no “Referencial Teórico” do projeto de docência *Era uma vez: o bruxólico e o imaginário no estudo de contos*, de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido, e no projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 115).

Para Bakhtin (2014, p. 89), “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica”. Sendo assim, a linguagem possui caráter dialógico, desse modo, toda enunciação é um diálogo, pois é de cunho social, ou seja, a verdadeira essência da língua não está ligada a um sistema abstrato de formas linguísticas, ela é real, constituída pelo fenômeno social da interação verbal, que se concretiza através da enunciação.

Para Bakhtin (2006, p. 128), “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas nem no psiquismo individual dos falantes*”.

Molon e Vianna (2012), ao analisarem os escritos de Bakhtin e Volochínov (2006) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirmam que a língua evolui historicamente na comunicação verbal concreta, sendo assim, uma ordem metodológica de ensino da língua é apresentada na obra:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2006, p.129).

É essa concepção de linguagem, e que compreende uma noção de gêneros do discurso, de ensino de língua, de leitura/escrita e de fala/escuta, tal como apresentaremos na sequência, que assumimos para fundamentar nossa ação docente no ensino de língua portuguesa, neste projeto de docência extraclasse.

#### **4.2.2 Gêneros do discurso<sup>12</sup>**

A noção bakhtiniana de gêneros do discurso está ancorada na relação entre linguagem e indivíduo, na qual o ato de comunicação exerce a função de intermediário dessa relação de enunciado e enunciador, na medida em que permite a interação entre sujeitos a partir da

---

<sup>12</sup> A seguinte seção foi baseada principalmente no “Referencial Teórico” presente do projeto de docência de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

articulação da *langue* (língua) com *parole* (fala). Dessa forma, o discurso só pode ter existência pela forma de enunciado assumido pelo falante, provendo a comunicação humana.

Cada enunciado representa um novo acontecimento, um evento histórico único constituído pela interação dos falantes e associado ao tempo e espaço em que se realiza. O locutor, portanto, ao produzir discurso expressa sua relação com o mundo e tenta adequar-se a uma determinada esfera social da atividade humana. Cabe ressaltar que, quando Bakhtin (2006) fala de esfera social, estão implicados valores ideológicos (visões de mundo) que sustentam cada uma dessas esferas, papéis sociais que os sujeitos ocupam na situação de interação, função social dos discursos em cada uma delas. Com base nessa concepção, “[...] o centro organizador de toda a enunciação, de toda a expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 2006, p. 123-124).

Para Bakhtin (2003), nenhum enunciado é produzido sem levar em consideração a noção de gêneros discursivos, já que para ele a utilização de uma língua acontece pela mediação dos mesmos. É a heterogeneidade dos gêneros do discurso integrados à fala que permite que cada qual seja condicionado a um campo específico da atividade humana.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) define os gêneros do discurso como tipos de enunciados que estão inteiramente ligados à comunicação social; isto é, os gêneros se constituem a partir da interação com a vida, na relação intrínseca com as diferentes esferas sociais da atividade humana, considerando o aspecto *socioideológico e discursivo dos gêneros*.

Para fomentar uma reflexão acerca do que é proposto para a prática de ensino dos gêneros discursivos, recorreremos Marcuschi (2008), que também relaciona os gêneros às práticas sociais de uso da língua. Para este autor, ao se tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino, a abordagem pedagógica precisa ultrapassar a ideia de gêneros como modelos, exemplos de estruturas convencionadas ou ferramenta de ensino; propõe estudá-los vinculados ao seu papel social. É o que procuramos proporcionar aos nossos alunos pela leitura e escrita de textos de gêneros da esfera jornalística ao longo do desenvolvimento do

projeto de docência extraclasse para a elaboração da sexta edição do *Jornal Notícias do Beatriz*, em seu quinto ano de circulação.

#### 4.2.3 Estudo da língua<sup>13</sup>

Segundo Antunes (2003, p. 124, grifos nosso), o estudo da língua deve centrar-se:

Em atividades, em produções (não no sentido mecânico de fazer para “encher o tempo”, ou para cumprir a praxe do “dever”, simplesmente). Tais atividades de produção teriam a função de promover (não de “treinar”) no aluno a prática da comunicação verbal fluente, adequada e relevante, e o conteúdo dessas atividades, repito, giraria em torno das habilidades de falar, ouvir, ler e escrever textos [...].

Nesse sentido, ressaltamos que a produção de textos, para além das aulas de Língua Portuguesa, como é o caso do projeto extraclasse do jornal Notícias do Beatriz, não deve servir para exercitar mecanicamente os conteúdos elucidados nas aulas (ANTUNES, 2003). A prática pedagógica ideal para essas atividades que envolvem a leitura e a escrita considera a produção de textos como elemento de interação entre os indivíduos ou como forma de atuação nos diversos espaços de comunicação, neste caso através de um jornal escolar, no qual os alunos são os protagonistas.

O trabalho com a língua portuguesa deve desenvolver no aluno a visão de língua como um fator de identidade cultural e como elemento de interação verbal, ao invés de persistir em uma prática pedagógica que, “em muitos aspectos, mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas” (ANTUNES, 2003, p. 19). Ao fazer o estudo das nomenclaturas e classificações gramaticais se tornarem predominantes nas aulas de língua portuguesa, não estaremos contribuindo para que o aluno adquira competências em leitura e escrita. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 32) refere-se ao ensino dessa gramática como:

[...] uma gramática voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto, uma gramática dos “nomes” das unidades, das classes e subclasses dessas unidades (e não das regras de seus usos). Pelos limites estreitos dessa gramática, o que se pode desenvolver nos alunos é apenas a capacidade de “reconhecer” as unidades e de nomeá-las corretamente. Vale a pena lembrar que, de tudo o que diz respeito à língua, a nomenclatura é a parte menos móvel, menos flexível, mais estanque e mais distante das intervenções dos falantes. Talvez, por isso mesmo, seja a parte “mais fácil” de virar objeto das aulas de língua.

---

<sup>13</sup> A seguinte seção foi baseada principalmente no “Referencial Teórico” presente do projeto de docência de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

Outra prática denunciada pela autora refere-se a tornar a aula de língua cheia de preconceitos linguísticos:

A língua não pode ser vista tão simplistamente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. *A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social.* É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. *É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço.* (ANTUNES, 2007, p. 22, grifos nosso).

Sendo assim, pretendemos efetivar o ensino da língua portuguesa nesse projeto extraclasse, que prevê a elaboração de mais uma edição do jornal *Notícias do Beatriz* pelas práticas sociais do uso da linguagem, privilegiando a prática da leitura e da escrita, mas voltando-se também à oralidade e à análise linguística.

Considerando o que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de língua portuguesa deve oferecer condições para que o aluno desenvolva os seguintes conhecimentos:

- Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- Expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- Refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 59).

Dessa forma, consideramos que as concepções de Irandé Antunes (2003, 2007) sobre o ensino de língua portuguesa estão mais relacionadas com o que propõem os PCNs e com o que queremos desenvolver durante a prática docente no ensino de língua em atividades extraclasse. Para isso, procuramos nos distanciar de qualquer prática denunciada pela autora como ineficaz.

#### **4.2.4 Leitura e Escrita**

Considerando que os processos de leitura e escrita são primordiais para o desenvolvimento dos alunos, nas oficinas do projeto extraclasse *Jornal Notícias do Beatriz* as atividades destinadas à leitura e à escrita foram embasadas nos estudos de Geraldi (1993).

Em *Portos de Passagem*, Geraldi (1993, p. 137) salienta a importância da leitura e da produção textual, apontando para a necessidade de “ter o que dizer” (conteúdo); “uma razão

para dizer o que se tem a dizer” e que “se tenha para quem dizer o que se tem a dizer”, como base para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre texto – leitor.

Vianna e Silva (1997, p. 83), ao falarem sobre o jornal na sala de aula, escrevem que “Não basta, por exemplo, incentivar somente o gosto pela leitura, é primordial que se desenvolva nos alunos a capacidade de bem interpretar o que leem, num processo que chamamos de amadurecimento da leitura crítica”.

Geraldi (1993, p. 135) considera que é “no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas [...], quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva [...]”. Ao usar o texto como objeto de estudos, o aluno poderá aprender as regras gramaticais da gramática normativa, identificará as marcas pessoais do autor e terá grande chance de produzir textos coesos e coerentes, de forma contextualizada.

Sendo assim, o professor ao ler as produções dos alunos não pode desconsiderar as suas ideias, e também precisa agir como interlocutor dos textos dos alunos em oposição ao papel do professor-avaliador. Nesse sentido, o professor não pode ver a produção de texto como um produto final, um resultado do processo, mas precisa agir como interlocutor e também assumir a posição de leitor do Jornal *Notícias do Beatriz*, o que também significa questionar, sugerir, testar o texto do aluno como leitor, construir-se como “coautor” que aponta caminhos possíveis para o aluno dizer o que quer dizer na forma que escolheu (GERALDI, 1993). Dessa forma, o jornal escolar traz outras possibilidades para professores e alunos se posicionarem no mundo.

No que se refere à produção de texto, para Geraldi (2006), ainda há artificialidade, pois o único interlocutor do texto do aluno é o professor, que geralmente não o lê, apenas corrige. Neste caso o caráter dialógico da linguagem não é levado em consideração, porque o aluno não considera os possíveis leitores de seu texto e por isso não se esforça para criar estratégias discursivas para mover o texto em sua direção. Na nossa prática extraclasse, porém, a produção de texto é ligada à produção do jornal da escola. Jornal este que circula entre os alunos, os pais e na comunidade em torno da escola. Dessa forma, “fugiremos” da produção artificial dos gêneros ligados ao jornal.

#### **4.2.5 O jornal e seus gêneros**

O jornal, por si, não é um gênero, mas um suporte no qual vários gêneros estão presentes. A sexta edição do jornal que realizaremos com os alunos não só terá os textos escritos por eles, como sua circulação estará inserida no meio onde vivem: na escola, em casa

e na comunidade. Assim, o conteúdo do jornal e os seus gêneros precisam ser modelados para atender a esse público leitor, pois, conforme Bakhtin (2011, p. 285), cada esfera da atividade humana produz seus respectivos gêneros discursivos e “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, [...] refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação”. Dessa forma, os principais gêneros presentes em um jornal e que trabalhamos com os alunos são: notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, entre outros que fazem parte da esfera jornalística<sup>14</sup>.

Para Faria e Zanchetta Junior (2012), a função da linguagem no jornal dependerá do tipo de público que o jornal deseja ter. Em um trecho sobre a linguagem na notícia que não busca o sensacionalismo – mas que serve para os outros gêneros correlatos –, os autores escrevem:

Os jornais que buscam cativar o leitor por meio de informações menos afetadas e mais explicativas utilizam *predominantemente a função referencial* em suas notícias. É uma maneira de demonstrar distanciamento entre o jornal e o fato narrado, dando a aparência de neutralidade. Predomina nesses jornais uma linguagem objetiva, com menos adjetivos, dando ao leitor certa margem para estabelecer juízos sobre as matérias publicadas. Outras funções não são descartadas, acabam apenas camufladas. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 15, grifo nosso).

Dessa forma, não se espera desse tipo de jornal, ao menos de forma explícita, um texto que apresenta um juízo de valor. Em jornais sensacionalistas, por outro lado, “a linguagem referencial tende a dar lugar para registros emotivos e insinuantes, estabelecendo-se escancaradamente juízos de valor” (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 15). No caso do Jornal Notícias do Beatriz, procuramos nos aproximar da linha editorial de jornais que utilizam a função referencial da linguagem. Portanto, os alunos “jornalistas” deverão ter uma atitude ética e respeitar as fontes e os indivíduos participantes.

A partir dessas questões, nas seções seguintes, apresentamos alguns gêneros jornalísticos, como: notícia, reportagem e entrevista.

#### 4.2.5.1 Notícia

A notícia referencia as informações de um acontecimento e é vista como um dos principais gêneros do jornal. Para se decidir o que pode ou não virar notícia, precisamos observar as seguintes características: “ineditismo, atualidade, veracidade, e a potencial

---

<sup>14</sup> Além desses, também trabalharemos com gêneros importantes, mas que não são “obrigatórios” em um jornal, como: tirinha, charge, classificados, anúncio e resenha. O editorial será elaborado pelos estagiários.

importância ou interesse que [o fato] pode ter para uma dada parcela da sociedade” (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 26).

Segundo Faria e Zanchetta Junior (2012, p. 26), o texto noticioso virou referência para o padrão de escrita na sociedade brasileira:

Na própria sociedade, sobretudo em sua parcela com acesso regular à cultura escrita, gradativamente foram se modificando os referenciais de linguagem. Até meados do século 20, a literatura era uma espécie de padrão para se definir a linguagem de prestígio. [...] Nos anos seguintes, a “linguagem culta” também passou a abarcar um registro mais informal, mais próximo do cotidiano, porém cuidado: toma-se como parâmetro a linguagem erudita, mas de maneira absoluta, flertando-se inclusive com os registros coloquial e popular. Hoje um dos principais indicadores de linguagem de prestígio são os jornais de maior circulação no país.

Tal assertiva, combinada com as considerações anteriores que fizemos sobre o ensino de língua, reafirma a necessidade da leitura e produção de textos deste gênero na escola, para que os alunos possam organizar seu discurso em função do outro, de se comprometerem com sua palavra, tornando-se, assim, autores e responsáveis pelo seu dizer.

#### 4.2.5.2 Reportagem

Ao contrário da notícia, a reportagem não precisa ter o mesmo imediatismo e, por isso, pode ser feita a partir de uma investigação maior do fato a ser reportado. Interessantemente, a reportagem escrita permite outro tipo de apresentação do texto:

Não raramente, notam-se traços mais elaborados de composição, fazendo aproximar o texto jornalístico do texto literário. Basta lembrar que boa parte dos escritores brasileiros contemporâneos, como Carlos Heitor Cony, João Ubaldo Ribeiro e Luís Fernando Veríssimo, são ou atuaram como jornalistas. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 49).

Segundo Faria e Zanchetta (2012), a reportagem busca recuperar as informações apresentadas no dia a dia e aprofundá-las, além de informar pontualmente sobre um fato, observa as suas raízes e o desenrolar dele, o que dá ainda mais liberdade de composição torna o ainda mais interessante para ser usado na escola. A reportagem, assim como os outros gêneros jornalísticos, é produzida em uma determinada esfera da comunicação humana, o que requer que se tenha clareza de sua função social, e dos papéis (aluno-autor e professor-leitor) a serem assumidos no ensino-aprendizagem desse gênero.

#### 4.2.5.3 Entrevista

A entrevista é o gênero que mais destoa dos dois principais vistos até aqui: não tem o imediatismo da notícia nem a liberdade da reportagem. Exige-se não apenas habilidade de escrita por parte do autor, mas também capacidade de fazer as perguntas certas, escrever o que o *outro* falou, tudo de uma forma que interesse ao leitor. Segundo Faria e Zanchetta Junior (2012, p. 57):

A entrevista de cunho jornalístico pode auxiliar no desenvolvimento de uma série de habilidades: (a) o estímulo ao contato formal entre as pessoas, abarcando-se não apenas fatores posturais, como o de respeito mútuo entre entrevistados e entrevistadores, mas ainda a necessidade de reflexão, tanto na entrevista como na sua edição, perfil de linguagem a ser adotado [...]; (b) observação do peso social das palavras, pois as declarações de quem quer que seja serão transformadas em documentos a partir do momento em que estiverem gravadas ou impressas; (c) o fomento à pesquisa preparatória da entrevista [...], não devendo também exigir do entrevistado uma “aula” sobre o assunto a ser abordado na entrevista, mas sim seus posicionamentos acerca de determinada questão; (d) além da obrigação de zelar pela integridade da fala do entrevistado, os alunos estarão diante de posicionamentos que podem divergir dos seus: estará ele lidando, na prática, com a questão ética; (e) contato efetivo com diferentes situações de construção do discurso (discurso direto e indireto).

O fato do estudante ser *mediador* entre o entrevistado e o leitor, tendo, por questões éticas, que se manter quase invisível no processo, torna esse gênero único entre os trabalhados na escola.

### 4.3 OBJETIVOS

#### 4.3.1 Objetivo Geral

Produzir a sexta edição do Jornal Escolar “Notícias do Beatriz” com as produções textuais dos alunos do turno matutino da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.

#### 4.3.2 Objetivos Específicos

- Ampliar o conhecimento acerca dos gêneros da esfera jornalística, tais como: notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas, por meio da leitura-estudo de textos presentes nos exemplares dos jornais impressos: “Notícias da Bia”, “Notícias do Beatriz”, “Hora de Santa Catarina” e “Diário Catarinense”;
- Compreender a função social, o espaço de circulação e a forma de composição do jornal impresso;

- Reconhecer os diferentes tipos de textos presentes nos exemplares dos jornais impressos analisados, considerando sua função social, tema, estilo e forma de composição;
- Conhecer diferentes formas de apresentação de notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas, pela análise de exemplares de cada um desses gêneros em diferentes jornais;
- Aprimorar prática da escrita através da produção e reescrita de textos dos gêneros estudados, considerando sua função social e a sua forma composicional;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa na socialização das análises realizadas e produções textuais elaboradas para a 6ª edição do jornal *Notícias do Beatriz*.

#### 4.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS

Com base na concepção dialógica de linguagem o objeto de conhecimento das aulas de Língua Portuguesa é a própria língua, sintetizada nas práticas de uso que dela se faz: fala/escuta (oralidade) leitura/escrita e reflexão sobre os próprios recursos da língua (análise linguística). A unidade de ensino passa a ser o texto e o objeto de ensino os gêneros jornalísticos. Nesse sentido, no desenvolvimento deste projeto de docência de ensino de língua em atividades extraclasse, trabalharemos com<sup>15</sup>:

- Projeto extraclasse “Jornal Escolar Notícias do Beatriz”;
- O fazer jornalístico propriamente dito;
- Gêneros do discurso e pesquisa na esfera jornalística;
- Contexto de circulação do jornal;
- Debate e exposição de ideias;
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuíam sobre o projeto “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” e sobre o fazer jornalístico;
- Leitura-fruição dos exemplares impressos de jornais;
- Produção do jornal;
- Leitura para busca de informações nos exemplares impressos de jornais;

---

<sup>15</sup> Este parágrafo foi retirado do projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

- Pesquisa e coleta de dados e informações;
- Escrita e reescrita do texto de acordo com as características de cada gênero;
- Análise linguística.

#### 4.5 METODOLOGIA PROJETO JORNAL ESCOLAR *NOTÍCIAS DO BEATRIZ*

Na realização do projeto do jornal escolar *Notícias do Beatriz*, como atividade extraclasse, propôs-se primordialmente, que os alunos aprendessem sobre os gêneros da esfera jornalística que circulam em nosso dia a dia, desenvolvendo o estudo das características peculiares que distinguem estes gêneros de outros. Este projeto também pretende atrair a atenção dos alunos de modo que se sentissem motivados e envolvidos com os temas que envolvem o jornal, e que conseguissem realizar plenamente as atividades solicitadas.

Este projeto foi desenvolvido no período vespertino e, como se caracteriza como atividade extraclasse, os alunos que tiveram possibilidade de participar das oficinas do jornal da escola foram os do sexto ao nono ano do turno matutino do Ensino Fundamental.

Para a realização do 6º número do *Jornal Notícias do Beatriz*, foi necessário que os professores estagiários do curso de Letras – Língua e Literaturas Português da UFSC que realizam seu estágio de docência nesta escola estivessem todos envolvidos em uma ação coletiva, desde o seu planejamento até a realização das oficinas e a diagramação do boneco para impressão.

As oficinas foram planejadas e desenvolvidas considerando os principais elementos de um jornal e os gêneros que circulam na esfera jornalística. Sendo assim, cada estagiário ficou responsável por trabalhar uma seção do jornal, sendo elas: notícia, reportagem, entrevista, tirinha e charge, classificados e anúncios, e resenha. A partir das decisões relevantes às seções do jornal e da definição das equipes, foi feito o estudo dos gêneros específicos de cada seção, com o objetivo de instrumentalizar a escrita dos alunos.

Com o estudo desses gêneros jornalísticos trabalhamos com a construção de novos aprendizados, procurando desenvolver a criatividade e a escrita dos alunos envolvidos, através da elaboração dos textos e de suas respectivas reescritas.

A produção do jornal visou à participação dos alunos que deverão pesquisar sobre os temas das matérias, selecionar imagens, assim como redigir os textos. Ressaltamos que eles foram orientados pelos professores estagiários e pela professora orientadora da disciplina em todas as etapas que envolveram a produção do jornal.

Após a produção escrita, os estagiários fizeram a avaliação do material produzido para que, com base nas orientações e indicações em relação aos problemas identificados, os alunos pudessem fazer a reescrita dos textos para serem publicados no *Jornal Notícias do Beatriz*. A edição da versão final dos textos e a diagramação do jornal foram realizadas pelos estagiários.

Após todo esse processo, o *Jornal Notícias do Beatriz* foi encaminhado para impressão e posterior distribuição e circulação na comunidade escolar.

#### 4.6 CRONOGRAMA PROJETO EXTRACLASSE JORNAL ESCOLAR *NOTÍCIAS DO BEATRIZ*

<b>CRONOGRAMA</b>	
<b>Oficina 1</b> <b>17/6/2015</b> (13:30 às 15:45)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do projeto extraclasse jornal escolar <i>Notícias do Beatriz</i> e dos professores estagiários aos alunos (Coord. Morgana) – 30 minutos;</li> <li>• Palestra com a jornalista Mayara Rinaldi sobre o fazer jornalístico e as etapas de produção do jornalístico.</li> </ul>
<b>Oficina 2</b> <b>19/6/2015</b> (13:30 às 15:45)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar sistematicamente exemplares impressos de Jornais conceituados e de Jornais elaborados por alunos da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito em semestres anteriores;</li> <li>• Oficina com o aluno do curso de jornalismo da UFSC Mateus Bandeira Vargas sobre análise do suporte jornal;</li> <li>• Divisão da turma em grupos para aprofundar o estudo daqueles gêneros que farão parte do jornal a ser elaborado: sua função social, forma de composição e a linguagem utilizada (Coord. Ana Carolina).</li> </ul>
<b>Oficina 3</b> <b>24/6/2015</b> (13:30 às 15:45)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração da primeira versão escrita dos gêneros que constituirão o jornal – notícia, entrevista, reportagem, resenha, charge e tirinha, classificados –, considerando função social, forma de composição e recursos expressivos e linguísticos próprios de cada gênero.</li> </ul>
<b>Oficina 4</b> <b>26/6/2015</b> (13:30 às 15:45)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção da versão final do texto que irá compor o jornal, de acordo com os apontamentos feitos pelos estagiários na primeira versão do texto.</li> </ul>
<b>Oficina 5</b> <b>1/7/2015</b> (13:30 às 17:30)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer os laboratórios do curso de Jornalismo da UFSC, para que os alunos possam observar, na prática, como ocorre o processo de produção de um jornal, destacando a importância do trabalho individual e coletivo;</li> <li>• Finalização das produções textuais que irão compor o Jornal Escolar <i>Notícias do Beatriz</i>.</li> </ul>

#### **4.6.1 Oficina 1 – 17 julho 2015**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

#### **EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente: Rita de Cássia Peres**

**Jornal Escolar Notícias do Beatriz**

**Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.**

#### **Plano de aula - encontro 1**

**Data 17/6 – das 13h30min às 15h45min**

**Tema:** Apresentação do projeto extraclasse e palestra.

#### **Objetivos gerais**

- Apresentar-se e ficar atento às apresentações dos professores estagiários;
- Conhecer o projeto extraclasse denominado “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” já desenvolvido em semestres anteriores por estagiários do curso de Letras – Língua e Literaturas Portuguesa da UFSC;
- Dialogar com alguém (a definir) que tenha algum tipo de relação com o jornalismo, a fim de entrar em contato com o fazer jornalístico.

#### **Objetivos específicos**

- Socializar saberes que possuem sobre o projeto denominado “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” desenvolvido na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, assim como, sobre o fazer jornalístico;
- Conhecer aspectos gerais do fazer jornalístico por meio da palestra a ser assistida;
- Refletir sobre a importância do projeto “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.
- Expressar-se com clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuíam sobre o projeto “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” e sobre o fazer jornalístico.

#### **Conteúdo**

- O fazer jornalístico;
- A importância do Projeto extraclasse “Jornal Escolar Notícias do Beatriz”;
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuem sobre o projeto *Jornal Notícias do Beatriz*;
- A escrita como recurso para registro da fala do outro.

#### **Metodologia**

- Apresentar professores estagiários e alunos;
- Provocar os alunos a socializarem o que já conhecem sobre o projeto do Jornal Notícias do Beatriz e sobre a esfera jornalística;
- Explicar a proposta do projeto para a turma;
- Organizar os alunos para palestra-dialogada.

#### **Recursos didáticos**

- Jornais impressos;

- Computador com internet;
- Projetor multimídia.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, considerando a pertinência das intervenções e pelo o respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se, em linhas gerais, o aluno compreender a importância do projeto e da esfera jornalística para o aprendizado da língua materna.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

---

### **4.6.2 Oficina 2 – 19 julho 2015**

Universidade Federal de Santa Catarina  
 Centro de Ciências da Educação  
 Departamento de Metodologia de Ensino  
 Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
 Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

#### **EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente: Rita de Cássia Peres**

**Jornal Escolar Notícias do Beatriz**

**Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.**

#### **Plano de aula - encontro 2**

**Data 19/6 – das 13h30min às 15h45min**

**Tema:** Estudo do jornal e divisão dos grupos.

#### **Objetivos gerais**

Analisar sistematicamente exemplares impressos de Jornais conceituados e de Jornais elaborados por alunos da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito em semestres anteriores;

#### **Objetivos específicos**

- Refletir sobre a função social do jornal;
- Identificar seus meios de circulação;
- Compreender a importância da pesquisa no fazer jornalístico;
- Reconhecer os diferentes gêneros que fazem parte da esfera jornalística;
- Dividir a turma em grupos para aprofundar o estudo daqueles gêneros que farão parte do jornal a ser elaborado: sua função social, forma de composição e a linguagem utilizada.

#### **Conteúdo**

- Gêneros do discurso e pesquisa na esfera jornalística;
- Contexto de circulação do jornal;
- Leitura-fruição dos exemplares impressos de jornais;
- Leitura para busca de informações nos exemplares impressos de jornais;

## **Metodologia**

- Provocar os alunos a socializarem o que já conhecem sobre a esfera jornalística – função social, meios de circulação, gêneros que o integram;
- Distribuir exemplares dos jornais para leitura-fruição e busca de informações;
- Retomar a proposta do projeto para a turma;
- Exposição dialogada sobre a função social do jornal e seu contexto de circulação;
- Definir as equipes levando em consideração que: o estagiário Alexandre ficou responsável pelo gênero resenha; a estagiária Ana Carolina ficou responsável pelo gênero notícia; Bianca, por classificados e anúncios; José, reportagem; Maria ficou responsável pelos gêneros tirinha e charge; e Morgana, entrevista.
- Entregar roteiros específicos para cada gênero textual, a fim de que os grupos de alunos façam uma leitura/estudo orientada;
- Escolher o tema a partir do qual cada grupo desenvolverá seu texto de acordo com o gênero textual;
- Orientar os alunos para o próximo encontro, sugerindo alguns materiais que possam ser úteis para a escrita da primeira versão da produção textual. .

## **Recursos didáticos**

- Cópias impressas dos roteiros;
- Jornais impressos;
- Computador com internet;
- Projetor multimídia.

## **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, considerando a pertinência das intervenções; e pelo o respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se, em linhas gerais, o aluno compreender os gêneros do discurso, a função social e os meios de circulação da esfera jornalística.

## **Referências**

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012

---

### **4.6.3 Oficina 3 – 24 julho 2015**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

#### **EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente: Rita de Cássia Peres**

**Jornal Escolar Notícias do Beatriz**

**Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.**

**Plano de aula - encontro 3**  
**Data 24/6 – das 13h30min às 15h45min**

**Tema:** Escrita da primeira versão.

**Objetivos gerais**

Elaborar primeira versão escrita dos gêneros que constituirão o jornal, considerando função social, forma de composição e recursos expressivos e linguísticos próprios de cada gênero.

**Objetivos específicos**

- Anotar dados e informações coletadas durante a pesquisa para construção dos textos;
- Empregar adequadamente os recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros notícia, reportagem, entrevista, tirinha, charge, classificados, anúncios, resenha na produção dos textos para o jornal.

**Conteúdo**

- Pesquisa e coleta de dados e informações;
- Gêneros notícia, reportagem, entrevista, tirinha, charge, classificados, anúncios, resenha;
- Recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros;
- Escrita do texto de acordo com as características de cada gênero.

**Metodologia**

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar as equipes para realizarem as pesquisas que, a princípio, serão realizadas apenas na própria escola;
- Sair a campo e coletar os dados necessários para a produção da 1ª versão dos textos a partir dessas informações;
- Retornar ao local onde o projeto está sendo desenvolvido para iniciarem a primeira versão escrita;
- Entregar a primeira versão escrita.

**Recursos didáticos**

- Folha pautada;
- Lápis;
- Computador;
- Celular;
- Câmera fotográfica.

**Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como o respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se o aluno elaborar seu texto de acordo com o estudo realizado sobre as características do gênero do discurso pelo qual ficou responsável para a constituição do *Jornal Escolar Notícias do Beatriz*.

**Referências**

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

---

#### **4.6.4 Oficina 4 – 26 julho 2015**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

**EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente: Rita de Cássia Peres**

**Jornal Escolar Notícias do Beatriz**

**Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.**

**Plano de aula - encontro 4**  
**Data 26/06 – das 13h30min às 15h45min**

**Tema:** Reescrita e entrega da versão final.

#### **Objetivos gerais**

Produzir a versão final do texto que irá compor o jornal, de acordo com os apontamentos feitos pelos estagiários na primeira versão do texto.

#### **Objetivos específicos**

- Reescrever o texto que irá ser publicado;
- Adequar o texto ao gênero de acordo com os apontamentos feitos pelos professores estagiários, levando em conta os elementos textuais, os recursos linguísticos e expressivos.

#### **Conteúdo**

- Gênero do discurso;
- Reescrita dos gêneros: notícia, reportagem, entrevista, tirinha, charge, classificados, anúncios, resenha;
- Recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio;
- Análise linguística.

#### **Metodologia**

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar as equipes para realizarem a reescrita do texto que será publicado no Jornal Escolar Notícias do Beatriz;
- Acompanhar os alunos para qualquer dúvida que possa surgir;
- Entregar a versão final escrita do texto que será publicado.

#### **Recursos didáticos**

- Folha pautada;

- Lápis;
- Computador;
- Celular;
- Câmera fotográfica.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como pelo respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se o aluno reelaborar seu texto de acordo com os apontamentos realizados pelos professores estagiários considerando a adequação ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa, assim como pelo estudo realizado sobre as características do gênero do discurso pelo qual ficou responsável para a constituição do *Jornal Escolar Notícias do Beatriz*.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

---

### **4.6.5 Oficina 5 – 26 julho 2015**

Universidade Federal de Santa Catarina  
 Centro de Ciências da Educação  
 Departamento de Metodologia de Ensino  
 Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I  
 Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

#### **EBM Beatriz de Souza Brito**

**Professora regente: Rita de Cássia Peres**

**Jornal Escolar Notícias do Beatriz**

**Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.**

**Plano de aula - encontro 5**  
**Data 1/7 – das 13h30min às 15h45min**

**Tema:** Saída de estudos.

#### **Objetivos gerais**

Conhecer os laboratórios do curso de Jornalismo da UFSC, para que os alunos possam observar, na prática, como ocorre o processo de produção de um jornal, destacando a importância do trabalho individual e coletivo.

#### **Objetivos específicos**

- Compreender os processos envolvidos no fazer jornalístico, pela escuta atenta e ativa da explicação sobre o funcionamento dos diferentes laboratórios do curso de Jornalismo da UFSC.

- “Aprofundar conceitos, procedimentos e informações discutidas em sala de aula [...]” (PPP, p. 53) sobre o fazer jornalístico, assim como, sobre as etapas de produção do jornal.

### **Conteúdo**

- O fazer jornalístico;
- Produção do jornal.

### **Metodologia**

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar os alunos para saída de estudo;
- Organizar os alunos em dois grupos para a visita dos diferentes laboratórios do curso de jornalismo;
- Ao retornar à escola, concluir os textos que por algum motivo ainda não foram finalizados.

### **Recursos didáticos**

- Folha pautada;
- Lápis;
- Computador;
- Celular;
- Câmera fotográfica.

### **Avaliação**

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como pelo respeito aos colegas, aos professores e aos demais envolvidos nas atividades.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Para ler e fazer o jornal na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PROJETO Político Pedagógico da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. Florianópolis, 2015.

## **4.7 RECURSOS NECESSÁRIOS**

- Caderno para anotações;
- Câmera fotográfica (fotos para publicação no relatório de estágio de docência em Projeto Extraclasse);
- Caneta hidrocor;
- Caneta para quadro branco;
- Cola;
- Computador;

- Exemplos de jornais impressos: *Notícias da Bia*, *Notícias do Beatriz*, *Hora de Santa Catarina* e *Diário Catarinense*;
- Folha branca A4;
- Folha pautada;
- Lápis de cor;
- Projetor multimídia;
- Quadro branco;
- Régua;
- Tesoura;
- Textos jornalísticos impressos: notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas.

#### 4.8 AVALIAÇÃO<sup>16</sup>

A concepção de Irandé Antunes (2003) nos norteou para pensarmos o processo avaliativo no projeto extraclasse. Para a autora, a avaliação precisa ser uma prática contínua e progressiva. Nesse processo, a autonomia didática do professor assume papel importante para que as aulas de português sejam para falar, ouvir, ler e escrever textos, contribuindo de uma forma crítica, pedagógica e relevante para o aprendizado dos alunos. É através da avaliação que o docente conhece o que foi apropriado pelo aluno no processo de aprendizagem e poderá planejar como dar continuidade ao processo de ensino.

Por uma didática que diga não à mecanização em relação à oralidade, a escrita, a leitura e a gramática, que objetive ensinar a língua e seu funcionamento, e não apenas o ensino de “uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício” (ANTUNES, 2003, p. 31), foi fundamental que nas aulas de Língua Portuguesa e também nas oficinas do projeto extraclasse *Jornal Notícias do Beatriz* se trabalhasse os diversos tipos de gêneros textuais e fosse realizada uma análise linguística contextualizada.

---

<sup>16</sup> Esta seção foi baseada principalmente no “Referencial Teórico” do projeto de docência *Era uma vez: o bruxólico e o imaginário no estudo de contos*, de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido, e no projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

Ensinar as nomenclaturas e classificações das orações, não irá contribuir no desenvolvimento do aluno, desse modo, foi necessário reinventar as atividades trabalhadas nas oficinas do projeto, com o intuito de melhorar o meio de aquisição do aluno na prática da oralidade, escrita, leitura e análise linguística, considerando que o trabalho com o gênero textual é fundamental para a competência discursiva dos sujeitos, uma vez que os sujeitos utilizam dos gêneros textuais para atuarem nos diferentes domínios da atividade humana.

Com base nas proposições acima, levando em conta as singularidades de cada aluno, a avaliação foi feita de forma processual. Para tanto, consideramos os seguintes aspectos: o interesse e o envolvimento nas produções textuais; o desempenho dos alunos no alcance dos objetivos estabelecidos; a cooperação dos alunos no momento da socialização das produções; a proposição de questionamentos; e a entrega das produções textuais que irão compor o *Jornal Notícias do Beatriz*.

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos foi avaliado a partir da produção e reescrita de textos, se os mesmos se apropriaram da função social e da forma de composição dos gêneros presentes nos jornais impressos.

#### 4.9 A EXPERIÊNCIA DO EXTRACLASSE: O RELATO DAS OFICINAS

##### **4.9.1 Encontro 1 - 17/6/2015 – das 13h30min às 15h45min**

Iniciamos este encontro no refeitório, onde realizamos uma conversa com os alunos participantes do projeto do jornal *Notícias do Beatriz*. O objetivo da conversa foi apresentar os professores estagiários e alunos entre si, saber dos alunos quem já haviam participado do projeto, e em que ano, a turma de cada aluno e explicar, de modo geral, o objetivo e a importância do jornal do *Beatriz*, que oportuniza o ensino da língua em outros espaços e a socialização das produções textuais dos alunos.

Este primeiro momento durou cerca de 30 minutos e foi coordenado pela estagiária Morgana, que contou com a participação de seus colegas estagiários Alexandre, Ana Carolina, Bianca, José Luiz e Maria José, assim como dos alunos do projeto, da professora regente de Língua Portuguesa da escola *Beatriz de Souza Brito* e da orientadora de estágio do Curso de Letras – Língua e Literaturas Portuguesa da UFSC. Consideramos que os alunos foram bem participativos, pois aqueles que já haviam participado do jornal contaram a experiência para o grupo e aqueles que estavam ali pela primeira vez demonstraram certa curiosidade em saber como seria o desenrolar do projeto.

O segundo momento do encontro aconteceu na sala informatizada da escola Beatriz, no qual a jornalista Mayara Rinaldi foi convidada para fazer uma palestra para os alunos. O objetivo desta palestra foi falar sobre o fazer jornalístico e as etapas de produção do jornal. O estagiário Alexandre foi quem coordenou a apresentação da jornalista para o grupo e foi quem fechou a palestra com os agradecimentos. Houve efetiva participação dos alunos do projeto, principalmente no tempo disponibilizado para perguntas, no final da palestra.

**Imagem 20 – Palestra Mayara Rinaldi**



#### **4.9.2 Encontro 2 - 19/6/2015 – das 13h30min às 15h45min**

No segundo encontro recebemos outro convidado, mas desta vez do aluno do curso de jornalismo da UFSC Mateus Bandeira Vargas foi quem nos auxiliou na tarefa de analisar mais

profundamente o suporte jornal. Foram utilizados tanto exemplares de jornais conceituados, como exemplares de anos anteriores do próprio jornal da escola o *Notícias do Beatriz*, o jornal do curso de jornalismo da UFSC Zero, *Diário Catarinense*, *Folha de S. Paulo*, entre outros.

A estagiária que coordenou este momento da oficina foi Ana Carolina, a qual também fechou a análise do jornal, fazendo, assim, um resumo do que foi explicado pelo aluno do curso de jornalismo da UFSC. Os alunos do projeto ouviram atentamente as explicações e a análise e contribuíram com o andamento da oficina por meio de suas indagações. Esta oficina foi realizada na sala informatizada da escola Beatriz.

Terminada a análise do jornal, foram feitos os agradecimentos ao convidado do dia e a estagiária Ana Carolina começou a divisão dos grupos por gênero do discurso. Sendo assim, os professores estagiários dividiram-se e formaram os grupos das oficinas: o Alexandre ficou responsável pelo gênero resenha; a estagiária Ana Carolina pelo gênero notícia; Bianca por classificados e anúncios; José Luiz pelo gênero reportagem; Maria José ficou responsável pelos gêneros tirinha e charge; e Morgana pelo gênero entrevista. Logo, os alunos foram escolhendo o gênero que queriam produzir para o jornal e formando os grupos. Não foi uma tarefa difícil, já que os alunos do projeto estavam bem decididos quanto ao gênero que queriam. Alguns alunos que haviam participado do jornal em semestres anteriores optaram por ficar com o mesmo gênero que já produziram. Outros, porém, quiseram inovar e aprofundar os conhecimentos em outro gênero.

Formados os grupos, cada estagiário analisou especificamente o gênero do discurso pelo qual estava responsável juntamente com seu grupo. Vale ressaltar que cada gênero foi estudado analisando os exemplos que circulavam nos exemplares de jornais impressos levados pelos estagiários e pela professora orientadora do estágio. Alguns estagiários organizaram, ainda, roteiros com as características do gênero e distribuíram aos alunos do seu grupo. Antes de a oficina terminar, os grupos já haviam inclusive elencado alguns assuntos e temas para pesquisarem e desenvolverem suas produções textuais na próxima oficina.

#### **4.9.3 Encontro 3 - 24/6/2015 – das 13h30min às 15h45min**

Com os grupos formados e o gênero do discurso devidamente estudado e analisado, assim como com algumas pautas já decididas, esta oficina foi de mãos à obra. Cada estagiário iniciou com seus alunos a busca por informações, pesquisas, entrevistas para comporem a primeira versão do texto para o jornal.

Alguns alunos conseguiram finalizar nesta oficina a primeira versão, no entanto, grande parte ficou responsabilizada por encaminhar por *e-mail*, *facebook* etc. para que o professor estagiário já conseguisse trazer o texto com sugestões, reflexões, adequações para que os alunos reescrevessem na próxima oficina.

#### **4.9.4 Encontro 4 - 26/6/2015 – das 13h30min às 15h45min**

Esta oficina foi realizada no refeitório da escola Beatriz e seu tempo foi utilizado pelos alunos para a reescrita dos textos, conforme apontamentos feitos pelos professores estagiários e mediação dos mesmos.

Alguns grupos conseguiram finalizar a reescrita e utilizaram o tempo restante para elaborar variedades para o jornal, como palavras cruzadas. Outros grupos, no entanto, ficaram com algumas pendências.

#### **4.9.5 Encontro 5 - 1/7/2015 – das 13h30min às 17h30min**

Este encontro iniciou com algumas orientações da professora regente de Língua Portuguesa da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, já que realizaríamos uma saída para estudos, ou melhor, uma visita aos laboratórios do curso de jornalismo da UFSC.

O objetivo foi o de ver na prática como acontece o fazer jornalístico. Quem nos recebeu e nos orientou neste encontro foi o mesmo aluno do curso de jornalismo que participou voluntariamente de uma das oficinas do projeto do jornal Notícias do Beatriz. Conhecemos a biblioteca do jornalismo; a sala e o modo de produção do jornal *Zero*, o qual é elaborado pelos próprios alunos do curso; os bastidores da rádio Ponto UFSC, a qual também é produzida por alunos do jornalismo; além dos bastidores de um telejornal. Os alunos do projeto, de modo geral, mostraram-se bem curiosos e interessados em aprender o que estava sendo disponibilizado a eles, pois faziam questionamentos, davam sugestões e assim por diante.

Retornamos à escola Beatriz às 15h30min, assim os alunos do projeto puderam participar ainda do intervalo, fazer o lanche, para depois finalizarmos o que ainda faltava nas suas produções.

Imagem 21 – Visita de estudos ao curso de jornalismo da UFSC



#### **4.9.6 A experiência do extraclasse: o gênero jornalístico notícia**

O gênero jornalístico Notícia teve pouca demanda dos alunos quando houve a separação dos grupos para as oficinas. Neste dia, primeiro encontro da oficina, apenas uma aluna escolheu o gênero notícia, e outro aluno foi remanejado, pois não sabia com qual grupo tinha mais afinidade, ele informou que gostava de falar e não de escrever. Também falamos um pouco sobre o jornal, como ele funciona, mostrei o gênero notícia, e fizemos algumas relações com as palestras realizadas.

Expliquei aos dois alunos que o jornal “além de veicular o que acontece no momento, permite trabalhar diferentes gêneros discursivos, possibilita ao leitor uma pluralidade de discurso capaz de representar a linguagem na sua mais legítima interação”. Já a notícia é composta, principalmente, por relatos, e enfatizei que o jornalista deve ouvir um grande número de pessoas para obter o maior número de informações. Decidimos, neste primeiro encontro do grupo, algumas possíveis pautas, como olimpíadas escolares, OBEMEP, feira de games e a greve.

No segundo encontro, continuaram os dois integrantes, entreguei um roteiro das características da notícia (Anexo 23) e expliquei. Um dos alunos, que descobri depois de fazer algumas perguntas à professora Rita tem diagnóstico de dislexia, foi embora, pois disse que estava com dor de cabeça. Ficamos eu e a aluna definindo a primeira notícia que foi sobre a OBEMEP, pesquisamos, tiramos algumas fotos e finalizamos.

No terceiro encontro, tivemos a entrada de mais três integrantes. A aluna dos encontros anteriores faltou. Separamos os grupos, por afinidade ficou um grupo de meninos e outro de meninas, e escolhemos as pautas. Expliquei novamente como funciona o gênero jornalístico notícia. As meninas escolheram escrever sobre as olimpíadas escolares. E os meninos iriam falar sobre a reforma da escola. Fizemos uma entrevista com o diretor da escola e com a secretária. O grupo das meninas teve um bom entrosamento e conseguiram encaminhar a notícia e me enviaram por e-mail para correção. O grupo dos meninos não conseguiu iniciar e não mostrou muito interesse.

No quarto e último encontro da oficina de notícia, após a visita ao curso de jornalismo da UFSC, levei as duas notícias para refação. A notícia sobre a OBEMEP estava muito boa e precisava apenas acrescentar um detalhe. A outra sobre as olimpíadas precisou ser refeita e uma das alunas esteve empenhada todo o encontro. Outra aluna iniciou uma notícia sobre a visita ao curso de jornalismo, e me enviou por *e-mail*. A Professora estagiária Maria José

ajudou com o aluno com diagnóstico de dislexia e iniciaram uma notícia do Teatro da Fada dos livros, que foi finalizada por mim.

No total conseguimos finalizar apenas quatro notícias: OBEMEP, Olimpíadas Escolares do Beatriz, Teatro sobre o funcionamento da biblioteca, e visita do Jornal Notícias do Beatriz ao curso de Jornalismo da UFSC (Anexo 25).

#### **4.9.7 A experiência do extraclasse: o gênero jornalístico entrevista**

No primeiro encontro, cinco alunos se mostraram interessados pelo gênero entrevista e assim formamos o grupo. A professora estagiária Morgana levou um roteiro com as principais características do gênero já mencionado, analisamos os exemplos de entrevistas presentes nos jornais impressos e começamos a definir quem seriam os entrevistados. A princípio, o grupo estava sem ideias de entrevistas, a professora então pensou que seria importante fazer algumas sugestões, propor opções e para isso indaguei-os sobre algo que gostavam, como cantores, por exemplo. A partir disso, tiveram a ideia de entrevistar alunos da própria escola, aqueles que têm talento para a música, mas que ainda não são reconhecidos. O grupo conhecia dois alunos do período da tarde que poderiam ser os entrevistados. No entanto, como nosso grupo possuía cinco participantes, concluímos que poderíamos pensar em mais um entrevistado, até porque usaríamos as mesmas perguntas para entrevistar os dois “talentos secretos” escolhidos pelo grupo e sobraria tempo para a produção de mais uma entrevista.

Como no grupo do gênero entrevista alguns alunos já haviam participado do projeto em semestres anteriores e produziram o gênero propriamente dito, a professora estagiária permitiu que sugerissem outro entrevistado, juntamente com os outros integrantes do grupo. Uma das alunas falou que sempre entrevistam alguém da secretaria e nunca haviam entrevistado uma merendeira ou um profissional de serviços gerais. Então, lembraram-se do Silvio, profissional de serviços gerais que tem grande carinho e respeito dos alunos.

Com os grupos formados e o gênero do discurso devidamente estudado e analisado, esta oficina foi de mãos à obra. No grupo da entrevista, começamos a elaborar um roteiro com perguntas para serem feitas aos futuros entrevistados. Buscou-se auxiliar os alunos dando alguns exemplos, fazendo questionamentos, sugerindo possibilidades, direcionamentos, mas deixando com que eles produzissem livremente. Por exemplo: nosso foco nas entrevistas aos alunos cantores era para saber mais sobre o talento que possuíam, portanto, as perguntas deveriam focar neste aspecto. Quanto ao Silvio, o profissional de serviços gerais, nosso foco seria sobre seu trabalho, já que é por este meio que o conhecemos. E assim fizemos.

Com os roteiros prontos, chegou a hora de entrevistarmos. A professora regente de Língua Portuguesa da escola conversou com o professor que estava dando aula para os alunos que seriam entrevistados e eles foram liberados para que concretizássemos nosso trabalho. As tarefas foram divididas para que enquanto uns do grupo realizassem a entrevista, os outros deveriam anotar e gravar. Ao finalizar a oficina os alunos foram orientados para organizarem perguntas e respostas e enviarem via internet à professora estagiária da oficina. Ressaltou-se também que seria a primeira produção textual e que na próxima oficina seria a reescrita.

A entrevista com o profissional de serviços gerais ficou sob a responsabilidade de uma aluna do grupo, pois o roteiro já estava elaborado e ela não participou desta oficina. Como o Silvio trabalha no período matutino, que é o mesmo período que os alunos do projeto estudam, a aluna não teve maiores dificuldades em entrevistá-lo.

A responsabilidade dos alunos foi algo que impressionou. Conforme combinado, me enviaram a primeira versão das entrevistas via internet. Foram feitos alguns apontamentos na primeira versão e utilizaram o tempo desta oficina para reescrevê-las. Faltava ainda criar um título para as entrevistas, escrever um parágrafo justificando o motivo de terem escolhido tais entrevistados e outro parágrafo de apresentação para cada entrevistado. Para isso, cada aluno fez sua justificativa e seu texto de apresentação individualmente e depois juntamos tudo num mesmo texto. Assim foi possível aproveitar a ideia de cada um, já que os alunos se mostraram muito interessados e estavam o tempo todo dando sugestões e opiniões

Realizamos uma saída para estudos, ou melhor, uma visita aos laboratórios do curso de jornalismo da UFSC. Retornamos à escola Beatriz às 15h30min, assim os alunos do projeto puderam participar ainda do intervalo, fazer o lanche, para depois finalizarmos o que ainda faltava nas suas produções. Revisamos tudo juntos, ajustamos algumas concordâncias e as entrevistas estavam finalizadas.

#### 4.10 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROJETO EXTRACLASSE JORNAL ESCOLAR *NOTÍCIAS DO BEATRIZ*

De modo geral, os projetos extraclasse são elaborados para que os alunos permaneçam mais tempo na escola em contato com conhecimentos diversos e relacionem teoria e prática. Ou seja, é uma ruptura na prática pedagógica rotineira. Com o projeto extraclasse do jornal escolar *Notícias do Beatriz* não foi diferente. Conforme consta no nosso

projeto do jornal<sup>17</sup>, este tipo de jornal é de suma importância tanto para a prática docente quanto para a aprendizagem dos alunos, pois na esfera jornalística circulam diferentes gêneros como: carta do leitor, crônica, artigo de opinião, entrevista, reportagem, charge e anúncio, bem como as tipologias textuais inerentes aos respectivos gêneros. Ou seja, o jornal permite ou possibilita ao professor trabalhar inúmeros gêneros, desde os elaborados especificamente para o jornal, bem como os literários, já que o jornal escolar apresenta essa singularidade. Além disso, um jornal pode trabalhar com temas locais, portanto, presente na comunidade desses alunos, e com temas globais, que extrapolam esses limites. Dessa forma, o jornal oportuniza a socialização das produções textuais dos alunos, assim como possibilita a manifestação de suas posições políticas, de modo que eles possam criticar problemas tanto de ordem intraescolar quanto extraescolar, mostrar seus gostos, enfim, fazer sua própria pauta<sup>18</sup>. Vimos na prática, então, tudo isto se concretizar.

Pelo fato de ser um veículo que tem como material a palavra, considera-se, em geral, que cabe ao professor de português a tarefa de organizar o jornal. Entretanto, a variedade de assuntos que aborda o transforma num instrumento de participação de todos os professores, num trabalho coletivo que deve envolver não só os professores e alunos, como também os funcionários da escola, os pais e a comunidade. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 141).

Para o desenvolvimento das pautas do jornal, as quais foram escolhidas pelos próprios alunos do projeto, eles precisaram pesquisar diversos assuntos de diferentes pontos de vista, planejar quem seriam os entrevistados, entre outras tarefas desempenhadas em grupo.

Os alunos terão no jornal escolar um espaço para a comunicação e a expressão dos assuntos que mais os interessam. Neste sentido, ele propicia a liberação da palavra do aluno, a descoberta da própria identidade, valorizando sua autonomia. Capacita-o a intervir na realidade, ao aprender a ler criticamente o jornal, pois, para produzi-lo, é preciso aprender a diferença entre *opinião* e *notícia*: cria o hábito da pesquisa e da comparação de diferentes fontes para apresentá-las no texto, reforçando assim o espírito crítico. Finalmente, como para os professores, o jornal escolar leva os alunos a aprender realmente a trabalhar em equipe. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 142).

Portanto, para cada oficina, nós, professores estagiários, precisamos planejar as atividades que seriam desenvolvidas, com seus respectivos objetivos de ensino/aprendizagem. No entanto, levamos sempre em consideração as experiências de vida e de leitura dos alunos, conforme nos explica Nascimento (2010, p. 86):

---

<sup>17</sup> Projeto elaborado pelos alunos estagiários do semestre 2015/1, do curso de Letras – Português, da UFSC.

<sup>18</sup> Retirado do projeto extraclasse já mencionado.

O planejamento é indispensável, da mesma maneira que é indispensável estar atento para o processo em si. O trabalho com essa perspectiva admite leituras possíveis, mas a partir de contextos reais de produção e recepção, considerando, no entanto, que os leitores são sujeitos históricos e, como tal, possuem experiências de vida e de leitura diferentes.

O trabalho com a língua portuguesa deve desenvolver no aluno a visão de língua como um fator de identidade cultural e como elemento de interação verbal, ao invés de persistir em uma prática pedagógica que, “em muitos aspectos, mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas” (ANTUNES, 2003, p. 19). Ao fazer o estudo das nomenclaturas e classificações gramaticais se tornarem predominantes nas aulas de língua portuguesa, não estaremos contribuindo para que o aluno adquira competências em leitura e escrita.<sup>19</sup> O projeto extraclasse do jornal escolar, portanto, possibilita o ensino/aprendizagem contextualizado da língua, assim como um trabalho efetivo de leitura e escrita para o desenvolvimento do *Notícias do Beatriz*.

---

<sup>19</sup> Retirado do projeto extraclasse jornal *Notícias do Beatriz*, semestre 2015/1.

## **5. VIVÊNCIA DO FAZER DOCENTE NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO**

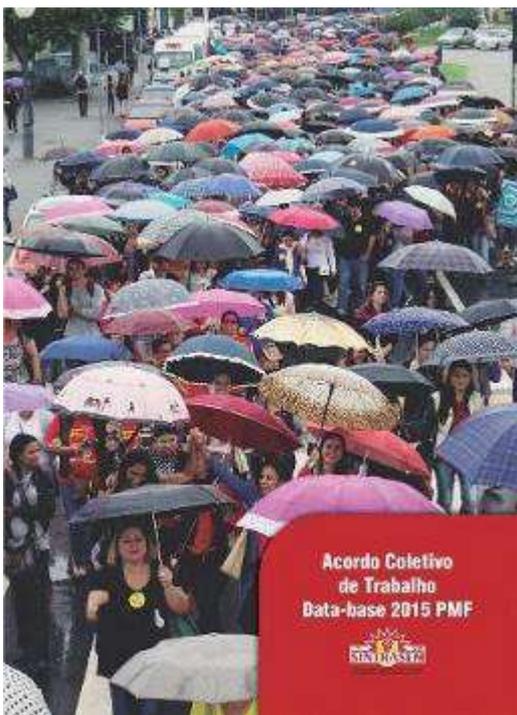
No estágio docência para conhecer melhor o contexto educacional devemos participar ativamente das atividades em que a escola está envolvida, pois nos possibilita ter uma visão mais ampliada/aprofundada da nossa futura profissão, tornando-a mais significativa.

No espaço escolar é importante nos atermos para como se constrói a coletividade, a luta por melhores condições de trabalho, a preocupação com o outros, entre outros aspectos. Dessa forma, foram muitas as aprendizagens construídas ao longo deste estágio docência e, a partir das reflexões realizadas, ficou claro que docência é uma busca constante de conhecimentos e lutas.

A Escola Básica Beatriz de Souza Brito durante o período em que realizamos o estágio de observação e de docência realizou algumas atividades como a entrega de notas e uma reunião de pais, assim como os alunos do ensino fundamental 2 participaram das Olimpíadas Brasileiras de Matemática. E os profissionais da escola participaram de uma greve de três semanas.

Após realizarmos o período de observação e estarmos preparadas para iniciar nosso estágio docência, a Escola, juntamente com o sindicato da categoria anunciou a greve de funcionários e professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Inicialmente pareceu-nos um pouco assustador, pois não sabíamos quanto tempo iria durar e isso poderia atrasar nosso estágio, como já estava acontecendo com outros colegas do curso que faziam estágio na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Porém, após refletirmos, chegamos à conclusão de que esta luta por melhores condições de trabalho e salariais também é nossa, pois vai chegar o momento em que estaremos na mesma situação daqueles professores e funcionários que a cada dia são desrespeitados pelos setores políticos de nossa cidade e estado. Portanto, nós futuros professores temos que entender que nosso papel não é apenas passar o conteúdo ou as quatro paredes da sala de aula no horário em que estamos na escola, ensinar é refletir sobre as condições da sociedade, aquilo que está além da sala de aula, ou seja, temos que nos posicionar politicamente sobre aquilo que esta acontecendo ao nosso redor e lutar por uma educação pública, democrática e de qualidade. Chegamos a esta conclusão após participar de algumas discussões e das assembleias realizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal de Florianópolis (SIMTRASEM).

**Imagem 22 – Greve de funcionários e professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**



No primeiro dia (2/6/2015), após o retorno da greve<sup>20</sup>, acompanhamos a Prova da OBEMEP na escola na turma 82. Percebemos que nesta prova houve muitas interrupções, e que, acreditamos pela falta de orientação das professoras que estavam passando a prova, não houve silêncio, e os alunos não levaram muito a sério, e, assim, terminaram bem antes do tempo previsto: ou por não lerem direito, responderem qualquer coisa. Alguns alunos pediram ajuda às professoras para a interpretação de algumas questões, elas disseram que fazia parte da prova, isso nos fez perceber que as disciplinas tem que caminhar juntas, ou seja, tem que ocorrer uma interdisciplinaridade, como propõe o PPP da escola, em que o ler e o escrever não é somente responsabilidade da disciplina de português e sim de todas as disciplinas.

No dia 10 de junho de 2015, após o término das aulas do período vespertino, foi realizada a entrega de boletins e a reunião de pais na Escola Básica Beatriz de Souza Brito, e como já havíamos iniciado o estágio docência e acompanhado a turma no período de observação, fomos convidados pela professora regente da turma para participar das atividades.

Em relação à entrega de boletins o que nos chamou a atenção foi ver que os pais ao verem as notas de seus filhos iam somente conversar com os professores em que o filho não tinha uma boa nota, o que nos deu a impressão de que a culpa fosse do professor. Portanto,

---

<sup>20</sup> Os professores retornaram após três semanas de greve no dia 2 de junho de 2015. Mesmo aceitando a proposta da Prefeitura Municipal de Florianópolis, os professores e funcionários não receberam o acordado e após um mês da greve estão novamente com indicativo de greve.

não conversamos ou conhecemos nenhum responsável pelos alunos da turma 82. A reunião de pais e professores ocorreu após a entrega de boletins, às 19h30min. Poucos pais apareceram na reunião, e estes decidiram por todos aqueles que não compareceram. A pauta foi sobre a reforma da escola, a greve, e a proposição de novo calendário após a greve.

Sobre a greve, um dos coordenadores pedagógicos enfatizou a importância da mesma: “a discussão de salário se faz no sindicato e não na escola. Na escola é para se dar uma boa aula, mas para isso temos que nos posicionar e lutar por melhores condições de trabalho. [...]”.

**Imagem 23 – Reunião de Pais e Professores da Escola Beatriz de Souza Brito**



Para tanto, percebemos que todas as atividades que envolvem coletivamente a escola são importantes, pois uma escola que não possui um Projeto Político Pedagógico que não envolve todos os participantes daquele contexto escolar é uma escola que não pensa na formação de seus alunos para a vida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após passar alguns anos do curso de Letras Língua Portuguesa, estudos estes demasiadamente teóricos e pouco aprofundados na área da educação, chegamos ao estágio obrigatório, unindo observação, prática e muito aprendizado.

Tivemos a oportunidade de estar em contato com muitos consensos que tanto ouvimos falar durante nossa vida acadêmica e social, como por exemplo, os ditos de que a escola pública é depreciada, os professores estão desmotivados, as estruturas são precárias, os alunos desinteressados entre tantos outros, podendo perceber que de fato eles existem, mas não são unânimes. Assim, encontramos profissionais que gostam da profissão, que se interessam pelo seu aluno, pela formação e se esforçam incessantemente para que seus alunos se dediquem, aproveitem as oportunidades, assim como encontramos alunos com sede de saber.

Em uma escola onde o PPP, a teoria e a prática caminham de mãos dadas, assim como o planejamento do professor com a realidade dos alunos e da comunidade, o sucesso é garantido. Consideramos que a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto alcança aquilo que Antunes (2013) considera necessário para o sucesso: a evolução da disciplina, os direitos e os direcionamentos já estão legitimados. Mas o que falta para que alavancemos a educação a outros níveis é a integração e o diálogo entre todos os sujeitos comprometidos com a educação, a fim de seguirem uma proposta que seja mais propícia ao sucesso.

As observações e a prática docente contribuíram, de forma intelectual e didática, para o enriquecimento da nossa futura profissão. Além de nos fazer entender as relações que existem dentro da escola e por meio dela; do professor com o aluno, dos alunos entre si e do trato com os demais profissionais, nos fez perceber, também, que a tarefa do professor não começa e termina na sala de aula, mas vai muito além dela e contribui para formação de um aluno crítico e consciente.

O que adquirimos neste período é para acrescentar na nossa prática enquanto docentes, pois percebemos, durante o curto tempo da observação e da prática, alguns caminhos que podemos trilhar e o tipo de profissional que queremos ser.

Assim, concluímos que o período de estágio docência realizado na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito foi de grande importância em relação ao conhecimento, aprendizado e reflexão.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.
- ALEXANDRE, Fernando. *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*. Ilustração de Andréa Ramos. Florianópolis: Cobra Coralina, 1998.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: AGUIAR, Vera Teixeira et al. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 63-83.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro & João, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARRANCO, Justo. O assassinato da literatura, segundo Todorov. *UOL: mídia global*, Barcelona, 3 dez. 2007. (Notícias – Especiais). Disponível em: <<http://wap.noticias.uol.com.br/midiaglobal/lavanguardia/2008/02/14/o-assassinato-da-literatura-segundo-todorov.htm>>. Acesso em: 6 dez. 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetro curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2015.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascaes*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio da Gama. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

CASCAES, Franklin. *O fantástico da ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2002. v. 2.

CASCAES, Franklin. *O fantástico da ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2012. (Coleção Repertório). Disponível em:  
<<http://www.editora.ufsc.br/public/upload/0359b6680ab3e5ec94e4b1d5e4ff575e.swf>>.  
Acesso: 5 maio 2015.

DOLZ, Joaquim. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita. In: ALTENFEIDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade (Org.). *Se bem me lembro...: orientação para produção de textos*. 4. ed. São Paulo: Cenpec, 2014. p. 9-15.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FRAGO, Antonio Viñao. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Mangualde, PT: Pedago, 2007.

FURLAN, Oswaldo Antônio. O texto: seu estabelecimento, traços dialetais e glossário. In: CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1. p. 7-11.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2006.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: Pedro & João, 2010.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011, (Na sala de aula).

JESUS, Luciana Maria de; BRANDÃO, Helena Nagamine. Mito e tradição indígena. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 47-84.

KENSKY, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Papirus Educação).

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

KOCH, Igedore G. Villaça. Os gêneros do discurso. In: KOCH, Igedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 53-60.

KRIEGER, Maria de Lourdes. Ao entardecer. CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascaes*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio Gama. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2009. p. 65-67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732012000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732012000200010&script=sci_arttext)>. Acesso em: maio 2015.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CORSO, Gizelle Kaminski. *Literatura e Ensino*. Florianópolis, SC: LLV/CCE/UFSC, 2010.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

SCHENEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Tradução Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. (As faces da linguística aplicada).

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

VIANNA, Fernando Valeriano; SILVA, Yanaray Joana da. O jornal e a prática pedagógica. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). *Aprender a ensinar textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997. v. 3. p. 79-97.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **ANEXO 1 – Texto de Apresentação**

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

Olá, pessoal!

Hoje inicia um momento muito importante para nós, pois passamos por um longo período de preparação e aprendizado na UFSC para chegar aqui e fazer bonito. No entanto, acreditamos que o maior aprendizado será a partir de agora, com vocês, já que nossas aulas consistirão em momentos de trocas: trocas de experiências, de aprendizados e de saberes entre professoras e alunos.

Em nossas aulas, daremos continuidade ao trabalho da Professora Rita sobre o gênero narrativa mítica. A partir da leitura do texto “Perseu e Medusa”, e da leitura das adaptações dos livros *Odisseia* e *Ilíada*, vocês conheceram a mitologia grega e a sua relação com a arte. Nosso ponto de partida será esse conhecimento que internalizaram sobre mito e mitologia grega, entretanto, trabalharemos com outra mitologia, escolhida por nós, pois está bem próxima de vocês. Sendo assim, durante nosso estágio docência daremos voz à mitologia da ilha de Santa Catarina, neste caso Florianópolis, pois mesmo estando na mesma cidade parece estar tão distante de nós, ou seja, pouco se conhece deste tipo de narrativa também considerada mítica.

Desse modo, iremos trabalhar com as obras Franklin Cascaes, que foi uma artista e escritor que registrou por meio da literatura e da arte os causos e histórias sobre bruxas, lobisomens e boitatás, mitos que eram contados oralmente de geração a geração. Portanto, teremos aulas expositivo-dialogadas sobre a vida e a obra do autor, assim como momentos de leitura de algumas narrativas míticas do livro intitulado *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. As narrativas são breves e a partir delas desenvolveremos algumas atividades com vocês.

As avaliações ocorrerão de diversas formas. Uma delas é a escrita de uma narrativa mítica. Outra, uma verificação de leitura que realizaremos por meio de uma dinâmica. Durante as aulas, levaremos em conta, também, o interesse de vocês, a concentração nas aulas de leitura, a participação nas atividades propostas, o respeito aos colegas e às professoras.

Vale informá-los de que as narrativas míticas que vocês escreverão não serão apenas para nós avaliarmos, nosso objetivo é criar um livro ilustrado – sim, vocês terão que ilustrar e serão autores! – com essas narrativas para que elas encontrem muitos outros leitores que possam desfrutar da leitura das suas criações, das suas narrativas míticas.

Nós estamos à disposição de vocês, portanto, podem dar sugestões, tirar dúvidas e pedir explicações sempre que acharem necessário e importante para a continuidade do nosso projeto, que também é de vocês.

Boa sorte e bom trabalho a todos nós,

Ana Carolina e Morgana  
Ilha da Magia, 11 de maio de 2015.

## ANEXO 2 – Conteúdo teórico o Gênero Receita



### GENÊRO RECEITA

A receita é um gênero textual que apresenta duas partes bem definidas: os ingredientes e o modo de fazer. A primeira parte apenas relaciona os ingredientes, estipulando as quantidades necessárias, indicadas em gramas, xícaras, colheres, pitada etc. A segunda parte é o modo de fazer, no qual os verbos se apresentam quase sempre no modo imperativo (o modo verbal que expressa ordem, conselhos etc.), pois essa parte indica, passo a passo, a sequência dos procedimentos e da junção dos ingredientes a ser seguida para se obter o melhor resultado da receita.

Nesse gênero textual costuma-se empregar um linguagem direta, clara e objetiva, pois sua finalidade é levar o cozinheiro a obter sucesso no preparo do prato culinário.

### **ANEXO 3 – Por que Florianópolis é a Ilha da Magia?**

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

**Data:** 12/5/2015

**Nome:**

- **Por que Florianópolis é a Ilha da Magia?**

## ANEXO 4 – Franklin Cascaes: o “bruxo da ilha”

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira Turma: 82

### Franklin Cascaes: o “bruxo da ilha”

- Franklin Joaquim Cascaes nasceu dia 16 de outubro de 1908, em Itaguaçu, São José - atualmente o bairro Itaguaçu faz parte de Florianópolis, localiza-se na parte continental.
- Seu pai chamava-se Joaquim Serafim Cascaes e sua mãe Maria Catarina Cascaes.
- Desde criança já manifestava habilidades artísticas, esculpindo imagens nas areias da Praia de Itaguaçu.
- Descendente e portador da herança cultural dos antigos colonos açorianos, viveu até os 21 anos aprendendo atividades relativas à pesca e ao trabalho na lavoura.
- Cascaes teve uma rigorosa educação religiosa, participando ativamente de novenas, missas, procissões e nas festas dedicadas aos santos e padroeiros das comunidades.
- Estudou muito e realizou seu sonho de ser professor.
- Sua esposa e colaboradora chamava-se Elizabeth Pavan Cascaes, a qual também era professora.
- Montou presépios de argila, de gesso e de outros materiais nativos da região, integrando a tradição pessoal, a cultura popular e a natureza.
- Registrou e ilustrou as manifestações culturais, as memórias do passado. Como, por exemplo, histórias sobre as bruxas debochadas que apareciam para anunciar a tempestade; sobre boitatás perigosos que queimavam as pessoas; sobre caçadores de lobisomens; sobre o ato de benzer-se quando se aproximasse de casas de feiticeiras... Transformou alguns desses registros em esculturas de argila crua.
- Realizou várias exposições de esculturas e desenhos que representavam a pesca, folclore e o fantástico na cultura popular de Florianópolis.
- Viajou para o arquipélago dos Açores a fim de comparar aspectos culturais daquele arquipélago com as manifestações encontradas no litoral catarinense.
- Segundo alguns pesquisadores, a obra de Franklin Cascaes revela a alma da gente descendente dos antigos colonos açorianos, há histórias fabulosas repletas de encantamento, magia, religiosidade, crenças, mistérios. A cultura da pesca, dos engenhos, da tecelagem, dos brinquedos e das brincadeiras.
- Trouxe suas obras da Coleção Elizabeth Pavan Cascaes para o Museu Universitário da UFSC.
- O nome da Fundação Cultural de Florianópolis é uma homenagem a esse artista catarinense.
- Franklin Cascaes faleceu no dia 15 de março de 1983.

Florianópolis, 14 de maio de 2015.

### Referências

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 1.

ARAÚJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

## **ANEXO 5 – Narrativas O fantástico na Ilha de Santa Catarina**

1. *Eleição Bruxólica;*
2. *Bruxas atacam pescador;*
3. *Bruxas metaforseadas em bois;*
4. *Reumatismo bruxólico;*
5. *Madame Bruxólica.*



**Eleição bruxólica** (1970)  
Técnica: nanquim sobre papel  
Dimensões: 48,5 x 65,7 cm

## Eleição bruxólica

[1955]

A imortal madame Tradição é, no meu entender, um monumento de belezas que o homem errante, habitante do globo terráqueo, guarda carinhosamente nos baús do seu pensamento e, na maioria das vezes, oferece por via oral aos descendentes, imortalizando-a.

A cultura popular dos povos é uma verdadeira joia preciosa. A Ilha de Santa Catarina é um autêntico e vivo relicário da cultura popular tradicional refflorida. [Esta foi] colonizada, a partir do ano de 1748 [até 1756], por colonos açorianos que habitavam aquelas ilhotas que vivem bem lá em riba da careca do oceano, açoitados diariamente pelas ondas bravias encarneiradas do mar e pelas bocas infernais de vulcões seculares que vomitam fogo e gemem furor incontido sobre as pobres populações [do Arquipélago dos Açores]. Seu povo é mesclado, inteligente, audacioso, de espírito arguto e, sobretudo, religioso e arraigado em credices mitológicas.

Grande parte dos descendentes desse povo nobre e ordeiro habita a Ilha de Santa Catarina, [cuja capital foi chamada, até 1894] Nossa Senhora do Desterro, e [a faixa continental litorânea] do estado de Santa Catarina de Alexandria, onde vivem, em seu ambiente cultural, estórias como a que vou narrar.

\* \* \*

Numa tarde de vento sul muito agitado, o Serafim Calimeiro encontrou-se com o Vicente Laureano, que estava sentado em riba de um banco de madeira, debaixo de um ipê coberto de flores amarelo-ouro, fazendo uma gaiola de cana-do-reino "pra mo'de vendê pro Chico da Venda" lá da Praia de Ponta das Canas.

– O Chico gosta munto de prindê passarinhos nas gaiola e me incumendô uma com arçapão farso, que é pra mo'de apanhá gaturame – comentou o Vicente Laureano.

Ambos eram moradores da Ponta do Rapa e viviam da pesca artesanal e, também, de pequena cultura de mandioca, feijão, milho e de outros mais.

– Vicênti, se não 'tás munto acupado, vambo dá um pulinho intê na casa do Antonho Diulindo? Ele me mandô um recado pelo Dedé da Maroca, pra mo'de que eu fosse intê na casa dele, que ele precisa munto falá cumigo.

O Vicente, quando recebeu o convite, imediatamente exclamou:

– Ah! so Sarafim! eu já sê o que que é!... Tresantonte, 'tivero lá em casa dele uns home rico da cidade que viero à pricura de inleitôri pra mo'de eles fazê inleição pra depotado de falação da Cambra da capitáli. Eu 'tava lá, so Sarafim, e assisti às conversa deles c'as pessoa que aparicero lá em casa do Diulindo. Sinhôri! Eu nunca vi uns home tão bão qui nem aqueles. Paricio intê que tinha coração de pomba sem féli. Eles primitero intê fazê casa de tijolo pra um pudê de gente daqui, só proque acharo essas casa de parede de istuque munto fraca; primitero pra Inaça uma vaca que dá leite, croste, coaiada, nata, mantega pura e queijo. Dissero que sai tudo prontinho de dentro do ubre da vaca, sem a gente percisá se incomodá. É só apará quando quisé, dentro de vasiias ou de balaios. Pra Nazara primitero galinha que bota ovo cru, cuzido, frito, com sáli, feito estrela, e com açúcar, feito bolo. Sabe de uma cosa, so Sarafim, as galinha que eles primitero boto de dôs a

\* \* \* \*

três ovo por dia. Uns são amarelo, otros vremeio, azúli e muntas otras côri. Primitero pro mo ermão Luço pranta de parrera de toda culidade que dá uva em cacho e vinho já engarrafado, c'as garrafa pindurada nos baraçõ da parrera. Primitero pro Ofraso [Eufrásio] da prima Quintaniia cana que nasce já açúcar e melado sem percisá passá na muenda e garapa no forno. Eles falaro que a gente corta a cana dentro de uma barrica e ela logo fica em melado e açúcar. Pro Cristovo da Chiquinha primitero cana que já nasce cachaça. É só cortá ela dentro do barrili e pronto: a cachaça 'tá'í prontinha pra se bebê ela com todo grau que se percisa.

– So Vicênti – falou o Serafim –, eu intê 'tô cismado que vossa mecê 'tá me achando com cara de aparvaiado. Eu já 'tô um home veio, c'os cabelo da cabeça e c'a barba branca e não adimito cumigo essas brincadera de gabuliça que vancê 'tá querendo impingi pra mim.

– Quáli nada, so Sarafim! o [eu] sempre arrespeitê munto o sinhôri. Isso tudo qu'o 'tô le contando, osvi pelos buraco adentro destes dôs osvido qu'a terra há de cumê eles um dia. O juro pro sinhôri, pela cruz do Sinhôri dos Passo do Hospitáli da Caridade, como tudo isso é vredade – disse o Vicente, tirando o chapéu que trazia na cabeça e jogando-o ao chão para selar a verdade dos fatos. Pra ma's falá a vredade, so Sarafim, eles primitero pro Demetro da Justina um carro qui nem o carro de boi, só que o deles tem quatro roda que anda sem sê puxado por animáli o empurrado por gente qui nem nós. Tombém falaro que o táli carro tem uma roda que é pra mo'de a mão dos home sigurá ela e dirigi ele quando cumeça a currê.

– Não me conta mági nada não, so Vicênti, qu'os miolo da minha cabeça tão quas'estorando de tanta maranduba qu'o sinhôri 'tá perdendo tempo aí em sortá elas da boca pra fora. Isso, so Vicênti, intê parece cosa mandada pelo mafarrico, [pra] mo'de judiá c'a gente daqui deste sertão sem fim. Memo eu acho, sinhôri, que carro que anda sem boi só pode sê empurrado

\* \* \* \*

pelo mafarrico. Isso não é cosa desta Terra não, sinhôri. Isso é mandraca.

Assim, os dois homens, conversando e discutindo pelo caminho, chegaram na casa do Antônio Deolindo, que ficava situada na encruzilhada que vai para a Cachoeira do Bom Jesus.

O Antônio Deolindo possuía muitas terras, engenhos de fabricar farinha de mandioca, açúcar e cachaça, muitos escravos e até um monjolo “pra mo’de” moer milho. Quando faziam festa de Santa Cruz no lugar, era na casa dele que o padre ficava para receber visitas, fazer refeições e pernoitar. Ele sabia ler e escrever um pouco, o que servia bem para o consumo da cultura da sua pequena comunidade, que ele controlava à sua moda e à sua vontade. As demais pessoas residentes por ali sabiam apenas desenhar as letras do nome. Quando chegaram na frente da casa do Deolindo, bateram palmas na porteira e logo foram atendidos por ele, que estava com a montaria pronta para dar umas voltas pelos sítios vizinhos, a fim de caçar votos para os seus amigos políticos que o haviam visitado e deixado com ele encomendas eleitoreiras.

– Entrem pra dentro, rapazes, qu’eu ’tô de saída, mági vô atindê vancês. Antão, como é que vão?

– Vambo bem – responderam os dois homens.

– E as vossas famiia, ’tão passando bem?

– Tão, so Diulindo, ’tão sim, sinhôri...

– Sim. Qué dizê que ’tão todos com prefeita saúde e não ’tão percisando de nada?

– Graças a Deus, graças a Deus, não ’temo não, sinhôri...

– Pois é, rapazes, foi intê munto bão vancês tê vindo intê aqui. Como vancês já sabem, ’tivero aqui em casa, na sumana passada, c’o mo primo Deleco, uns ricaço da cidade que ando por aí à pricura de voto pra s’inlegê depotado da Cambra da cidade. Eles são uns home munto bão, se compadecero da pobreza de toda a gente deste lugári e primitero miorá a vida de todos nós. O mo

primo Deleco é um home munto inteligente. E andô lá pras otras banda das Oropa, estudando nos livro, pra ficá dotôri de falação. So Sarafim, ele já ’tá munto bem empregado, ’tá ganhando um pudê de dinheiro por mês. Essa gente ansim boa, so Sarafim, custo munto a aparecê por aqui pra mo’de vim bispá as cosa que nós sofremo. Agora, adespôs de tudo que eles primitero, nós temo que pricurá, por todo jeito, ajudá a inlegê eles pra Cambra dos Depotado da cidade. Eles são gente munto boa e primitero fazê de tudo pro povo do nosso lugári, adespôs de ganhá as inleção. Intê primitero anumiá o mo nome pra mo’de eu sê o inspetôri do quarterão do nosso lugári. Antão o sinhôri não acha isso uma grande cosa, so Sarafim, sê anumiado inspetôri de quarterão?

– Pro mo vê é, so Diulindo!

– O Vicênti ’tá’í do vosso lado, so Sarafim, de tistimunha, que pode falá a vredade da boca pra fora. Ele assistiu e osviu tudo aí junto c’o povo que apareceu aqui [pra] mo’de cunversá c’aqueles home de coração tão bão lá da cidade. Eles são home rico tão humirde, so Sarafim, que intê chegaro a bebê café com rosca, bebê cachaça nas mema vasiia qu’as pessoa daqui da roça usavo. O sinhôri só imagina uns home rico daqueles, cheio de sabença qui nem o mo primo Deleco, chegá intê a ofrecê cigarro do bão pra nossa gente daqui! Isso é tê o coração só pros pobre...

– So Antonho Diulindo, ’tá tudo munto bão, ’tá certo o que vossa mecê cunversô, eu acho – falou o Serafim –, e agora chegô a minha vêgi, e eu peço licença a vossa mecê pra mo’de fazê uma prigunta.

– Sim sinhôri, so Sarafim, a licença, vossa mecê tem toda.

– O sinhôri falô, no caminho, da vossa cunversa qu’o Vicênti é tistimunha de osvido de tudo o que os home rico da cidade, mági o vosso primo dotôri, primitero pra um pudê de gente daqui. As cosa qu’o Vicênti me contô que eles primitero aqui neste mundo não inzeste, e eu nunca memo osvi falá de táli cosa. O sinhôri, so Diulindo, não acha, cum’ é que eles vão dá

essas cosa que primitero pro povo se ganhá as inleção? Eu 'tô um home veio, mági de oitenta ano por riba das costa, e afirmo pro sinhôri, so Diulindo, que isso não passa de gabuliça deles pra mo'd'arranjá voto.

– Inzeste sim, so Sarafim, inzeste lá nas otras banda das Oropa – afirmou o Deolindo. Eles são home munto viajado e conhecedô das cosa das otras banda do mundo. Não são qui nem nós, que temo a enxada por lápi, a terra por livro e as pranta que botemo nela como letra que escrevemo. O sinhôri, so Sarafim, já osviu falá na táli barca de Noelo que encaiô im riba d'um morro, lá na otra banda da Terra?

– Já sim, sinhôri, já osvi falá.

– Pois é. Pra mo'de castigá os home mau, o Nosso Sinhôri mandô o Noelo i fazê uma barca munto grande e enchê ela c'os animáli e pranta da Terra, que Ele ia mandá um temporáli de chuva mo'de a água cobri o mundo. Adespôs de chovê quorenta dia e quorenta noite, a barca saiu boiando por riba das água e, quando elas baxaro, a táli barca encaiô im riba dum morro munto arto, lá pras banda das Oropa, onde o mo primo Deleco 'teve istudando. Enquanto o mundo 'tava cuberto de água, o Noelo ficô espiando pelos buraco das escotia e, quando a terra já 'tava seca, ele bispô que o Sóli mági a Lua já andavo de novo se namorando. Aí ele abriu a porta da barca, e a bicharada saiu por aí, tombém a se namorá e dá criação pra mo'de enchê o novo mundo que 'tava sendo parido. Como esses ricaço da cidade viajo munto por esse mundo afora, quem sabe se tombém eles foro lá im riba da careca do morro, onde o barco de Noelo 'tá encaiado, e viro lá essas cosa que primitero pro povo? Adicerto adespôs das inleção, eles vorto lá e compro essas cosa toda que primitero pro povo. Eles primitero, so Sarafim, e quem primete fica devendo, e quem deve e não paga fica veiacó. O sinhôri, so Sarafim, no dia das inleção arrebanha aquele povo de lá e traz eles aqui em casa pra mo'de votá. Nós precisemo munto de tudo aquilo que eles primitero

pra nós e pro povo. O mo primo Deleco, que é um home munto aletrado, jurô de pé cruzado, discarço, im riba da cruz de sino-saimão, que eles, adespôs de ganhá as inleção, vão mandá buscá tudo o que primitero pra dá pra nós, que é pra miorá a situação de pobreza do nosso povo daqui.

– So Diulindo, c'a prmissão da vossa licença, eu vô me arretirá proque já 'tô ficando meio sorongo da cabeça, só pro via de osvi tanto arrolo que os home da cidade prantaro na sabença dos miolo da vossa cabeça.

Durante a viagem de volta para casa, o Serafim analisou o alisamento garimpeiro e eleitoreiro do Deolindo e confessou para o colega que não conhecia, nem mesmo entendia o que era esse negócio "pra mo'de" criar deputados da Câmara da cidade.

– Vicênti, a minha bisavó Rosa contava pra nós que, lá nas Iia dos Açôri, de onde ela era naturáli, o povo acardita qu'o demonho, adespôs de arrebanhá um bando de muieres bruxa pra mo'de pirsigui a vivença das pessoa de um lugá, ele anumeia a mági veia pra mo'de sê chefe do bando delas. A bruxa veia arrecebe um novelo infeitiçado com o podê da maliça dele, que é pra mo'de ela dirigi as suas fiada do bando bruxólico recém-formado. Quando a veia bruxa 'tá perto de murrê, o mandato dela tombém 'tá perto de se acabá. Daí as fiada do bando dela se apreparo pra mo'de disputá o novelo do mando qu'o tinioso entregô pra ela. Como ela percisa antão entregá o novelo do mando, fica gritando em disispero por aí: "Quem pega qu'o largo! Quem pega qu'o largo! Quem pega qu'o largo!" Daí antão – dizia a minha difunta bisavó – o bando se reúne numa incruziiada de caminho ou numa casa máli-assombrada ou numa gruta de pedra e trato de marcá uma inleção pra escoiê entre elas a mági acoitada pra mo'de dirigi o bando adespôs da morte da veia bruxa-chefe. Elas presto juramento pra veia bruxa, que ganha o mando na inleção e vai guardá obidiença fiéli pro so chefe Luciféli. Entre elas – dizia a minha bisavó – inzeste munto ciúme e invéji e, por

isso, elas se separo em dôs grupo: o grupo das gangana, muié veia, e o otro grupo das derriça, do namoro. No dia marcado, todas elas comparece. A veia bruxa toma o novelo e vai pelos áris sortando fio e gritando: "Quem pega qu'ô largo! Quem pega qu'ô largo! Quem pega qu'ô largo!" Muntas vez a veia bruxa, que 'tá munto acostumada no mando e que não qué largá ele, por amôri tombém grita: "Não pega qu'ô não largo! Não pega qu'ô não largo! Não pega qu'ô não largo!" A bruxa que consigui recoiê maióri contidade de metro de fio pro so grupo sará, antão, a nova bruxa-chefe do bando. Daí em diante, a veia bruxa-chefe que perdeu o mando se acarma, perde o orguio do mando e vai morré sossegada mordendo dente de aio do arrependimento dos máli que fez pros sos vivente, lá de dentro dos fogo das cardera dos inferno do demonho que foi o patrão dela. A nova bruxa que ganhô o mando é obrigada a cumpri tudo o que primiteu nas reunião das inleção bruxólíca, fadóríca, maléfica, mágica, cachinante e esconjurante: ajudá a pricurá criança [pra] mo'de empresá elas inté dá a sipurtura; ir nos pasto apanhá os cavalo e fazê eles galopá pelos áris e dá nó cego nos rabo e crina deles; dá nó nas fraldas das ropa dos pescadôri dentro dos rancho das canoa; separá casáli que são contra o mando bruxólíco delas; dispená as galinha nos pulero; inliá os ispinhéli dos pescadôri pra vê eles infezados e um pudê de cosa mági. Eu te cunfesso por Deus, Vicênti, qu'a inleção que cunheço por osvi falá é essa aí que te contê a estória que assuntê da minha falecida bisavó. Se a estória desses ricaço da cidade é inguáli a esta aqui, so Diulindo que se arranje com eles, proque no dia de aminhê o povo vai falá máli dele, e ele vai ficá malivisto. No mági, so Vicênti, so Diulindo que se arranje c'os sos amigos ricaço da cidade que só vinhero aqui foi pra mo'de fazê primessa pros otro. Só da gruta da boca pra fora... Inté aminhê, Vicênti, qu'ô vô pra casa passá um bocado de água quente nos pé que 'tão munto cansado, e adespôs vô me

jogá na cama pra mo'de drumi e sonhá c'as primessa capenga qu'aqueles farromero vinhero fazê aqui no nosso lugári.

\*\*\*

Eh! minha Ilha de Nossa Senhora do Desterro! são grandes legados da cultura popular humana essas crenças espirituais fantásticas que dão vidas simbólicas fictícias a seres invisíveis!

## Bruxas atacam pescador

[1973]



**Bruxas atacam um pescador** (1973)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 49,1 x 68 cm

Um narrador de estórias fantásticas contou-me que o Deolindo, um pescador artesanal, possuía uma filhinha de dez meses de idade, muito bonita e robusta. Certo dia, numa sexta-feira, o casal recebeu a visita de uma prima, que morava num sítio bastante longe de sua casa.

Dedela, chamava-se a mulher. Era solteirona e não tolerava qualquer gracejo enfeitado com pétalas amorosas dirigido a ela. Mascava rapé feito com folhas de fumo-brabo, torrado na frigideira de torrar café e pilado num pilão de malandro. Os dilatadores das asas do nariz não possuíam qualquer espécie de pena, mas sim uma camada de pelo tão grosso e espesso que até se tornava difícil, para qualquer tesoura comum, desbastá-los. No céu da boca, entre estratosfera e atmosfera límbica, ela possuía um dentão em forma de lua quarto crescente, razão pela qual ela não topava qualquer gracejo, grosso ou delicado, “pra mo’de” não mostrar o dentão-lua, ornamento bruxólico celestial de sua boca. Fumava cachimbo feito com canudo de bambu. Carregava-o com fumo de corda, bem forte. Expelia a fumaça do cachimbo pelos ouvidos, narinas e boca. Quando a fumaça do cachimbo começava a sair pelos buracos dos ouvidos, os martelos deles entravam em ação nicotiniana e davam batidas

violentas nos tímpanos, que se escutavam até de muito longe. Não dispensava o uso do facão na bainha, preso à cintura. Só calçava tamancos de cepo pesado; não apreciava olhar galos nem, muito menos, ouvir seu cantarolar; para evitá-los, andava com os buracos dos ouvidos arrolhados com mechas de algodão. Da existência de alho, arruda, mostarda e cisco das três marés, não gostava nem de ouvir falar. Era uma bruxa autêntica, dentro da vida da sua comunidade bruxólica.

Passados dois dias após a sua visita indesejada na casa de seus parentes, no caso o pescador, a menina dele apareceu com o corpo crivado de manchas roxas, forte diarreia, trazendo as mãos e os pés sempre cruzados.

Seu Deolindo, o pai da criança, após haver dialogado com a mulher, resolveu procurar o doutor da cidade, para saber do que é que a criança estava sofrendo. Aconteceu que a vizinha do casal, a sinhá Simplicia, chegou na ocasião do diálogo e, como não podia deixar de ser, apresentou o seu palpite clínico bruxólico:

– So Diulindo, vancê me adescurpe, mági eu quero pidi licença sua e da sua muié pra mo'de dá o mo parecê neste caso. Pelo qu'eu sê, o sinhôri vai gastá o seu tempo e dinheiro pra mo'de chegá inté na Vila Capitáli pra pidi consurta do dotôri de lá. Ele vai arreceitá rumedo de butica pro mo'de que ele não tem conhecimento desta duença que a sua fiaa 'tá sofrendo. Eu vô usá de franqueza cum vancês. A duença desta criança é empresamento, e isto não é duença pra dotôri da cidade curá. Só se cura c'as palavra que o Nosso Sinhôri insinô quando andô aqui pela Terra. Memo ansim, é perciso que a pessoa tenha a virtude de usá as palavra dele. Senão, não adienta nada. O sinhôri tome um cavalo e vá inté a Fraguesia da Lagoa e traga aqui, pra mo'de curá a sua fiaa, a Chica do Mané Pedro Maré Seca. Aquela sim, como binzidera, arrecebeu toda graça do podê das palavra santa da santa binzidura que Deus dexô cá na Terra. Vá, so Diulindo, vá, num preca tempo!

Seu Deolindo, após ter tomado conselho com a sua mulher, arreou seu cavalo zarolho numa charrete e partiu para a Freguesia da Lagoa. Quando chegou no terreiro da casa da sinhá Chica benzeadeira, ela estava recolhendo um lençol com polvilho de mandioca que havia colocado ao sol para secar. Seu Deolindo morava na Ponta do Sambaqui, no norte da Ilha, tendo chegado na casa da benzeadeira muito cansado. A velha atendeu, ofereceu-lhe uma caneca de café torrado em casa com beiju e, logo em seguida, partiram.

Quando seu Deolindo chegou em casa com a benzeadeira, o sol já estava se recolhendo por detrás da montanha do dia, para mais um seu sono secular, notívago. A benzeadeira foi recebida com muita deferência pelos presentes, que logo a encaminharam para o quarto onde se achava a criança embruxada.

Ao entrar no quarto, a benzeadeira avistou, acororada num canto, a bruxa que estava empresando a criança. Sinhá Chica iniciou imediatamente um desafio contra o poder bruxólico.

– Ah! antão 'tás aí assentada no canto da casa, sua discarada! Cumigo tu não tiras farinha não, sua mula sem cabeça! Eu, c'as minhas santas palavra, vô currê cuntigo desta casa pra sempre. Vô te jogá no fundo do mári sargado, onde o boi preto não berra, nem criança de peito chora.

Enquanto a sinhá Chica benzeadeira retirava de dentro de sua cesta de folha de taboa os aparelhos cirúrgicos espirituais, lançou essa ameaça contra a bruxa, que se achava ali propositadamente com a ideia macabra de sugar, mais uma vez, o sangue da inocente criancinha, já às portas da morte. As pessoas presentes apenas escutavam as palavras de desafio da benzeadeira dirigidas à megera bruxa.

Sinhá Chica possuía, sim, o privilégio congênito de ver a bruxa assim mesmo como a descrevi: fumando cachimbo de canudo de bambu, calçada de tamancos, facão na cintura,

soltando fumaça pela boca, narinas, ouvidos e por todos os poros da pele do seu corpo fadórico.

Sinhá Chica tomou um dente de alho com casca, que colocou na boca, um rosário de bagas pretas, que pendurou no pescoço, e, com ramos de arruda, junto com uma cruz de prata, deu início à operação espiritual contra os ataques bruxólicos desferidos pela mulher demoníaca contra a inocente criancinha de argila humana.

A bruxa não resistiu ao efeito cirúrgico espiritual da benzedura e ganhou rumo direto aos castelos vermelhos do seu chefe, Lúcifer, a fim de científicá-lo do ocorrido. Depois de terminar o trabalho cirúrgico espiritual, tudo voltou à santa paz dentro daquela casa, onde todos se reconciliaram com a vitória curandeirística da sinhá Chica. Ela garantiu a cura da criança, alcançada através da sua madame Medicina Espiritual. Pela manhã daquele dia, seu Deolindo havia colocado um espinhel de pescaria no mar, com iscas de camarão, para apanhar corvinas, bem ao lado leste das ilhotas Rationes. Não pôde recolhê-lo no período da tarde, porque sua filhinha ficou mal de saúde e ele teve que procurar recursos espirituais médicos. Como tudo estava serenado, graças ao milagre milagreiro da sinhá Chica, ele pediu licença aos presentes, tomou a canoa [de] borda lisa e fez-se ao mar na direção onde seu espinhel de trezentos anzóis se achava pescando.

A Lua sorria poeira cósmica lá no céu, com toda a sua brancura – hoje desvirginada – na direção em que ele ofereceu sua vela de canoa ao vento para enfuná-la e alcançar o objetivo pesqueiro. Quando avistou o primeiro catuto velador do espinhel, ferrou a vela e começou a recolhê-lo. O mar estava sereno; eram aproximadamente vinte e duas horas e trinta minutos. Porém, quando ele alcançou o espinhel, sua canoa foi sacudida por um terrível temporal de vento, acompanhado por uma turma de mulheres bruxas metamorfoseadas em sereias, que flutuavam

sobre o mar. Elas o atacaram impiedosamente, jogando ao mar toda a palamenta de pesca que estava na canoa, numa atitude de escárnio contra a ação da benzedura que curou sua filhinha.

Os peixes que estavam ferrados nos anzóis, elas os transformaram em monstros exóticos. Seu Deolindo sabia que as mulheres bruxas têm horror à cruz de sino-saimão, pelo que pensou em desenhar uma cruz no fundo da canoa. Bastou pensar na cruz, notou que elas haviam deixado de levantar a canoa de sobre as ondas do mar e se retiraram para longe. Só a muito custo físico, ele conseguiu recolher o espinhel e alcançar um remo que boiava perto dele, para poder acionar a canoa na direção da praia.

Quando remava, sentia que as megeras bruxas mergulhavam por debaixo da canoa que nem cardume de botos em gozo de férias marítimas. Após chegar à praia, embicou a canoa – pois já era aproximadamente meia-noite –, apanhou um pedaço de pau, desenhou a cruz de sino-saimão na areia e colocou-se em cima dela.

Atraídas pelo efeito milagroso da cruz, as bruxas passaram a trilhá-la em volta e a gargalharem cinicamente, com deboches luciferinos. Quando deu meia-noite nos relógios da Terra, elas perderam o estado fadórico e se apresentaram nuas na frente de Deolindo. Este, ao fitá-las, reconheceu sua prima que o havia visitado, mais três mulheres da comunidade.

Pediram-lhe perdão de tudo o que haviam praticado e foram apanhar suas roupas, que haviam escondido nas tocas das pedras daquela praia, antes de praticarem as palavras de encanto fadórico.

Daquela hora em diante, elas perderam o poder do fado e nunca mais buliram com sangue de crianças inocentes desta Terra, onde já impera bastante o mal.

Assim, mais uma vez, a medicina espiritual milagreira natural da sinhá Chica do Pedro Maré Seca triunfou contra os poderes avermelhados do anjo Lúcifer.

## Bruxas metamorfoseadas em bois

[1954]



### Bruxas metamorfoseadas em bois (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 30,3 x 47,3 cm

O Policarpo Estevo possuía, para seu trabalho de lavoura, um carro de bois muito bem feito e duas juntas de bois, uma malhada e outra rosilha, domados para carro e engenho. Na época da colonização da Ilha de Santa Catarina pelos açorianos, 1748-1756, já um pouco avançado em anos, o carro de bois era o veículo que servia para o transporte de casamentos, batizados, passeios, mudanças, enterros e também para transporte de mandioca, cana-de-açúcar e lenha para os engenhos de fabricar farinha de mandioca, açúcar, bem como para os alambiques.

Certa manhã de sol ilhéu muito claro, bateram palmas no terreiro da casa do Estevo, que ficava na Ponta das Pedras, atualmente Morro das Pedras, parte sul da Ilha de Santa Catarina.

Estevo atendeu prontamente. Era o Zé João Santa Cruz, morador da Vargem do Queitaninho, um famoso médico curandeiro que era natural de antanho na Ilha de Santa Catarina e que pensava em mudar-se para a Ponta das Pedras.

O Zé João nasceu numa Sexta-feira Santa às 18 horas do dia, sob as vistas vigilantes da parteira aparadeira, a sinhá Larica, da Praia Mole.

A madame Estória Popular previne que, quando uma criança nasce na Sexta-feira Santa, se deve apanhar um grilo verde, colocá-lo dentro da mão esquerda dela e apertá-la até o bichinho morrer. Este cuidado, a parteira Larica cumpriu, e o Zé João tornou-se o maior médico curandeiro milagreiro da Vila do Desterro.

Certa feita, ele havia tomado parte numa conversa ao pé do fogo de trempe. Então, entre outras coisas de assombração, falou-se que, na Ponta das Pedras, no meio daquele aglomerado de pedras miúdas que fica entre a Praia das Areias e a Praia do Mandu – uma delas se destaca em altura e é conhecida como Pedra da Feiticeira –, bandos de mulheres bruxas metamorfoseadas em ardentes fochos de fogo dançantes se divertiam e ainda se divertem a valer, após terminarem as “estrapolias” que praticavam nas comunidades nas sextas-feiras às desoras.

O Zé João, grande batalhador que era contra o reino da bruxaria e suas filiações, não podia, de forma alguma, deixar de oferecer combate sem quartel àquelas mulas sem cabeça, petulantes e descaradas, que vinham judiando dos adultos e das inocentes criancinhas indefesas da Ponta das Pedras, pois o que ouvira da boca dos comentaristas era simplesmente aterrorizador. Retirou-se, pensou calmamente no caso, entrou em êxtase captador de ultramundos e voltou ao ambiente onde as pessoas estavam reunidas comentando os acontecimentos e afirmou para todos, com voz cortante e ameaçadora: “Combaterei uma por uma, sem trégua nem légua!” E pensou: “Pra que eu pratique tal ato piedoso em defesa das pessoas deste lugá, preciso ter certeza da verdade verdadeira dos fatos que osvi através dos buracos dos mos osvidos.”

Na casa do Policarpo, entre as conversas importantes que o Zé João teve com ele, a mais importante foi aquela que se realizou ao pé da trempe, onde ele ouviu falar das atividades

bruxólicas ali praticadas por mulheres de poderes diabólicos muito chegadas ao reino de Lúcifer.

O Policarpo afirmou-lhe, com precisão incisiva, que a conversa que ele ouvira lá no Retiro da Lagoa da Conceição era crivada só de verdades verdadeiras das estórias ilhoas, assim como as das Ilhas dos Açores, aqui também conhecidas.

Depois de um gole de café tomado na porta, justamente onde ele estava sentado em riba do portal da mesma, pois não quis entrar porque estava fazendo muito calor, ocorreu-lhe um pensamento de alugar uma casa ali na Ponta das Pedras e mudar-se para lá com a família. O Policarpo prontamente cedeu à vontade dele e falou-lhe que tinha uma casa de moradia junto a um engenho de farinha, bem ao lado da saída do caminho velho, na Lagoa do Peri. Firmaram o negócio, e o Zé João deixou-o apalavrado com sete fios de sua barba como reféns documentários e partiu de volta para a sua casa lá na Vargem do Queitaninho, no norte da Ilha. Naqueles tempos memoráveis do início de nossa colonização açoriana, os homens arrancavam um dos fios de sua barba e o davam como documento em troca de casas, gêneros, animais etc.

Quando chegou em casa, após um descanso entre goles de café e indagação da família das coisas cá do sul da Ilha, o Zé João adiantou-se:

– Penso em mudar-me pra lá, pois já dexê uma casa apalavrada e assinada com fios da minha barba.

A família concordou e tratou de preparar o espírito para levar a cabo a mudança. Alguns dias depois de seu regresso lá daquelas bandas do sul da Ilha, ele recebeu a visita de um cavalheiro bem apessoado com uma montaria muito bem organizada, que o procurou para curar uma filha de 16 anos, que estava sendo vítima passiva de um encosto espiritual meio confuso. O Zé convidou o homem para entrar no seu consultório

através do poder quase ilimitado de mulheres bruxas, que enfeixam, na sina de seus poderes diabólicos, as leis rubras do reino de Satanás.

Depois de as chamas haverem judiado muito deles por caminhos tortuosos, buracos, subidas de morros, abandonaram-nos lá na única praia da Lagoa da Conceição, hoje sepultada com barro, asfalto e lajotas, com quatorze sepulturas com cruzeiros. Ali o Policarpo e o Cipriano perderam o encanto accidental, e os bois também, sentados na areia da ex-praia única da Lagoa da Conceição. Entreolharam-se, benzeram-se, rezaram o Creio em Deus; embora muito abatidos física e moralmente, tomaram depois o caminho do Canto da Lagoa e mandaram-se para casa.

Ao chegarem em casa, bateram na porta e avisaram à pessoa que os atendeu que não acendesse luzes e que aguardasse um pouquinho a razão [do aviso], pois logo em seguida a comentariam.

É crença popular que, quando se é atingido por assombrações e se consegue fugir dos seus poderes mortíferos, ao procurar abrigo, o alojador não deve receber a vítima com luzes acesas.

Durante a noite, eles tiveram pesadelos horríveis e, até certo ponto, difíceis de criaturas humanas os analisar. Enquanto eles sofriam essas horríveis torturas em suas casas aqui na Ponta das Pedras, o Zé João, lá na Vargem do Queitaninho, também não foi dispensado. Durante a noite, o bando de megeras mulheres bruxas pintaram o judas por riba da casa dele e das matas, com os animais que berravam, cães que latiam e uivavam, galos que cacarejavam, cavalos que relinchavam, sapos que coaxavam, rasga-mortalhas que voavam e deixavam no ar rasgos de agoiros predizendo a presença da morte.

A casa do Zé João, nem a família dele, nem nada do que lhe pertencia foi atingido pela vingança bruxólica das

megeras bruxas que, ele bem sabia e tinha conhecido, estavam infestando a Ponta das Pedras. Dormiu descansado e, no dia seguinte, montou o cavalo e partiu para a casa do Policarpo. Ora, é lógico, curandeiro nato que era, espiritualmente ele tomou conhecimento, durante a noite, de tudo o que se havia passado sobre sua casa e com os dois amigos, o Policarpo e o Cipriano.

O Zé João sabia, ora se sabia, e tinha plena certeza de que as megeras estavam preparando uma cilada para derrotá-lo. Isto porque sua bisavó, há muitos anos, o havia avisado, pois quando ela ainda era bruxa, tomou parte de uma reunião bruxólica nos rochedos da Ponta das Garças, Praia da Joaquina, que foi convocada especialmente para tratar do seu prestígio curandeiro aqui no Desterro.

A velha havia sido uma autêntica bruxa, em parte nos Açores e em parte aqui na Ilha, pois ela se mudou para cá com aproximadamente vinte anos de idade. Ela, para sua felicidade, foi apanhada numa armadilha feita com um baú de folha de flandres e uma vela benta na Sexta-feira Santa, ocasião em que perdeu a triste sina do fado.

Vamos ao caso:

O Zé João, urrando que nem leão ferido, apareceu na casa do Policarpo. Cada uma das vítimas apresentou suas queixas contra os fatos acontecidos e juraram vingar-se das megeras.

O Zé João, ao anoitecer, apanhou um pouco de mostarda e colocou-a no bolso da calça; na boca colocou um dente de alho vestido com a casca e partiu, muito seguro, para junto da Pedra da Feiticeira da Ponta das Pedras.

Num repente, quando ele se aproximou da pedra e a olhou de frente, notou que ela ficou coberta de chamas e luzes de várias cores e formas do mundo objetivo das coisas que fandangueavam,

cachimbavam, uivavam, latiam, lancinavam, gargalhavam, debochando da presença dele ali.

A princípio o Zé João se acovardou com o quadro sinistro e aterrorizador aos seus olhos humanos, embora de um curandeiro de alta capacidade espiritual, protegido pelas virtudes milagrosas curandeiristas naturais ganhas de sua madrinha parteira aparadeira, através do sacrifício e morte de um inocente grilo verde. Antes de iniciar o combate para enfrentar, corpo a corpo, a luta contra o poder das chamas diabólicas do inferno que se haviam colocado em riba da pedra da Ponta da Feiticeira, ele pensou sete vezes por onde devia iniciar. Sim! Recuperando as forças físicas “num pialo”, meteu a mão no bolso da calça, apanhou as mostardas e atirou-as contra o fogaréu bruxólico, que, num abrir e fechar d’olhos, se extinguiu rapidamente. E o que aconteceu? O resultado foi o de um bando de mulheres nuas enfeitando as pedras pequenas onde ele se achava e pedindo-lhe clemência e proteção, à moda ilhoa. Entre o bando das ex-bruxas, estava uma que havia sido namorada do Policarpo e, depois, noiva durante sete anos.

O Policarpo tinha dado uma gola nela numa Festa do Divino [Espírito Santo] da Freguesia do Ribeirão. Ela já era bruxa quando foi namorada dele, porém ele não sabia nem desconfiava. Devido à gola dada por ele, ela procurou vingar-se e o fez justamente na ocasião em que ele mais o Cipriano se dirigiram à Vargem do Queitaninho para apanharem a mudança do Zé João para a Ponta das Pedras, atualmente Morro das Pedras. Ela sabia, e isso ela comunicou para a sua chefe, que o Policarpo estava interessadíssimo em trazer o Zé João cá pro sul da Ilha, com a finalidade exclusiva de dar-lhe combate.

Com o alcance desta vitória, o Zé João firmou-se no conceito das comunidades ilhoas desterrenses com o título de o maior médico curandeiro até então acontecido aqui nesta Ilha [já denominada] de Lurumirim, Los Perdidos, dos Patos, de Nossa

Senhora do Desterro, de Santa Catarina de Alexandria e dos muitos discutidos casos e incomparáveis ocasos raros.

## Reumatismo bruxólico

[1965]



**Cavalo vapor aéreo** (1961)

Técnica: nanquím sobre papel

Dimensões: 24,7 x 51,9 cm

Geralmente, no sítio, longe do turbilhão tenebroso chamado cidade e outros nomes galegos, o pessoal, nos domingos à tarde, costuma sentar-se nos bancos e nos portais da casa da venda, em cuja reunião se fala de roça, pescaria, moças fugidas, festas e até se contam muitas estórias da tradição das coisas da vida do povo do passado.

São estórias que vêm passando de boca em boca, guardadas no baú do pensamento humano, como relíquias dos dias de antanho, vividos pelos seus ancestrais. É o mundo e o céu mítico que tanto os homens pensam em viver realmente pelo pensamento humano, que o desejam e querem, mesmo que seja depois desta vida passageira, incerta e atormentada.

O reumatismo é uma espécie de doença óssea que deforma a estrutura do boneco de argila chamado de homem pelos homens e até eles mesmos acham que descendem do macaco, porém não reedificam a pelaria e a cola comprida dele.

Os doutores do sítio, chamados erroneamente de curandeiros, tratam o reumatismo como eles o conhecem, a longo ou médio prazo, com cataplasmas, chás de cordão-de-são-francisco, chás de chapéu-de-couro e muitos banhos três vezes por dia, em nível de experiência curandeirista.

Um dos chás mais importantes que se usam é feito de um pedaço de fita vermelha da bandeira do Divino Espírito Santo.

Usam também fazer fricções na pele com banha de porco doméstico, gambá, carneiro, jacaré, galinha e outros.

Há uns anos transatos, aqui nesta Ilha dos casos e descasos comuns, raros e raríssimos, surgiu, através da fé popular, uma menina que se intitulava vidente ou beata ou, mesmo, santa, que era angelicamente exímia curandeira de reumatismo ou *rubatismo*, na linguagem popular.

Eu a conheci com o chamador de Manuela. Só receitava banha de porco-espinho, que, coitados, sofreram um dos maiores combates mortíferos de toda a sua história animalesca. Não havia banha de porco-espinho que chegasse para a turma reumática besuntar o couro.

Acredito que os empresários dela não cobravam nada pelas famosas consultas espinhosas ou espinhentas, mas aceitavam o que se lhes quisesse dar como adjutório financeiro, maneira muito inteligente de explorar o incauto cliente mítico. Só se pagava a consulta a contento, porque a banha espinhosa tinha o seu preço especial.

Coisas da Ilha nos dias morridos, manifestações híbridas de religião e magia simpática, esperançosa.

E sobre o tal reumatismo de sangue, bursite, resfriado, amores, inveja e olho-grande, escutei de um ilhéu a seguinte narrativa:

“Eu cunheci, lá na minha banda, Rio das Capivara do Pantano do Súli, um home que era o macota do lugári e que sufria horrivelmente de rubatismo, por toda banda do corpo. Era uma dó o sofrimento daquele pobre home, quas’o dia intero. Ele era um home munto bão, tinha um coração tão grande, quási memo do tamanho da Iia. Os dotôri da cidade não saíu da casa dele, mo’de ele trabaiá de cabo inleitoráli pra eles ganhá as inleição por toda banda onde ele cabalava.

Ele pissuíu um cavalo lunanco (animal defeituoso que tem uma anca mais alta que a outra) qui era o transporte que usava pra tudo o que era perciso de trabaio, proque não inzistia otro modo de se viajá bem, a não sé im riba do lombo do cavalo.

Poco sabia lê e iscrevê, mas os dotôri da cidade tinha uma grande estimação por ele, mo’d’os esforço que ele fazia pra eles ganhá as inleição. O chamado dele era Quiliano das Paca, mas toda gente cunhecia como so Beré. Quando ele vinha à Vila do Desterro, a quarqué negoço, tinha um costume de ir nos bordéli ali da Toca, mo’de drumi c’as muié vagabunda. De tanto se mitê c’aquelas farpela do mundo das sem-vregonha, acabô ficando sem-vregonha tombém.

Muntas vez eu iscutê da boca dos mais veio que aquele home da cidade qui pricuravo a casa dele atrás de voto io butá ele a perdê.

O veio Pedro Corchão fala sempre pra nós ansim: “Eu não m’agradu desses dotôri da cidade, que ando por aqui a mo’de caçá voto de inleição. Eles, mos fio, são uns farsante que ando aí pinducando. Eles quere é s’arrumá bem nas costa dos tolo e adespôs dári o fora daqui. Tudo isso que vancês osviro eles primitê é balela e das gorda qui nem porco macau. Eu não ponho nenhuma fé neles nem nas táli de primessa que fazero pra vancês. O Quiliano vai aprendê as barda deles de pregá petas pros otro sem a menor sem-ceremonha que seja. Ele vai é acabá ficando malivisto pelo povo daqui pro mo’daqueles discarado do tibinga.”

Mo Deus, inté paricia qu’o home ’tava falando c’a boca dos diabo dos otro mundo.

Um dia, o Quiliano foi à Vila do Desterro e drumiu c’uma muié rampera lá da Toca, que fica ali bem abaxo do Hospitali da Caridade. S’apaxonô por ela e levô a mondonga pra casa, pra mo’de servi de muié dele. O povo do lugári, quando sabero da nutiça, se arredaro de ire na casa dele, só com vregonha de encontrá c’aquela muié da vida da sem-vregonhice. Ele ficô munto desprezado inté pelos parente ma’s chegado, que ficaro com munta quizila da bisca que ele arranjà lá na vila, jogada no mundo da perdição.

A táli bisca da perdição não dava munta trela pra ele e vivia empandorgada na cerca do quintáli, de oio no fio de Mané Quintino, mo’de butá o rapaz a perdê.

Quando 'tava já fazendo uns dois mês que ele tinha butado a táli china em casa – china: mulher de vida fácil –, passô a sinti no corpo todo uma duença munto istranha por via de que só atacava de noite. Pelo jeito que ele recramava, dava um parecê que era duença da rua butada pela sujeita que 'tava morando com ele.

Foi pra vila à pricura de recurso mo'de tomá rumedo de butica arreceitado pelos dotore que uso fazê esse trabaio. Quáli nada, os remedo não acertavo c'a duença mo'de curá. Consurtó muntos benzedô e benzedera, que tombém não acertaro cum nada.

Ele recramava que se deitava bom sem sinti nada e, quando se acordava mo'de ir os pés – defecar – o vertê água – urinar –, sentia-se a mo'de entrevado das duas perna e munto quemôri nos canto da boca.

Um dia ele recramô munto pra uma ermã casada, que morava lá pros lado da Lagoinha de Leste, os padecimento que 'tava sintindo e que não tinha achado cura pra eles. Ela antão aconseio que ele fosse lá pras banda do Ruberão [Ribeirão] pricurá um curador munto famoso, chamado de tio Adão, que ele curava aquele máli todo.

– Sim, minha ermã, eu vô aceitá a tua proposta e vô à pricura do táli Adão.

E foi.

– Mo fio – falou o tio Adão –, a duença qui tu 'tás sofrendo é butada pela tua muié, que te faz de cavalo quando entra no fado das bruxa e viaja muntada im riba de ti inté um poco ente d'o galo preto cantá.

(O cantá do galo preto é firmeza, é certeza e, por isso, as bruxa dexo o fado um poco ente d'eles cantá, pra mo'de não sê apanhada pelas pessoa que ando à cata delas, divido os máli que pratico a mando do farrico – o demonho.) S'o mo fio quisé aceitá o mo conseio, eu pissuo um rumedo que é tiro certo no pudê que o demonho dá pra ela judiá c'as criatura feita por Deus à sua mesma simiança e bondade.

– Sim, sinhôri, eu aceito de munto boa mente.

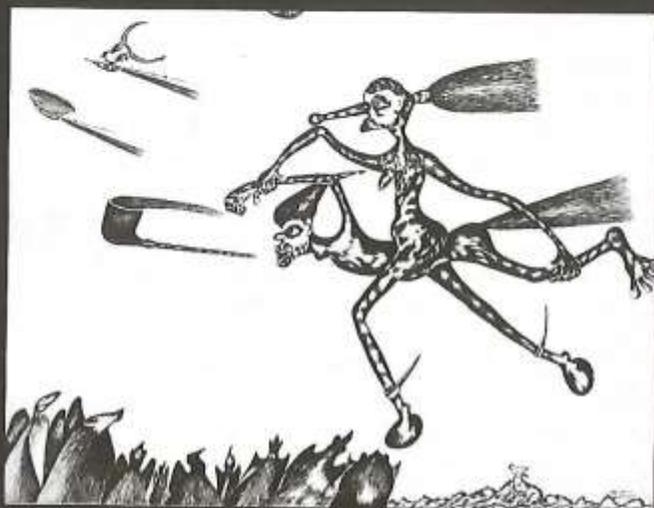
– Antão, aqui tu tens este vidro com unto sem sáli e este freio de butá na boca dos cavalo. O unto sem sáli é pra tu passás no corpo, e o freio é pra mo'de tu butás na boca da tua muié quando fô a casião. Tu, ente de te deitá, bota a tamanca do pé esquerdo emborcada debaxo da cama, que é pra mo'de não drumis e tomás o pudê dela quando te persegui. Fica bem acordado c'os oio no padre e na reza dele, pra mo'de apanhás a tua muié quando ela chegá por riba de ti e gritá: "Toma freio, meu cavalo!" Tu, que já 'tás c'o corpo untado, responde logo: "Tu é que vás tomá freio, minha égua!" Ela vai se transformá numa égua e tu trata logo de montá e sai por aí a passeá inté esperá que o galo preto cante. Nesse inzato momento, tu vás reconhecê ela e tombém ficá sabendo que toda a tua duença era emanada do que ela praticava como gineta farrista, por aí, muntada im riba do teu lombo junto c'os otro home, inquanto tu eras o cavalo de montaria deles.

O Quiliano prestô bem atenção no que o curandero expricô pra ele e ficô de oio vivo e pé ligero. Deitô-se, fingiu que 'tava drumindo e ficô de sobreaviso. De repente, a Calista – chamadô da muié dele – veio e gritô com toda sustança pros osvido dele: "Toma freio, meu cavalo!"

Ele, ma's que dipressa, arrespondeu: "Tu é que vás tomá freio, minha égua, proque a minha tamanca esquerda 'tá emborcada e a pele do meu corpo 'tá untada." Pulô im riba dela, a égua, e saíro por aí. Ela dava pinote pros lado, pra riba, pra frente e pra trás, de tudo quanto era jeito, mas ele ficô firme na reda inté osvi o galo preto cantá. "Tavo, sabe onde? im riba da Ponte do Vinagre. Todos dôs 'tavo em pelo qui nem na hora que nascero. Aí ele arrecunheceu que era a muié da vida que ele tirô do caminho do máli, mas ela não arrecunheceu.

A Calista dexô de sê égua e vortô pras farra da Toca, e o Quiliano vortô pra casa, com saúde, mo'de cuntinuá a sê cabo inleitoráli dos dotôri do sertão e da cidade.

A Toca já foi destruída, e a Calista tombém, mas os cabo inleitoráli 'tão todos vivinho pel'áí, qui nem o jogo do bicho, nas suas fortaleza.



**A bruxa e o saci-pererê** (1974)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 57,7 x 74,6 cm

### Madame bruxólica e o saci-pererê

[1975]

O moço Bento Leandro, da Maria Macária, era filho de famílias descendentes de colonos açorianos, que, a partir do ano de 1748, passaram a colonizar as terras selvagens da Ilha de Santa Catarina, a antiga Desterro do Dias Velho. Homem pobre, de pai desconhecido, porém muito trabalhador, com o suor que derramou de sol nascente a sol poente, durante muitos anos no trabalho árduo de lavrador, conseguiu amealhar algum dinheiro e usá-lo na compra de bens de raiz. Era um homem robusto, de boa aparência física e muito cobiçado pelas moças que o conheciam. Assim conseguiu arranjar várias namoradas, porém, entre elas, havia uma muito feia, exibida e metida a arrotar prosa de gente rica da cidade, vício que o atraiu para levá-la ao matrimônio.

A Maria Macária não via nada com bons olhos de amizade o namoro do filho com a tal bisca prosa, a Irineia das Dores. Ganhar uma namorada daquele jeito ou uma nora era, para a Maria Macária, um presente de valor mesquinho e inútil. A danada da Irineia tinha uns parentes cá pras bandas da cidade que eram que nem ela, metidos a arrogantes e importantes, mas que, no fundo da razão, não passavam de uns pobres-diabos que escaparam da roça através do auxílio de um chefe político, garimpeiro de votos para políticos estrábicos e primo segundo do tio dela.

A Irineia, cada vez que vinha na cidade, aparecia no sítio onde morava desfilando as modas jovens que copiava, até bem mal, de mulheres vaidosas, embonecadas e retorcidas. Ora aparecia com um vestido tão curto, que a bainha lhe alcançava a cintura; ora aparecia com um vestido tão comprido, que chegava a varrer os ciscos por onde ela passava; vez por outra, usava uma calça de brim zuarte completamente desbotada, que até parecia filho de urubu quando está começando a empenar.

As tais modas que ela exibia lá nos caminhos do Morro do Rapa, onde morava, escandalizavam as mulheres antigas, que até se persignavam, traçando uma cruz de sino-saimão por debaixo do céu escuro da boca e rezando o "Credo em cruz, Virgem Marial" quando ela passava, retorcendo-se sinuosamente que nem a serpente que iludiu a nossa coitada mãe Eva, lá em riba dos geométricos canteiros floridos dos famosos e discutidos jardins do Éden.

O Bento Leandro era um homem simples, de costumes roceiros, o que não valia orgulho ou qualquer pretensão cidadina, mas que também não queria opor qualquer tomada de justiça contra as extravagâncias da sua exótica e arrogante namorada. Até que ele a apreciava muito, principalmente quando ela se apresentava bem ensacada dentro de uma calça de brim descorado, exibindo o seu par de nádegas calípiagianamente avantajadas aos olhos esbugalhados da população da comunidade dela. E, engolindo um a um os feitiços bruxólicos que ela copiava na cidade e exibia a ele, combinou casamento e casaram-se, mesmo a contragosto da mãe dele, que, por fim, desejava ver o Lúçifer com a família genealógica dele completa, mas nunca a Irineia *Feiticeira*, como ela a apelidou.

Depois de casados, o Bento Leandro tratou de montar uma bodega de secos e molhados numa casa de duas portas de frente, de madeira, perto da Praia da Lagoinha do Norte. Na frente da casa da bodega mandou colocar um banco de madeira, para a freguesia sentar-se nas horas de descanso e montar bate-papos alimentados a mata-bicho. Ali os pescadores comentavam o resultado de suas

pescarias durante a noite, o preço custoso pago pelo material de confecção de aparelhos de pesca, o comportamento dos candidatos políticos que imploravam os votos deles para poderem se eleger e até, à boca pequena, nos calcanhares dos ouvidos, o comportamento duvidoso da Irineia. Quando ela se achava presente ao bate-papo e acontecia que alguém do bando trazia notícia de atividades desenvolvidas por mulheres bruxas na comunidade, ela se irritava e chegava até a destratar o fofoqueiro com palavras a partir de baixa temperatura até zero grau e, às vezes, até ameaçava castigar com pragas violentas quem a contrariasse. Esses caminhos tortuosos, que ela trilhava em muitas ocasiões, acusavam, em suas curvas sinuosas, a presença de sangue bruxólico correndo rio abaixo no corpo inteiro dela. As conversas em torno do caso de desconfiança com relação à Irineia Bruxa foram morando de boca em boca e causaram no bestunto da comunidade um horror generalizado de expectativa futura. Certa tarde muito bonita, entre dia e noite, ela estava toda refestelada num dos bancos conversando, quando, de repente, passou pela praia um gato preto meio pintado de vermelho que chamou a atenção de todas as pessoas que se achavam na companhia dela, as quais até, por sinal, viram, no trasgo, algum mau presságio. Num repente, sem dizer palavra, a Irineia levantou-se do banco, usou o caminho da praia e desapareceu no espaço sideral, deixando atrás de si um enorme rastilho de fogo e fumaça, assim que nem avião a jato, montada em riba do gato. Perante o espetáculo sinistro, todos os presentes se entreolharam, sem um naco de coragem para comentários quaisquer. O coitado do Bento Leandro, quando recebeu a notícia da aventura da mulher aviadora bruxólica, desmaiou atrás do balcão da bodega. Foi atendido pelo curandeiro benzedor, muito famoso naquela localidade, o Romão da Olinda, que havia chegado no exato momento do desfecho bruxólico. O Romão imediatamente atendeu o Leandro com as santas palavras da benzedura que Nosso Senhor deixou numa certa ocasião quando esteve vistoriando a Terra. Queimou algodão virgem, encanou a

fumaça pelos vazados do nariz do Leandro, deu-lhe chá de arruda de boca abaixo, amarrou nele uma fita de medida do São Bão [Senhor Bom] Jesus de Iguape, que a Macária havia trazido de lá quando de uma viagem que ela tinha levado a efeito a pé até Iguape, "mo'de pagá primessa ao famoso santo milagroso".

O caso é que onde há fumaça, há também presença de fogo. Certamente foi o que aconteceu em volta dos fatos. A conversa daquela tarde, em que houve a passagem do gato preto, girou exclusivamente em torno da presença de discos voadores e de um tal de cavalo changueiro que criou asas naturalmente e andou voando lá por riba dos espaços siderais dos céus brusquenses, na presença extasiante dos olhos derrubadores de matas dos seus próprios donos.

O velho Mané Fostino é que foi o pivô vivo de todas aquelas quizílias, que tanto entristeceram o povo do lugar. Na véspera dos acontecimentos, ele havia estado na capital, onde, em conversa com uns conhecidos num dos restaurantes do Mercado Público, ficou sabendo da presença de discos voadores que "ando por aí por riba dos céus", espionando as pessoas descuidadas que vão aos pés no mato e também do famoso cavalo voador do município de Brusque, que se desencilhou espiritualmente da correama de uma carroça de puxar toras de madeira para uma serraria do seu Joaquim Cesário e se meteu a gostosão pra riba do povo brusquense e dos seus próprios donos.

O Disidero da Sotera, naquelas horas do desenrolar dos acontecimentos, tinha ido aos pés pra mo'de satisfazer suas necessidades fisiológicas atrás de uns pés de fedegoso brabo. Num repente, quando ele se lembrou de apanhar uns galhos e plantas para fazer uma limpeza no descarregador, olhou pra riba pro céu e deparou com um quadro estarrecedor: uma mulher monstruosa com uma vassoura atravessada na cabeça, montada em riba de um saci-pererê, segurando-o com firmeza, numa disparada tão vertiginosa pelos espaços siderais, que até deixou tarouco da cabeça o coitado.

Embora muito perturbado, conseguiu observar que o cachimbo do saci voava na frente dele a trilhões de quilômetros por fração de segundo. O Disidero ficou muito assustado e nervoso com o que vira, tratou de puxar a calça e a ceroula pra riba pra cintura, saiu correndo a se abotoar pelo caminho, levando fresquinha da silva a respeitável notícia pras pessoas que se achavam fora e dentro da casa do Bento Leandro, acalcanhadas pelo peso descomunal dos acontecimentos.

Quando as pessoas já estavam com o pensamento bem mergulhado no turbilhão das águas toldadas dos fatos – um pouco mais da meia-noite –, a Irineia surgiu, num abrir e fechar d'olhos, em carne e osso, na presença de todos os circunstantes. Ela havia perdido o poder fadórico, porque se atrasou no cumprimento de sua viagem espacial bruxólica pelos céus catarinenses à procura de discos voadores espaciais para aprisioná-los. Entretida pela gostosa aventura, esqueceu-se do canto do galo preto e, mais ou menos lá pelas bandas do Passa Vinte, no continente, foi surpreendida por ele, que anulou o poder fadórico. Na presença de todos, confessou que era bruxa há muitos anos e que, naquela noite de acontecimentos vários e extravagantes, ela havia perdido o novelo do fado por desobediência às ordens dadas pela sua chefe, que morava nas redondezas da comunidade dela. E confessou: "Fui influenciada pelas conversas que ouvi aqui na frente da minha casa com relação às atividades de espionagens dos discos voadores e das proezas do cavalo brusquense." E continuou narrando: "No alto de nossa conversa, sentados aqui por riba destes bancos, eu notei que lá pela praia estava passando um saci-pererê, coisa raríssima aqui pelas bandas desta Ilha. Corri à praia, metamorfoseei-me numa autêntica bruxa que se preza e que respeita os poderes emanados dos reinos do anjo Lúcifer, montei no saci, soltei o cachimbo dele na frente a toda a velocidade possível e dei ordens para que ele o perseguisse. Viajei bruxolicamente, e tudo o que encontrei ocupando os espaços siderais catarinenses em matéria de discos voadores é digno do mais alto poder científico que a humanidade alcançou até os dias de hoje.

Encontrei balaios, samburás, tipitins, jacás, serões, chapéus de prensa de engenho de fabricar farinha de mandioca, fusos de prensa, antolhos de usar nos olhos dos bois atrelados à canga das almanjarras dos engenhos, peneiras, gaiolas para prender passarinhos, gamelas de madeira, alguidares, pratos, panelas, caçarolas, potes, boiões, bilhas, pratos de balanças mal aferidas, meios alqueires, pilão de chumbar café, baús de folha de flandres etc.

Todos estavam tripulados com velas acesas, bentas na Sexta-feira Santa, e avançando a velocidades incríveis. Esses discos voadores metamorfoseados que encontrei movimentam-se a velocidades tamanhas que escapam à avaliação da percepção do agudo pensamento humano. Mas eu confesso pra vocês que o que mais me surpreendeu nesta pesquisa aos discos voadores foi a audácia do cavalo voador brusquense do seu Joaquim Cesário e de seu filho Pedro Lourenço. O garanhão estava equipado com asas que mediam a envergadura mais de sete metros por banda. Não estava pilotado por nenhuma mulher bruxa em atividade fadórica, mas apenas pela força poderosíssima madeireira do pensamento admirável dos seus donos, que o comandavam espiritualmente de dentro da serraria através do barulho ensurdecido do movimento dos motores. É um cavalo dócil, manso, sem nenhuma tendência vampiresca – embora seja garanhão. Rege-se no ar com movimentos graciosos, arverissa sobre a copada de qualquer árvore, apedrisa sobre qualquer pedra, aterrisa sobre qualquer terra, atetissa sobre qualquer teto de casa, amerissa sobre qualquer mar e, também, recolhe-se dentro do pensamento de quem o aceita como fantástico, inédito e absoluto; verdadeiramente falando, é o único cavalo voador sem comando bruxólico. Perdi a minha sina bruxológica que tanto prezei, mas tive o prazer de desmascarar os discos voadores metamorfoseados que infestam os céus dos nossos pensamentos assustados e as proezas do cavalo brusquense.”

Assim, a Irineia terminou de contar as suas estórias fantásticas bruxológicas. Porém, lá ao longe, duas mulheres idosas comentavam o desenrolar dos acontecimentos com muito

espanto: uma advertia a outra com os seguintes episódios que podiam vir a acontecer e aconteceram.

– É, minha fia – falava a Noca –, os antigos diziam que, um dia, os homens haverão de bispá esses gafanhotos que comem as nossas lavoras, pra mo’de fazê deles modelos de apareios pra voá por riba de nós. ‘Ta’í e, na vredade, acunteceu.

– Pois é, muié – falou a Jovença –, nessa hora me ocorreu um pensamento que me parece munto estranho, mas pode acontecer.

– Quáli é ele, minha santa?

– Tu já visse aqueles predo alto de cem metros de altura pra riba das ruas da cidade?

– Já, minha santa, já vi e inté me deu susto.

– Não te assustes, minha fia, se um dia os home colocá um par de asas neles e eles saí por aí voando por riba de nós, das nossas casa baixa e inté poisá onde quisé.

– É, minha fia, ‘temo vendo cosa memo que parece qu’o fim do mundo já chegô.

– Pois antão, muié de Deus, basta ver o caso da muié do Bento Leandro, pra gente sabê memo que ‘temo é com as pranta dos pé bem em riba das barba da cara do fim deste mundo.

– É, ela fantasiou-se de bruxa, apanhou o saci-pererê, fez uma montaria dele e saiu por este mundo de Deus à pricura dos disco voadô, mo’de caçá eles. Os antigo não mentiam, minha fia, só falavam da boca pra fora a vredade.

– É inzato, minha fia, é munto inzato, ‘tás cheia de carrada de rezão.

É, minha Ilha de Santa Catarina de Alexandria, até um coitado de saci-pererê que imigrou, por acaso, lá dos pampas famosos do Rio Grande do Sul para cá, foi usado por uma de tuas famosas mulheres bruxas como veículo espacial de incomparável grandeza de supervelocidade para caçar os famosos discos voadores metamorfoseados que dançam o balé da opinião do espírito humano dentro de salões culturais de dúvidas e afirmações.

## ANEXO 6 – Questões dinâmica de verificação de leitura

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

**Data:**

**Grupo:**

**A partir da leitura da narrativa de Franklin Cascaes, responda às perguntas abaixo:**

- 1) Qual é o título da estória que você leu?
- 2) A estória que você leu faz parte de um livro. Qual é o título, o número do volume, a editora, o local e o ano de publicação do livro no qual a narrativa lida está inclusa?
- 3) Sobre o que fala a estória que você leu?
- 4) Analise a ilustração que está no início da narrativa e comente sobre a relação dessa ilustração com a narrativa lida.
- 5) Na estória que você leu, é possível perceber algum elemento de natureza mítica, sobrenatural, fantástico? Cite uma pequena passagem do texto que ilustra essa situação.
- 6) Quem narra a estória?
- 7) Onde e quando o fato narrado aconteceu?
- 8) Quem são os personagens e quais as suas características?
- 9) Complete a frase a seguir com as palavras indicadas abaixo:  
amar – fala – relatos – sofrer – Ilha – povo ilhéu – agir – acreditar

Os diálogos presentes na narrativa lida estão representando a \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_, já que Franklin Cascaes, nas andanças pela \_\_\_\_\_, registrava pacientemente aqueles \_\_\_\_\_ ditos de maneira tão convincente, traduzindo todo o pensamento de um povo, modos de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

- 10) O texto que você leu tem uma característica muito importante em relação à linguagem. Qual é esta característica? Em sua opinião, por que Franklin Cascaes fez uso desta característica?
- 11) Cite uma pequena passagem do texto que exemplifique o recurso de linguagem utilizado por Franklin Cascaes na estória que você leu.

**ANEXO 7 – Narrativa “Bruxas Gêmeas” de Franklin Cascaes**

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

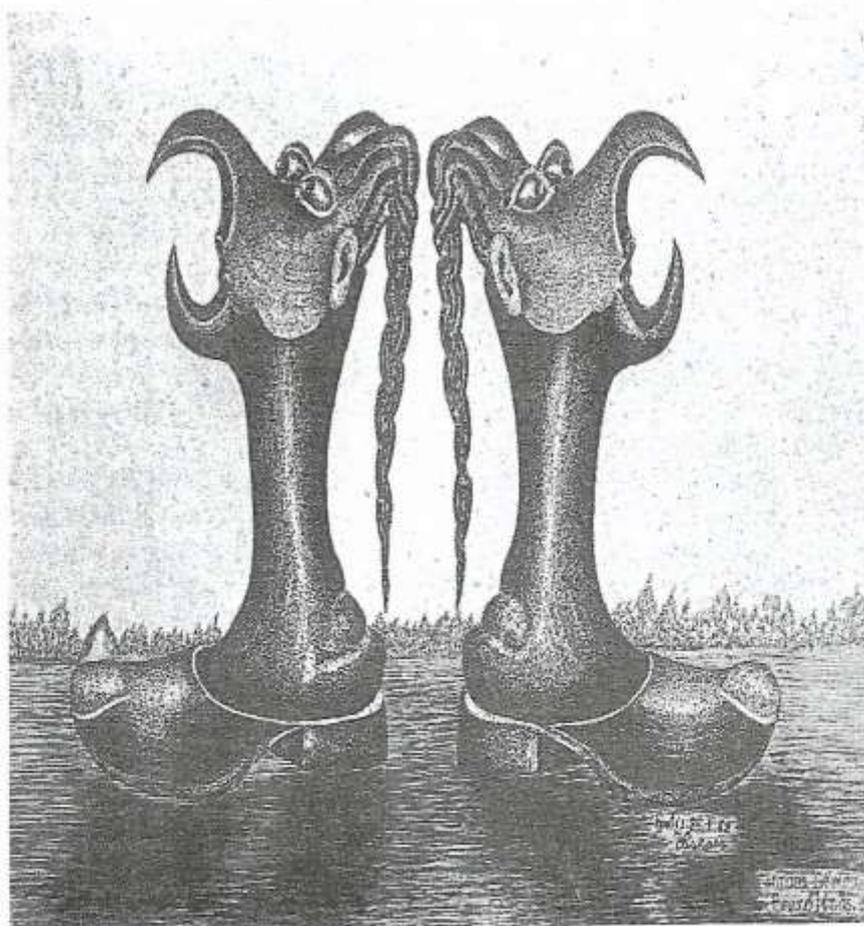
Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

Turma: 82

Nome:

Data: 02/6/2015

**BRUXAS GÊMEAS**



Irmãs gêmeas bruxólicas (1962)  
Técnica: nanquim em papel  
Dimensões: 25 x 36,8

## 1 - BRUXAS GÊMEAS

O senhor Rosalino Oliveira gostava muito de contar histórias de assombrações e outras. Certa ocasião, estávamos sentados na linda praia de Pântano [do] Sul, [na] Ilha de Santa Catarina, quando ele se lembrou da história [a] que dei o título [em epígrafe]. E começou:

Meus pais contavam que no Saquinho existiu um casal que ganhou como presente do trabalho sexual oito filhas, sem nenhum varão entreneado. Depois do nascimento da sexta filha, nasceram duas gêmeas. O casal ficou muito preocupado com a dádiva lá de riba do alto, isto porque sabiam de antemão que, ao nascer a sétima filha de um casal de gente de argila humana, a mais velha tem obrigação espiritual de batizar a mais moça, para atenuar o triste fado bruxótico que ela recebe naturalmente ao nascer neste mundo de Nosso Senhor, como também os pais devem aplicar-lhe o nome de Benta. Meio confusos e apavorados com a presença do caso bruxótico natural que sabiam envolver suas duas filhas, a sétima e a oitava, gêmeas, resolveram consultar a sinhá Candinha Miringa, velha e tradicional médica benzedeira e curandeira lá das bandas do Serião do Peri, mó de tomar conselhos e ouvir suas sábias e firmes palavras com relação às coisas do mundo dos deuses ocultos.

– Sim, sinhá Candinha, – falou seu Manoel Braseiro, o pai das gêmeas, – eu confio muito na senhora e sempre ouvi falar que o seu saber espiritual com relação às coisas do outro mundo é verdadeiro e consolador. Por tal expressão, saída pelas portas da minha boca para fora, dirigida à senhora, eu suplico-lhe que me diga como devo agir na presença deste presente que tanto me fustiga a alma e o corpo físico. Veja, sinhá Candinha, o sétimo parto de minha mulher resultou em duas filhas gê-

meas; eu tomo conselho e pergunto pra senhora: Qual o nome que devo dar a estas duas gêmeas e quem das irmãs dela[s] deve batizá-las?

Sinhá Candinha, depois de ouvir a queixa fadórica do seu Mané Braseiro, tomou um crucifixo de prata, benzeu-se com ele e entrou em estado extranatural, transcendente e depois respondeu ao seu Mané com prescrição médico-curandeira precisa:

– Seu Mané, o meu conselho diagnósticante médico-curandeiro é o seguinte: Para a menina que nasceu em sétimo lugar, o senhor deve colocar o nome de Benta, e a sua filha mais velha deve batizá-la. A que nasceu em oitavo lugar, a sua segunda filha deve batizá-la e colocar o nome de Santa. Se o senhor tomar o meu conselho, não vai haver perigo de que uma das duas ou mesmo as duas venham a se tornar verdadeiras e autênticas bruxas espirituais maléficas.

Depois de ouvir o diagnóstico bruxótico taxante da benzedeira, seu Mané passou a cercar as duas gêmeas de cuidados máximos. Mas uma coisa de suma importância havia acontecido com as meninas, que a benzedeira não diagnosticou: depois do parto, a velha parteira, a sinhá Custódia do Chico Pelego, não marcou qual tinha sido a primeira a nascer, no caso a sétima que havia vindo ao mundo; daí a grande dúvida do senhor Braseiro: saber com verdade verdadeira qual das duas nasceu em sétimo lugar. Diante do frontispício meio alto da questão, seu Mané Braseiro voltou à carga de indagação bruxótica para a sinhá Candinha.

Muito bem, sinhá Candinha, eu não sei, nem a minha cumadre parteira também, qual foi das duas gêmeas que nasceu em sétimo lugar. Daí eu estar a matutar em qual delas eu vou colocar o nome de Benta. Eu [vou] pedir um grande favor fadórico para

vossa mecê: vamos reunir as duas meninas, uma ao lado da outra, e vossa mecê então faz o favor de aplicar o seu raio x fadórico-curandeiro por riba da cara delas e [de] dar pra mim o seu diagnóstico curandeirista fadórico.

Sinhá Candinha, apesar de ser uma grande médica curandeirista, bezedeira formada com distinção distintíssima nas honradas e famosas academias rubras do ex-rei Lúcifer, sentiu sua fama pequeníssima diante de um problema, para a medicina feíteirista luciferiana, muito emaranhado.

– Seu Mané, eu tô meia atarucada da cabeça na frente deste turbilhão de dúvidas que o senhor tá me acaranhando. O senhor me dá licença um instante, que eu vou ter uma conversa com o meu chefe Lúcifer, pra mó de saber quáli é a opinião dele com respeito a este caso tão delicado a ser resolvido pela minha alta ciência curandeirista rubra.

Logo após o encontro satânico-bruxófico, sinhá Candinha confirmou o resultado diagnosticante belzebuano. Minha candidata a bruxa é a Santa. Ele [Lucifer] sabia muito certo que a Benta era a candidata, mas como o diabo mente como diabo, mentiu para a sinhá Candinha, que não era lá muito simpática para ele porque andava sempre agarrada com medalhas de santos, cruzeiros e crucifixos.

– É, só Mané Braseiro, agora eu já posso afirmar com precisão precisa que a Santa será a futura bruxa espiritual – falou sinhá Candinha. Agora o senhor já pode tomar todas as providências curandeiristas para evitar o mal futuro.

As meninas foram crescendo, vestindo roupas iguais e com os mesmos costumes e modos sempre observados. Interessante: Benta não gostava de padre, não ouvia missa, nem rezava as orações domésticas costumeiras. Era muito refratária às coisas religiosas que a família observava.

Certa ocasião, uma criança de seis meses de

um casal morador da Costa de Dentro apareceu doente, com muitas manchas roxas pelo corpo, diarreia, mãos e braços cruzados. Andaram visitando os médicos da cidade, mas o resultado foi nulo, pois, apesar dos remédios fortes da botica que eles receitavam, a doença andava quilometricamente. A criança já não tinha mais carne in riba de si. Tava na pele e no osso somente.

Porém, um dia, a conselho da madrinha da criança, seu pai, o Jorgino Gargalão, foi ao encontro de uma bezedeira muito famosa que morava lá pras bandas da Lagoinha do Leste.

– Bom dia, sinhá Timota, Deus teja em vossa casa.

– Bons dia, só Jorgino. O que é que trouxe vossa mecê aqui?

– Um caso de duença na família.

– Uê!... O senhor, um moço novo, e já tá na luta com estas discaradas sem-vergonha destas mulas-sem-cabeça que vieram a este mundo só para mó de sacrificar os cristãos que rolam nele? Não precisa não o senhor falar nada! Eu já sei de tudo o que está se passando.

Sinhá Timota mandou o Jorgino entrar e foi num quarto escuro da casa se arrumá, mó de ir atender à criança empresada. Vestiu uma calça comprida, uma anágua muito engomada, uma saia de baeta de lã vermelha, uma saia de merinó, uma de fustão, calçou umas tamancas novas, um chale franjado por riba da cabeça e, dentro duma cesta retangular da folha de tabua, colocou toda a ferramenta cirúrgica-curandeirista. Partiram com muita pressa e, logo após uma hora de boas pernadas viajairas, sinhá Timota tava junto do berço tosco da criança maltratada pela caterva de mulheres bruxas que tanto cometem contra tenras e inocentes crianças nesta terra do meu Deus, segura por anjinhos bochechudos malcriados, com cordões de

atração oxigênica, que, às vezes, quando eles se descuidam, ela sofre estremeiros vulcânicos com enjôos sambísticos e vômitos seculares.

– Bem, so Jorgino, eu tô vendo aqui, no caso do seu filhinho, uma urdidura muito difícil de disselar pro mó de que se trata de um caso de bruxa espiritual muito ativa e protegida salaricamente. Seu Jorgino, uma coisa eu vou afirmá pra vossa mecê: Há muitos anos eu me tornei benzedeira e curandeira sem nenhum fracasso até o dia de hoje. O senhor não se assuste, mas eu acho a sua criança muito má. Ela tá toda mordida pela sem-vergonha da bruxa e já tá com pouco sangue no corpo. Já foi quasi todo chupado. Tá assim qui nem poço no tempo de verão, quasi secando a água.

– Sinhá Timota, eu sou um homem muito corajoso e trabalhador. Nunca fiz má pra ninguém. Sou muito religioso e cumpro toda minha obrigação com os santo, que tão nesta terra pra mó de salvar nós dos má que ela nos ameaça. Arrespeito muito a louvação deles; peço a bênção pro padre; tiro o meu chapéu quando passo em frente das igrejas; dou esmolas pros pobres; ajudo com dinheiro e muitas outras coisa as festa dos santo; tô sempre mandando benzê a minha casa, os animá e a família. Adespois de tudo isto, sinhá Timota, não sei mais o que fazer pra andar no caminho certo por riba desta terra, que faz o homem tão fraco pra exigir um montão de sacrifício das carne dele. Eu vou tratar um grande segredo com a senhora e tenho certeza que ele vai ser guardado. A bruxa que tá enquiando a minha criancinha é a filha do Mané Braseiro, que mora lá in riba no Sertão do Poço Seco. São duas gêmeas; uma tem o nome de Benta e a outra de Santa. Pra mim, sinhá Timota - que Deus me perdoe! é a Benta que é bruxa miserável que quer matar o meu filhinho.

– Tá bem, tá bem, so Jorgino. Eu já vou começar a cuidar da saúde de sua criancinha e vou também lhe mostrar a megera bruxa que tá maltratando ela.

A benzedeira abriu a cesta da ferramenta cirúrgica bruxótica e espalhou-as por riba da mesinha que tava no quarto da criança. Tomou um prato com água, benzeu-a e colocou dentro dela três dentes de alho esmagados, dando dela uma colherinha para a criança beber; abriu uma tesoura em cruz; espalhou mostarda pelo chão sob o berço tosco da criança; e começou a operação bruxótica rezadeira: "Bruxa, tatarabruxa, rabo de rosca, relho na tua bunda e agulhão nos teus pés e freio na tua boca. Esta criança que aqui tá é filho de Deus, e tu és mula-sem-cabeça do Capeta. Eu vou cobrir ela c'as palavra e com o sangue que caiu aos pés da cruz de Nosso Senhor. O sangue que tu roubastes dela, ela vai ganhar aquele que Cristo derramou; e a saúde, ela vai ganhar c'as palavras que Cristo falou: 'Eu gosto das crianças'. Agora, sua desavregonhada, sua mula-sem-cabeça, sua curuba do diabo, eu quero te ver nuazinha sem fado, sentada ali in riba daquela caixa de guardar roupa. Eu quero mostrar pra ti e pro teu capeta que as palavras da santa benzedura, ninguém pode contra elas. O teu senhor Capeta enganou a benzedeira, a sinhá Candinha, pro mó de que ela facilitou e rezou o Credo da frente pra trás, mas a mim nunca.

A bruxa obedeceu a todas as ordens da benzedeira e, com muito medo, com os nervos bruxóticos por riba da flor da pele curiscando, sentou-se in riba da caixa, chorando. Agora fica aí, que eu vou chamar os pai desta criança, pro mó de eles te conhecerem.

O Jorgino mais a muié dele, a Gita, logo que arrearo o bago dos óio na cara bruxótica da ex-bruxa, viram a Benta do Mané Braseiro nuazinha, em

carne e osso, de argila humana crua, quase morta de susto.

— Antão hem, sua sem-vregonha, descarada, tavas quas matando o meu filho. Si não fosse a sinhá Timota pissuí a benzedura forte que pissuí, ela acabava morrendo, judiada por ti.

Sinhá Timota, depois de repreender a Benta, jogou um pouco de água benta por debaixo da ropa

dela, para que houvesse o milagre do descolamento espiritual. Ela tava colada no tampo da caixa pelo efeito milagreiro. Portanto, provou que a Benta foi quem nasceu em sétimo lugar.

Franklin Cascaes  
1950

CASCAES, Franklin. Bruxas gêmeas. In: CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC. p. 21-26.

## ANEXO 8 – Texto cartaz exposição de reproduções de obras de Franklin Cascaes

### Franklin Cascaes: o mito vivo da Ilha de Santa Catarina\*

Franklin Joaquim Cascaes nasceu dia 16 de outubro de 1908, em Itaguaçu, São José, atualmente o bairro localiza-se na parte continental de Florianópolis. Foi um professor, pesquisador da cultura açoriana, folclorista, ceramista, antropólogo, gravurista e escritor brasileiro. Faleceu no dia 15 de março de 1983

A obra de Franklin Cascaes, que se desdobra ao longo de 30 anos de “pesquisa de campo”, registrou e ilustrou as manifestações culturais, as memórias do passado. Como, por exemplo, histórias sobre as bruxas debochadas que apareciam para anunciar a tempestade; sobre boitatás perigosos que queimavam as pessoas; sobre caçadores de lobisomens; sobre o ato de benzer-se quando se aproximasse de casas de feitiçeras... Transformou alguns desses registros em esculturas de argila crua. Como ilustrador de **lendas míticas** – bruxas, boitatás (*mboy-tatã* dos índios tupi), lobisomens, caaporas, corupiras, vampiros –, o imaginário impõe-se sobre o real.

Franklin Cascaes teve uma rigorosa educação religiosa, participando ativamente de novenas, missas, procissões e nas festas dedicadas aos santos e padroeiros das comunidades, por isso podemos ver ainda hoje alguns de seus presépios na época de natal sendo expostos, assim como outras imagens e narrativas sobre a temática.

Segundo alguns pesquisadores, a obra de Franklin Cascaes revela a alma da gente descendente dos antigos colonos açorianos, há histórias fabulosas repletas de encantamento, magia, religiosidade, crenças, mistérios, cultura da pesca, dos engenhos, da tecelagem, dos brinquedos e das brincadeiras.

Suas obras, mais de 3.000 peças, estão atualmente em restauração na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas narrativas, assim como alguns desenhos, estão reunidas no livro *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* \*\*, editado pela Editora da UFSC.

### Referência

ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

---

\* Texto adaptado do livro *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha*, de Adalice Maria de Araújo (2008).

\*\* Disponível em: <<http://www.editora.ufsc.br/public/upload/0359b6680ab3e5ec94e4b1d5e4ff575e.swf>>.

## **ANEXO 9 – Questão para produção textual**

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:**

**Data:**     /     /2015

**Nome:**

**Escolha uma das pinturas que fazem parte da exposição das obras de arte de Franklin Cascaes e escreva:**

- Uma breve narrativa sobre alguma lenda, estória fantástica ou mito que você já conheça e que tenha relação com a pintura escolhida;

**Ou**

- Um texto opinativo que tenha relação com a obra escolhida.

## **ANEXO 10 – Verificação de leitura**

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

**Data:**     /     /2015

**Nome:**

### **Verificação de leitura – Responder no caderno**

- 12) Qual é o título da narrativa que você leu?
- 13) Onde e quando o fato narrado aconteceu?
- 14) Quem são os personagens e quais as suas características?
- 15) Sobre o que fala a narrativa que você leu?
- 16) Quem conta o fato?

## ANEXO 11 – Slides de análise linguística

### Análise dos elementos da narrativa

#### *Ao entardecer*, da autora Maria de Lourdes Krieger

### Ao entardecer

- Tempo: Quando?
- Não há uma data específica;
- Porém, observe o título da narrativa :*Ao entardecer*;
- Na citação a seguir, o narrador explicita o intervalo de tempo da narrativa: "Escureceu. Tudo ajeitado, os pescadores se afastam." (p. 67)

### Ao entardecer

- Tempo: Quando?
- Não há uma data específica;
- Porém, observe o título da narrativa :*Ao entardecer*;
- Na citação a seguir, o narrador explicita o intervalo de tempo da narrativa: "Escureceu. Tudo ajeitado, os pescadores se afastam." (p. 67)

### Ao entardecer

- Personagens e suas características; Quem?
- Pescadores: costas desnudas, "andam de costas, em gritos e risos, num código só deles, corpo arcado para trás, calcanhares se firmando na areia". "Todos são Zé" (p. 65);
- Veranistas, turistas, crianças;
- Onofre: "durante décadas vigia de pesca - ele preferia olheiro" (p. 65);
- Amigo de Onofre: nome estranho, "aparecia de repente, folhas de papel e lápis numa pasta de couro, ouvido atento e mão incansável" (p. 66), "ele entendia mesmo era de conversas bruxólicas." (p.67) Era o Franklin;

### Ao entardecer

#### • Enredo: O que aconteceu?

- Situação inicial (introdução);
- Conflito;
- Clímax do conflito;
- Conclusão ou desfecho final.

Exemplo 1: "A chuva bate nas costas desnudas dos pescadores a puxarem os cabos da rede do arrastão. Alguns veranistas abrigam-se sob improvisados guarda-chuvas. As crianças entram no mar, cercam a rede e recolhem os peixes que escapam das malhas; misturam-se: crianças, peixes e água."

Exemplo 2: "A chuva passou. Onofre se apressa, ao encontro dos companheiros. Desapareceram todos, na escuridão da praia. Agora, há somente o vento. Na areia, balacús estourados, águas-vivas e algumas sardinhas esperam a maré cheia."

### Ao entardecer

- Narrador: quem conta o fato?
- Narrador personagem (eu- nós);
- Narrador observador ( ele/ ela – eles/ elas);
- Narrador onisciente ( ele/ ela – eles/ elas).  
"Era na praia mesmo que ele ficava. Como se apreciasse a paisagem. E apreciava: a água além parecendo imóvel; próxima, em movimentos ondulantes, se espreguiçando na areia. O verde de uma ilha, de um costão, outras praias ao longe. Na contemplação amorosa, percebia mais rapidamente que qualquer outro um cardume, a sombra que o denunciava."

## Ao entardecer

- Travessão:

Indica a fala da personagem:

— Me reserva uma pescadinha, Zé.  
— Que vier de lula eu fico.” (p.65)

- Separa frases explicativas:

“Até Onofre, durante décadas vigia de pesca — ele preferia olheiro, estava mais de ajuste com sua função —, o melhor das praias todas da Ilha, o que diziam.” (p. 65)

- “Escureceu. Tudo ajeitado, os pescadores se afastam. O vigia de pesca se detém um pouco, a olhar em volta, como à procura do amigo. Julga ver, no mar, Maria da Terra Firme metamorfoseada em bruxa, “de vela alçada aos ventos”, dentro do sapato esquerdo de Sabiano — uma das tantas histórias que aprendeu com ele.” (p. 67)

## EMPREGO DOS “PORQUÊS”



1. Por que (pergunta)
2. Porque (resposta)
3. Por quê (fim de frase = motivo)
4. O porquê (substantivo).

## Referências

- CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (Org.). *13 Cascos*. Ilustrações de Franklin Cascaes e Tércio Gama. Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes, 2009.
- MATIAS, Marcel. *Roteiro para análise de narrativa literária*. Disponível em [docente.ifrn.edu.br/.../roteiro-para-analise-de-narrativa-literaria](http://docente.ifrn.edu.br/.../roteiro-para-analise-de-narrativa-literaria). Último acesso: 22/6/15.
- Para uma aula de porquês com Armandinho. Disponível em: <http://mundotexto.wordpress.com/2013/07/12/para-uma-aula-de-porquês-com-armandinho/>. Último acesso 23/6/15.
- Travessão. Disponível em: <http://www.esportugues.com.br/secoes/funofunio24.asp>. Último acesso: 23/6/15.

## ANEXO 12 – Indicações para produção da Narrativa Mítica

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

**Data:**     /     /2015

**Nome:**

Caros alunos,

Chegou o momento de escreverem uma narrativa mítica!

Não devemos esquecer de que quando escrevemos temos sempre um público, neste caso os leitores do livro de narrativas míticas da turma 82. Dessa forma e de acordo com o que estudamos, lembrem-se de que a narrativa a ser escrita por vocês precisa apresentar as seguintes características:

- **Um dos personagens de sua narrativa precisa ser Galileu Galilei.** Ele pode aparecer em sua história como protagonista ou como figurante e precisa ter as características discutidas e definidas em sala de aula;
- Ter **no mínimo** 20 linhas;
- Elementos que remetem ao universo mitológico;
- Todos os elementos de uma narrativa: narrador (que pode ser personagem ou não); o enredo (as ações) precisa ser instigante e envolver o leitor; personagens, tempo, espaço, todos bem caracterizados.

Bom trabalho!

## ANEXO 13 – Slides Narrativa Mítica

### **Narrativa Mítica**

Gênero textual que destaca feitos heroicos de deuses e semideuses relacionados aos mitos de um povo.

### **Intenção da Narrativa Mítica**

- Narrar histórias para explicar origens e fatos não compreendidos, a partir da imaginação e da fantasia.

### **Construção da Narrativa Mítica**

- **Personagens:**
  - 1) Herói de que luta pelo bem comum;
  - 2) Deuses, semideuses, reis, princesas, monstros, gigantes, seres sobrenaturais.
- **Tempo:**

Indeterminado e fantasioso.

## **ANEXO 14 – Texto de fechamento do estágio docência**

**Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Professoras estagiárias:** Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira

**Turma:** 82

Olá, pessoal!

Chegou o grande dia de terminarmos a aula com um “até a próxima”, já que nós, professoras estagiárias, concluímos mais uma das etapas para nossa formação docente. Hoje finalizamos, então, nosso estágio docência I com aquele sentimento de tarefa cumprida, pois o aprendizado se concretizou da maneira que planejamos: foram momentos de trocas de experiências e de saberes entre professoras e alunos.

Relembrando brevemente o que estudamos neste período: partimos do conhecimento que vocês já tinham sobre a narrativa mítica e trouxemos para a sala de aula a mitologia que está bem próxima de vocês. Qual é mesmo? Muito Bem! Temos certeza que vocês responderam mentalmente que é a mitologia da Ilha de Santa Catarina, caracterizada principalmente pelos causos e histórias sobre bruxas, lobisomens e boitatás, mitos que eram contados oralmente de geração a geração e que foram registrados por Franklin Cascaes em suas obras. Franklin Cascaes foi um artista e escritor da Ilha da Magia e o principal objetivo das suas obras, então, era registrar por meio da literatura a cultura local, para que continuasse viva nos corações do povo ilhéu.

Tivemos, então, aulas expositivo-dialogadas sobre a vida e a obra do autor, assim como momentos de leitura de algumas narrativas míticas do livro intitulado *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, assim como a leitura de um conto do livro *13 Cascaes*. Tivemos também uma palestra com a professora Denise Araújo, sobre o autor ilhéu e uma exposição de algumas reproduções das obras de Franklin Cascaes.

Quanto às avaliações, fizemos de diversas formas: a primeira, vocês escreveram um texto opinativo em resposta a indagação “Por que Florianópolis é a Ilha da magia?”; a segunda avaliação foi uma verificação de leitura das narrativas de Franklin Cascaes; a terceira foi uma produção textual que tinha como referência a palestra da Professora Denise sobre Franklin Cascaes e a exposição que organizamos com as obras do mesmo autor; e, por último, a produção de uma narrativa mítica ilustrada. Vale lembrar que durante as aulas levamos em conta, também, o interesse de vocês, a concentração nas aulas de leitura, a participação nas atividades propostas e o respeito aos colegas e às professoras.

Quanto às narrativas míticas que vocês escreveram e suas respectivas ilustrações serão organizadas para compor um livro ilustrado, para assim encontrar outros leitores que possam desfrutar da leitura das suas criações, das suas narrativas míticas.

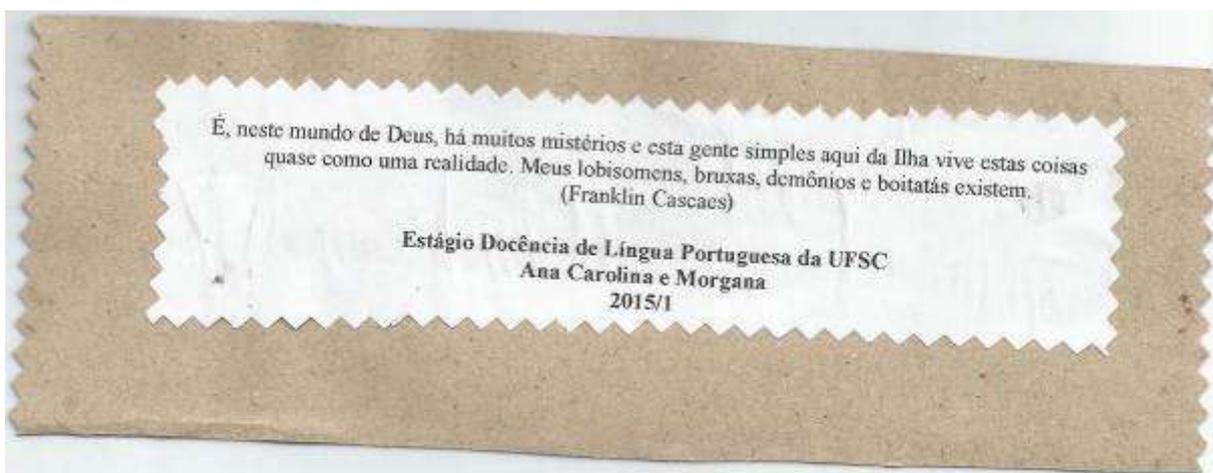
Enfim, seremos eternamente gratas por esse período tão rico em aprendizados, o qual nos possibilitou observar onde podemos melhorar e aprimorar o fazer docente. Agradecemos também a boa recepção e deixamos nosso pedido de desculpas por algum deslize.

Desejamos que esse ano letivo seja ainda muito produtivo. Até a próxima!

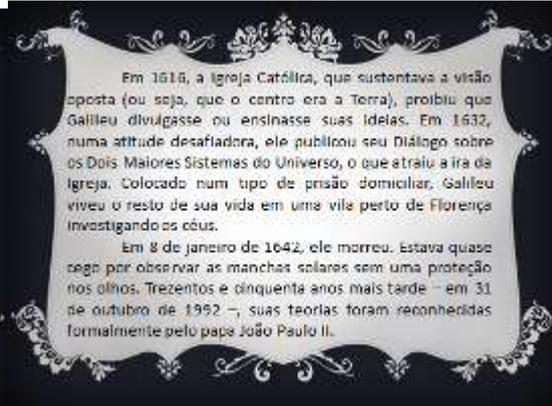
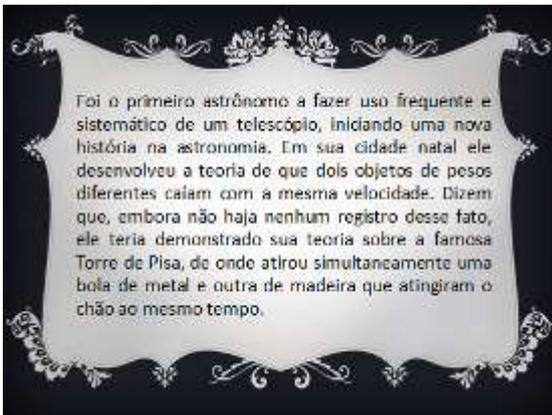
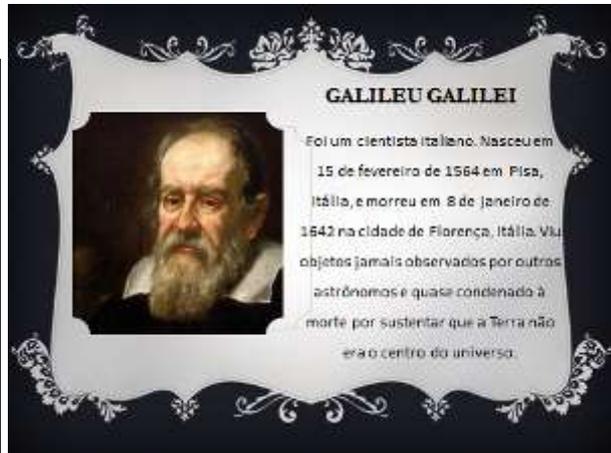
Ana Carolina e Morgana

Ilha da Magia, 2 de julho de 2015.

## ANEXO 15 – Marca página



## ANEXO 16 – Personagem Galileu Galilei



**ANEXO 17 – Termo de empréstimo Museu da UFSC das reproduções das obras cedidas ao estágio**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE  
CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC  
TELEFONE (048) 3721-8821 - FAX (048) 3721-9325  
E-mail: ufsc.mu.secretaria@gmail.com

Florianópolis, 11 de maio de 2015.

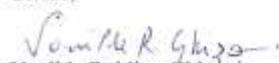
**TERMO DE EMPRÉSTIMO**

O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – MArquE/UFSC, por meio deste documento, solicita a garantia de salvaguarda ao conjunto de oito fotografias com representação de obras de Franklin Joaquim Cascaes, pelo período de empréstimo, de 11 a 19 de junho de 2015. O mesmo será utilizado estágio obrigatório.

É de responsabilidade de Ana Carolina de Souza Ostetto, o bom estado de conservação do conjunto das fotografias, isto é, entregar nas mesmas condições do empréstimo, bem como a resolução em caso de perda ou dano ao bem emprestado.

Orientação para melhor conservação do bem emprestado: não expor ou armazenar as fotografias em local com incidência direta de luz natural, não colocar as mãos sobre a imagem, não dobrar ou amassar, cuidado com canetas para não causar danos.

Ciente,

  
Vanilde Rohling Ghizoni  
Coordenadora da Divisão de Museologia  
MArquE - UFSC

  
Ana Carolina de Souza Ostetto  
Aluna de Graduação em Letras- Português/UFSC

**ANEXO 18 – Registro de Observação das aulas de LP – Ana Carolina**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E  
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil  
Fone: (48) 3721-9243 – 3721-3567

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Turma: 82  
Professor(a): Rita de Cássia Peres  
Estagiário(a): Ana Carolina de Souza Ostetto  
Período de observação total: 14 h/a

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/3/2015	14:15 às 15:00	Contas do leiteiro	[Assinatura]
Aula 2/3	17/3/2015	14:15 às 15:45	Contas do leiteiro	[Assinatura]
Aula 4	19/3/2015	16:00 às 16:45	Contas do leiteiro	[Assinatura]
Aula 5/6	24/3/2015	14:15 às 15:45	Contas do leiteiro	[Assinatura]
Aula 7	26/3/2015	16:00 às 16:45	Releitura da conta do leiteiro	[Assinatura]
Aula 8	30/3/2015	14:15 às 15:00	Ida à biblioteca Releitura da conta do leiteiro	[Assinatura]
Aula 9	31/3/2015	14:15 às 15:00	Finalização conta do leiteiro e início Narrativa Mítica	[Assinatura]
Aula 10	31/3/2015	15:00 às 15:45	Atividade livro didático	[Assinatura]
Aula 11	6/4/2015	14:15 às 15:00	Conexão de personagens do livro e Atividade escrita	[Assinatura]
Aula 12/13	7/4/2015	14:15 às 15:45	Narrativa Mítica e Aula de leitura	[Assinatura]
Aula 14	9/4/2015	16:00 às 16:45	Leitura de texto e resolução Atividade L.D.	[Assinatura]

[Assinatura]  
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

**ANEXO 19 – Registro de Observação das aulas de LP – Morgana**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E  
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil  
Fone: (48) 3721-9243 - 3721-3567

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE  
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Turma: 8.2  
Professor(a): Rita de Cássia Pares  
Estagiário(a): Morgana Leme  
Período de observação total: 14 h/a

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/03/15	14:15 às 15:00	Cartas do leitor	
Aula 2 e 3	17/03/15	14:15 às 15:45	Cartas do leitor	
Aula 4	19/03/15	16:00 às 16:45	Cartas do leitor	
Aula 5 e 6	21/03/15	14:15 às 15:45	Cartas do leitor	
Aula 7	26/03/15	16:00 às 16:45	Reflexão sobre o leitor	
Aula 8	30/03/15	14:15 às 15:00	Reflexão dos textos e visita a biblioteca	
Aula 9	31/03/15	14:15 às 15:00	3º ano de prosa contos do leitor e leitura nos mídi. Textura e	
Aula 10	31/03/15	15:00 às 15:45	Atividade livro didático	
Aula 11	06/04/15	14:15 às 15:00	Exercícios de interpretação e leitura L. D.	
Aula 12	07/04/15	14:15 às 15:00	Narrativa mítica e aula de leitura	
Aula 13	07/04/15	16:00 às 15:45	narrativa mítica e aula de leitura	
Aula 14	09/04/15	16:00 às 16:45	Textura e resolução de atividades L. D.	
Aula				
Aula				

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

## ANEXO 20 – Narrativa mítica “Perseu e Medusa” do livro didático

### Leitura

## Perseu e Medusa

Thomas Bulfinch

Perseu era filho de Júpiter e de Dánae. Seu avô, Acrísio, assustado com a predição de um oráculo, no sentido de que o filho de sua filha seria o instrumento de sua morte, determinou que a mãe e o filho fossem encerrados numa arca, e esta colocada no mar. A arca flutuou até Sérifos, onde foi encontrada por um pescador, que levou a mãe e o filho a Polidectes, o rei do país, que os tratou com bondade. Quando Perseu tornou-se homem, Polidectes mandou-o combater Medusa, monstro terrível que devastava o país.

Medusa fora outrora uma linda donzela, que se orgulhava principalmente de seus cabelos, mas se atreveu a competir em beleza com Minerva, e a deusa privou-a de seus encantos e transformou as lindas madeixas em hórridas serpentes. Medusa tornou-se um monstro cruel, de aspecto tão horrível que nenhum ser vivo podia fitá-la sem se transformar em pedra. Em torno da caverna onde ela vivia, viam-se as figuras petrificadas de homens e de animais que tinham ousado contemplá-la.

Perseu, com apoio de Minerva, que lhe enviou seu escudo, e de Mercúrio, que lhe mandou suas sandálias aladas, aproximou-se de Medusa enquanto ela dormia e, tomando o cuidado de não olhar diretamente para o monstro, e sim guiado pela imagem refletida no brilhante escudo que trazia, cortou-lhe a cabeça e ofereceu-a a Minerva, que passou a trazê-la presa no meio da égide.

Depois de matar Medusa, Perseu, carregando a cabeça da Górgona, voou sobre a terra e sobre o mar. Ao anoitecer, atingiu o limite ocidental da Terra, onde o sol se põe. Sentir-se-ia feliz de ali descansar até o amanhecer. Era o reino de Atlas, cuja estatura ultrapassava a de todos os outros homens. Possuía ele grande riqueza em rebanhos e não tinha vizinho ou rival que lhe disputasse os bens. Seu maior orgulho, porém, eram os seus jardins, onde frutos de ouro pendiam de galhos também de ouro, ocultos por folhas de ouro.



Foto atual da ilha de Sérifos, Grécia.

### A Z

**Júpiter:** nome romano do deus supremo da mitologia grega, Zeus.

**Acrísio:** rei de Argos, cidade da Grécia.

**predição:** previsão.

**oráculo:** divindade que respondia a consultas.

**Minerva:** deusa da guerra e da sabedoria, caracterizada pelo uso da lança e do escudo.

**Mercúrio:** mensageiro divino, caracterizado pelo capacete e sandálias aladas.

**égide:** escudo.

**Górgona:** cada uma das irmãs mitológicas que tinham serpentes em lugar de cabelos.

**Atlas:** titã (gigante), escravo dos bens materiais.



Dánae.



A Z

Jove: outro nome dado a Júpiter.

– Vim como hóspede – disse-lhe Perseu. – Se honras uma origem ilustre, sabes que tenho Júpiter por pai. Se preferes feitos valorosos, sabes que venci a Górgona. Procuo repouso e alimento.

Atlas, porém, lembrou-se de que uma velha profecia o advertira de que um filho de Jove lhe roubaria, um dia, as maçãs de ouro.

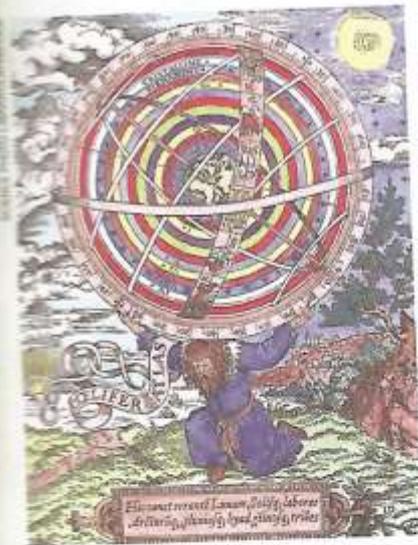
– Sai! – retrucou, portanto. – Não serás protegido por tuas falsas pretensões de origem ilustre ou feitos gloriosos.

Ao mesmo tempo, tratou de expulsá-lo. Perseu, percebendo que o gigante era muito forte para ele, retrucou:

– Uma vez que prezas tão pouco minha amizade, digna-te de receber um presente.

E, virando o rosto para o lado, levantou a cabeça da Górgona. O corpo enorme de Atlas transformou-se em pedra. Sua barba e cabelos tornaram-se florestas, os braços e os ombros, rochedos, a cabeça, um cume, e os ossos, as rochas. Cada parte aumentou de volume até se tornar uma montanha, e (assim quiseram os deuses) o céu, com todas as suas estrelas, se apoia em seus ombros.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Edicouro, 1999. p.142-145.



Atlas.



Adaptado de: GRAND atlas historique. Paris: Larousse, 2006.

ANTONIA USCONHELEVA  
ARQUIVO DA EDITORA



**Thomas Bulfinch** foi um escritor americano, nascido na cidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1796. Seus recontos têm sido considerados uma das melhores introduções aos mitos clássicos, tanto para os jovens quanto para os adultos. Morreu em 1867.



ESCRITA E EDITADA  
POR THOMAS BULFINCH

## ANEXO 21 – Primeira produção textual

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira  
Turma: 82  
Nome: \_\_\_\_\_

Data: 12/5/2015

Ótimo  
~  
\*

➤ Por que Florianópolis é a Ilha da Magia? Porque tem várias culturas. E magias E contos tipo do Brasil, Sali-Perê, Boi Tatu. Isso mesmo! Você conhece alguma história deus personagens? 😊

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira  
Turma: 82  
Nome: \_\_\_\_\_

Data: 12/5/2015

Ótimo  
~  
\*

➤ Por que Florianópolis é a Ilha da Magia?  
PORQUE FLORIANÓPOLIS TEM BRUXAS QUE, NO CASO, CRIAVAM MAGIAS. ISSO É POIS AS BRUXAS, BOI TATÁ E DIVERSAS LENDAS URBANAS CRIAM A MÍTLOGIA DE FLORIANÓPOLIS.

→ Você conhece alguma dessas histórias?  
É bruxa, você conhece alguma? 😊

## ANEXO 22 – Comentários da primeira versão da narrativa mítica

M.,

Achamos interessante a tua narrativa, mas você acha que ela se encaixa em uma narrativa mítica? Aliás, iniciaste a narrativa com “Era uma vez...”, é uma das características do conto de fada. Lembre-se das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno.

Fique atento também à pontuação, é algo que não podemos esquecer na escrita.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

L.,

Seu texto ficou um pouco confuso, reveja os comentários ao longo da narrativa. Outra questão refere-se à narrativa mítica que estudamos ao longo das últimas aulas, você acha que seu texto se encaixa em uma narrativa mítica? Lembre-se das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Ilíada. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno.

Fique atento ao início de um novo parágrafo, sempre temos que deixar um espaço.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

D.,

Gostamos do seu texto, porém ele não se parece com uma narrativa mítica, você inclusive inicia com “Era uma vez” que é uma das características do conto de fada. Achamos que poderias trabalhar o início de seu texto e trazer elementos da narrativa mítica, como, por exemplo, dizer que a mãe do Franklin era uma bruxa, ou o Franklin ser um lobisomem, por ser o sétimo filho, e ou ainda dizer que o Galileu Galilei era bruxo, benzedeiro e que Franklin estava com mal olhado e precisava se benzer, como vimos nas histórias de Franklin Cascaes. Você também pode fazer alguma relação com o texto Perseu e Medusa, Odisseia, que trabalhamos em sala de aula. Dessa forma, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno.

Fique atenta ao início de um novo parágrafo, sempre temos que deixar um espaço.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

L.,

Achamos bem interessante o início da sua narrativa, mas está faltando algo, como alguma aventura, pode ser boa ou ruim, ou seja, acreditamos que faltou algum conflito. Lembra que Franklin Cascaes em suas narrativas sempre fazia uma introdução, no meio colocava um conflito que instigava o leitor e fazia um desfecho, muitas vezes era a resolução de um problema. O seus personagens poderia usar seu superpoderes, suas magias etc. Dê uma olhada no texto que entregamos sobre os elementos da narrativa, acho que pode te ajudar, principalmente na parte do enredo e da narrativa mítica.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

L. F.,

Achamos ótimo o início de seu texto. Falta agora desenvolver a narrativa mítica, ou seja, dar uma explicação para os fenômenos que estão ocorrendo na história, como: por que Galileu Galilei é ninja? Como ele conseguiu esses poderes? O que ele faz com eles? Entre outras coisas. Por isso, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno. Lembre-se, também, das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia.

Fique atento à conjugação dos verbos, como indicado no texto. Fique atento ao início de um

novo parágrafo, sempre temos que deixar um espaço. Talvez seria interessante colocares travessão onde em falas.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

P.,

Seu texto só está no início. Falta agora desenvolver a narrativa mítica, ou seja, dar uma explicação para os fenômenos que estão ocorrendo na história, como: por que Galileu Galilei é ninja? Como ele conseguiu esses poderes? O que ele faz com eles? Entre outras coisas. Por isso, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno. Lembre-se, também, das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

A.,

Gostamos da sua história, acho que ela se encaixa na narrativa mítica. Achamos que poderias dar uma explicação melhor para os fenômenos que estão ocorrendo na história, como: por que Galileu Galilei é ninja? Como ele conseguiu esses poderes? O que ele faz com eles? Entre outras coisas. Por isso, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno. Lembre-se, também, das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia.

Fique atento em relação aos parágrafos, uma história não pode ser um parágrafo único. Outra coisa, é a repetição de pronomes de 3ª pessoa, como **ele**.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

A. C.,

Gostamos do início de sua história, lembrei-me da narrativa de Franklin Cascaes que trabalhamos em sala de aula. Acredito que seria legal seguir a história das bruxas gêmeas, porque talvez faça mais sentido, tente modificar um pouco. Ficamos um pouco confusa no terceiro parágrafo, a mulher do bruxo também se teletransporta? Dê uma trabalhada neste parágrafo para não deixar dúvida. Achamos que poderias dar uma explicação melhor para os fenômenos que estão ocorrendo na história, como: por que Galileu Galilei é bruxo? Por que eles acham que é ruim? Como ele conseguiu esses poderes? O que ele faz com eles? Entre outras coisas. Por isso, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno. Lembre-se, também, das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

R.,

Achamos muito interessante a sua história. Inicialmente eu gostaria de sanar uma curiosidade: por que o narrador-personagem indicado é do gênero masculino? Adoramos a parte em que fala sobre o progresso da cidade de Garanhuns etc. Porém, acreditamos que a história ficou um pouco longa e repetitiva. A parte em que aparece a irmã e o sobrinho, acredito que não seria necessário. Como colocamos no comentário do seu texto, como se trata de uma narrativa mítica, ser cientista não extrapola esse imaginário do mito, poderias colocar que ele tem todas aquelas faculdades, mas é usada como fachada, porque na realidade ele era um bruxo ninja. Enfim, são só algumas sugestões.

Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno, talvez possa de ajudar ainda mais a deixar sua narrativa ótima!

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

V.,

Não se sinta intimidada em usar a imaginação durante a escrita de uma narrativa mítica. Como vimos durante as aulas, no mundo mitológico quase tudo é possível. Lembra da Medusa? Ela

possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais.

Então, reescreva sua narrativa mítica levando em conta os aspectos acima mencionados. Você não irá escrever uma nova narrativa, e sim, acrescentar elementos que remetem ao universo mitológico na sua narrativa. Para isso, você pode colocar no enredo o poder de teletransporte que Galileu Galilei possui e como sugestão de continuação da sua narrativa mítica, poderás contextualizar e problematizar sobre o casal de gêmeos que Morgana e Galileu Galilei tiveram. Vale lembrar aqui a narrativa “Bruxas Gêmeas” que lemos em sala de aula.

T.,

Sua narrativa está super rica de elementos que remetem ao universo mitológico e por meio desses elementos você soube introduzir (Quando falas de João e seus filhos), criar um conflito (quando João decide levar seus filhos para o acampamento), esse conflito teve um clímax (quando os filhos de João se aventuraram no acampamento) e depois uma conclusão (quando as aventuras terminam e tudo acaba bem). Vale mencionar também que o título da sua narrativa mítica ficou bem provocante para a leitura.

Você deverá reescrever sua narrativa com base nas anotações feitas na própria folha da sua produção textual. Para isso, você deverá retomar, principalmente, a tirinha do Armandinho sobre os “porquês”, a qual as professoras estagiárias disponibilizaram a vocês.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

N.,

Sua narrativa mítica possui uma boa base para ser aprofundada e mais desenvolvida. Você não deve apenas mencionar elementos que remetem ao universo mitológico, e sim, se apropriar deles e soltar a imaginação.

Na folha da sua produção textual, há algumas indagações e provocações feitas pelas professoras estagiárias para te auxiliar na reescrita da narrativa mítica.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

A.,

Achamos que você poderia ter viajado mais no mundo da mitologia, trazendo para sua narrativa outros elementos e seres mitológicos. Lembra da Medusa? Ela possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais. Então, além das pessoas que você tanto menciona na sua narrativa, que tal acrescentar um outro ser e provocar um conflito maior? Você pode, por exemplo, narrar uma disputa entre seres feios e bons e entre seres belos e más.

Outro ponto que vale destacar é que iniciaste a narrativa com “Era uma vez...” e essa é uma das características do conto de fada. Lembre-se das narrativas míticas que trabalhamos em sala de aula, como de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica. Observe também os comentários que as professoras estagiárias fizeram ao longo da sua narrativa.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

M. E.,

Achamos que você poderia ter viajado mais no mundo da mitologia, trazendo para sua narrativa outros elementos e seres mitológicos. Lembra da Medusa? Ela possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais. Então, além das pessoas que você tanto menciona na sua narrativa, que tal acrescentar outro ser e, quem sabe, provocar um conflito maior?

Para a reescrita, observe também os comentários que as professoras estagiárias fizeram ao longo da sua narrativa.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

L. A.,

Sua narrativa está super rica de elementos que remetem ao universo mitológico e por meio desses elementos você soube introduzir (onde aconteceu e as características dos personagens), criar um conflito (os cientistas que tentaram encontrar a criatura e Galileu), esse conflito teve um clímax (o encontro dos cientistas com a criatura e com Galileu e o que isso provocou) e depois uma conclusão (quando tudo acaba bem). Vale mencionar também que o título da sua narrativa mítica ficou bem provocante para a leitura.

Você deverá reescrever sua narrativa com base nas anotações feitas na própria folha da sua produção textual. Preste atenção na pontuação e deixe mais explícito sobre que personagem você está falando, pois algumas passagens da sua narrativa mítica ficaram confusas. Você pode usar travessões quando quiser marcar a fala de algum personagem.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

L. H.,

Fiquei curiosa para saber o que vai acontecer na sua narrativa mítica. Você fez um bom começo. Porém, não se esqueça de utilizar as características que a turma atribuiu a Galileu Galilei e de fazer uma relação entre o título da narrativa com a narrativa propriamente dita.

Como inspiração, você pode lembrar as narrativas míticas que trabalhamos em sala de aula, como de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

J.,

Achamos bem interessante o início da sua narrativa, mas quando giramos a folha pensávamos que aconteceria algo, que os personagens iriam fazer algumas aventuras, boas ou ruins, ou seja, acreditamos que faltou algum conflito. Lembra que Franklin Cascaes, em suas narrativas, sempre fazia uma introdução, no meio colocava um conflito que instigava o leitor e fazia um desfecho, que muitas vezes era a resolução de um problema?! Seus personagens poderiam usar seus superpoderes, suas magias etc. Dê uma olhada no texto que entregamos sobre os elementos da narrativa, acho que pode te ajudar, principalmente na parte do enredo e da narrativa mítica.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

F.,

Sua narrativa mítica possui todos os elementos de uma narrativa, conforme estudamos em sala de aula, assim como o uso devido dos “porquês”. Vale também ressaltar que Galileu Galilei é o personagem principal de sua estória e que você destacou todas as suas características durante a narrativa. No entanto, achamos que você poderia ter viajado mais no mundo da mitologia, trazendo para sua narrativa outros elementos e seres mitológicos. Lembra da Medusa? Ela possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais. Então, além das pessoas que você tanto menciona na sua narrativa, que tal acrescentar outro ser e, quem sabe, provocar um conflito maior?

Para a reescrita, observe também os comentários que as professoras estagiárias fizeram ao longo da sua narrativa, principalmente no que se refere ao início, “Era uma vez...” e essa é uma das características do conto de fada.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

M.,

Sua narrativa mítica é uma junção de elementos e personagens da realidade com elementos mitológicos e da imaginação, o que demonstra sua criatividade. Você fez uma introdução, um meio e uma conclusão, conforme elementos que estudamos nas aulas. Porém, para reescrita, considere os comentários e provocações que as professoras estagiárias fizeram ao longo de sua narrativa.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

P.,

Seu texto ficou um pouco confuso, por isso, observe os comentários que as professoras estagiárias fizeram ao longo da narrativa. Outra questão refere-se à narrativa mítica que estudamos ao longo das últimas aulas, você acha que seu texto se encaixa em uma narrativa mítica? Você iniciou a narrativa com uma característica dos contos de fadas “Era uma vez...” Lembre-se das narrativas míticas que trabalhamos em sala de aula, como de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica. Fique atenta, também, às demarcações dos parágrafos.

Achamos que você poderia ter viajado mais no mundo da mitologia, trazendo para sua narrativa outros elementos e seres mitológicos. Lembra da Medusa? Ela possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais. Então, além das pessoas que você tanto menciona na sua narrativa, que tal acrescentar outro ser e, quem sabe, provocar um conflito maior?

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

## ANEXO 23– Como funcionam os gêneros entrevista e notícia: um esquema

### Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Projeto extraclasse: Jornal Notícias do Beatriz

Professora estagiária: Morgana Ferreira

Data:     /     /



### Gênero: entrevista

❖ A entrevista é a matéria jornalística apresentada sob a forma de pergunta e resposta, tendo como finalidade a informação. Trata-se da interação entre o entrevistador (aquele que elabora os questionamentos) e o entrevistado (aquele que relata suas experiências e conhecimentos acerca de um determinado assunto).

❖ Pode ser, então:

- entrevista noticiosa: a que procura extrair do entrevistado informações sobre fatos que resultarão em notícias;
- entrevista de opinião: a que levanta a opinião do entrevistado sobre o assunto pesquisado;
- entrevista de “ilustração”: aquela que levanta aspectos biográficos do entrevistado: suas ideias, gostos, trajes, seu modo de falar, o ambiente em que vive etc.;
- entrevista coletiva: aquela em que o entrevistado responde a perguntas de diversos repórteres.

❖ A entrevista deve ser marcada com antecedência, informando-se o entrevistado sobre o assunto e a duração do encontro.

❖ O entrevistador deve primeiro levantar algumas informações sobre o entrevistado e o tema da entrevista.

❖ As entrevistas podem ser gravadas ou anotadas.

❖ Formas de entrevista:

- as palavras do entrevistado não são transcritas, mas integram-se as informações e dados em notícias ou reportagens. Quando for necessário utilizar o testemunho do entrevistado, deve-se colocar aspas;
- faz-se a transcrição das palavras do entrevistado. Neste caso pode-se apresentá-la exatamente como foi falada ou fazer alterações de linguagem, mas sem alterar o sentido;
- a entrevista é transformada num texto corrido, em que se reúnem as ideias e as informações emitidas pelo entrevistado.

❖ As entrevistas poderão ser realizadas com pessoas da família dos alunos, com figuras da comunidade, como o carteiro, o jornaleiro, com personalidades que se destacam na região em que a escola se insere, com professores e funcionários da própria escola...

❖ A entrevista em relação a sua estrutura compõe-se dos seguintes elementos:

- Manchete ou título – Essa é uma parte que deverá despertar interesse no leitor, podendo ser uma frase criativa ou pergunta interessante;
- Apresentação – É o momento em que se apresentam os pontos de maior relevância da entrevista, como também se destaca o perfil do entrevistado, sua experiência profissional, seu domínio em relação ao assunto abordado ...
- Perguntas e respostas – Basicamente é a entrevista propriamente dita.

❖ Algumas entrevistas não seguem o esquema apresentado acima, apresentando um roteiro mais conciso, somente de perguntas e respostas.

### Algumas dicas:

- Grandes entrevistadores adquirem técnicas que transformam o jogo de perguntas e respostas numa espécie de xadrez, conseguindo arrancar declarações que o entrevistado não pretendia fazer. Para isso, é preciso trabalhar duro antes da entrevista, pesquisando tudo sobre os temas a serem tratados e sobre o entrevistado.

- É importante que o entrevistador seja o condutor da entrevista. Mas só estará no comando se estiver bem informado e bem preparado.
- O recomendável é, além, de gravar, anotar palavras-chave, indicando os temas principais na sequência em que ocorreram.

### Referências:

DUARTE, Nóris Eunice Wiener Pureza. **Os gêneros jornalísticos em sala de aula**. (Texto adaptado de FARIA, Maria Alice. O jornal em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1991).

CAMPOS, Pedro Celso. **Técnicas de entrevista**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/da130320024.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

**Gênero textual - entrevista**. Disponível em: <<https://aprendereagir.wordpress.com/2013/04/23/>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

### Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

**Disciplina:** Língua Portuguesa – Projeto Jornal Notícias do Beatriz

**Professores estagiários:** Ana Carolina de Souza Ostetto

**Nome:**

**Grupo:** Notícia

**Data:** 24/6/2015

### A Notícia

A notícia é um gênero da linguagem jornalística que tem como característica relatar fatos condicionados ao interesse do público em geral. Dessa forma, a linguagem necessariamente deverá ser clara, objetiva e precisa, não podendo provocar possibilidades de ocasionar múltiplas interpretações por parte do leitor (NASCIMENTO, 2010).

Para aprimorarmos ainda mais os nossos conhecimentos quanto aos aspectos do gênero jornalístico notícia, enfatizaremos os seus elementos constituintes (DUARTE, [2012]):

- **Manchete ou título principal** – Geralmente apresenta-se grafado de forma bem evidente, com vistas a despertar a atenção do leitor.
- **Título auxiliar** – Funciona como um complemento do principal, acrescentando-lhe algumas informações, de modo a torná-lo ainda mais atrativo.
- **Lide** (do inglês lead) – Corresponde ao primeiro parágrafo, e normalmente sintetiza os traços peculiares condizentes ao fato, procurando se ater aos traços básicos relacionados às seguintes indagações: Quem? Onde? O que? Como? Quando? Por quê?
- **Corpo da notícia** – Relaciona-se à informação propriamente dita, procedendo à exposição de uma forma mais detalhada no que se refere aos acontecimentos mencionados.

Diante do que foi exposto, uma característica pertinente à linguagem jornalística é exatamente a veracidade em relação aos fatos divulgados, predominando o caráter objetivo do discurso.

### Referências:

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. A notícia: um gênero textual de cunho jornalístico. *Português: o seu sítio da Língua Portuguesa*, São Paulo, [2012]. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/redacao/anoticiatumgenerotextualcunhojornalístico.html>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. Gêneros Jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010. p. 56-87.

## ANEXO 24 – Notícias e entrevistas Jornal Escolar *Notícias do Beatriz*

### **25 anos das Olimpíadas Escolares da Escola Beatriz de Souza Brito**

Nas Olimpíadas são representadas a cultura, o teatro, a dança, a literatura e o esporte

**Por V. (Turma 61), E. (Turma 91) e E. (Turma 91)**

A Escola Básica Beatriz de Souza Brito completa em 2015 25 anos de Olimpíadas Escolares. Essa atividade acontece para promover a confraternização entre os alunos do 5º ao 9º, professores e funcionários.

As Olimpíadas Escolares do Beatriz, diferentemente do que a maioria das pessoas não é somente esporte, mas também envolve a parte cultural, como dança, teatro e literatura. Nos últimos 15 anos, segundo o diretor da Escola, Edilton Piacentini, os temas foram escolhidos pelos alunos e têm um caráter democrático. Neste ano, a olimpíada escolar ocorreu entre os dias 15 e 18 de julho e o tema escolhido foi personagens de histórias em quadrinhos.



Arquivo Escola – Olimpíada 2013

### **Funcionários da Biblioteca realizaram mais uma edição da peça Fada dos Livros**

**Por E. (Turma 61), Ana Carolina Ostetto** (Professora estagiária de Língua Portuguesa) e **Maria Izabel Bortoli Hentz** (Supervisora de estágio de Língua Portuguesa)

Em março deste ano, bibliotecária e funcionários da Biblioteca da Escola Beatriz de Souza Brito apresentaram aos alunos dos anos iniciais a peça de teatro *A Fada dos Livros*. O projeto teve como objetivo apresentar e orientar os alunos dos anos iniciais sobre o funcionamento da Biblioteca, suas regras e normas.

Nesta peça, os personagens, que são a Fada dos Livros, o próprio Livro, a Bruxa e a Branca de Neve, contam a história do livro, falam sobre a importância da leitura e explicam o que é o espaço da biblioteca.

A Escola estuda a possibilidade de fazer a mesma atividade com os alunos dos anos finais.

**Alunos da Escola Beatriz de Souza Brito participam da 11ª edição da OBMEP**  
15 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental passaram para segunda fase da Olimpíada de Matemática

**Por E.** (Turma 91)

No dia 2 de junho de 2015 foi realizada a 1ª fase da 11ª edição da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Essa prova tem como objetivo estimular o estudo da matemática e revelar talentos das escolas públicas na área.

Ao longo de suas edições, a OBMEP já ofereceu a mais de 36 mil alunos a oportunidade de estudar matemática por um ano com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Neste ano foram classificados para segunda etapa da OBMEP 15 alunos da Escola Beatriz de Souza Brito, sendo 7 do primeiro nível (do 6º ao 7º ano) e 8 do segundo nível (do 8º ao 9º ano). Segundo o aluno Roger Andrade da turma 81, que ficou feliz e surpreso com a notícia de que havia passado para segunda etapa, a prova é importante para o seu currículo e o ajudará a seguir a carreira na área da medicina.

A segunda etapa da OBMEP ocorrerá no dia 12 de setembro de 2015. Para maiores informações acesse o site da OBMEP ([www.obmep.org.br](http://www.obmep.org.br)) ou procure a direção da escola.

**Alunos Classificados para a 2ª fase**

Nível 1	Nível 2
Maria Alice Felix da Silva (61)	Andres Kindel Barbosa (81)
Ana Júlia da Silva (62)	Caroline Fraga Leimann (81)
Isadora Souza Heratt (62)	Karen do Nascimento (81)
Luiza Godinho Vieira (71)	Marina Aime Budnikar (81)
Helder Alves Velho (71)	Tiago Velloso (81)
Caio Valdes (72)	Julia Mara Knner* (91)
Eduardo de Aguiar Costa (72)	Marina Oliveira da Luz (91)
	Roger Andrade de Anselmo (91)



## “Jornal Notícias do Beatriz” visitam os laboratórios do curso de jornalismo da UFSC

V. (Turma 61)

**Ana Carolina Ostetto**

(Professora estagiária de Língua Portuguesa)

Com o objetivo de saber um pouco mais sobre o funcionamento do jornal, os alunos do projeto do jornal Notícias do Beatriz, da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito fizeram uma saída de estudos no dia 1º de julho para conhecer os laboratórios do curso de jornalismo na UFSC.

No Curso de Jornalismo os alunos visitaram a sala do onde ocorrem as reuniões do Jornal Zero, que é resultado de uma disciplina acadêmica e a hemeroteca. Puderam ver também como funcionam os laboratórios de fotojornalismo e de rádio. Os alunos puderam ainda ver como funciona um estúdio de televisão, no qual se viram na TV.

O aluno Guilherme Dias da turma 61 nos contou que “essa experiência é importante, pois aprendemos sobre o funcionamento do jornalismo impresso e da televisão, e como são diferentes as fotos de hoje em dia e antigamente”.

Alguns estudantes de jornalismo presentes nos explicaram que em relação ao jornalismo é necessária muita disciplina, organização e determinação.



## Talentos secretos

*É sempre bom conhecer os talentos dos alunos, pois há muita gente com talento, mas sem reconhecimento. Por isso, nós, do Jornal do Beatriz, decidimos entrevistar dois alunos e saber um pouco sobre a arte de cantar e compor.*

Luan Felipe de Souza Appelt tem quatorze anos, é aluno do oitavo ano da escola Beatriz e é conhecido como MC Lipinho do MP. Nasceu em Chapecó, mas atualmente mora no bairro Pantanal (MP), em Florianópolis.



Foto: disponibilizada pelo entrevistado

**JB: Como e quando você descobriu que levava jeito para cantar?**

Mc Lipinho: Eu comecei a cantar quando estava reunido com alguns amigos que também são MCs. Eles gostaram e começaram a me incentivar.

**JB: Você já cantou em palco? Se não, em que ocasiões?**

Mc Lipinho: Sim, já cantei em palco e em roda de amigos.

**JB: Qual estilo musical você canta? E qual temática?**

Mc Lipinho: Canto *funk* ostentação e outras temáticas.

**JB: Você se inspira em algum cantor e/ou banda? Você tem suas próprias músicas?**

Mc Lipinho: Sim, gosto e me inspiro no Mc Lon, mas também crio minhas próprias músicas.

**JB: Você acha que o fato de compor suas próprias músicas é algo positivo para sua formação escolar, já que você está praticando a escrita, por exemplo?**

Mc Lipinho: Sim.

**JB: Você faz algum curso relacionado à música?**

Mc Lipinho: Não, pratico em casa.

**JB: Você pensa em seguir carreira de cantor?**

Mc Lipinho: Sim, penso em seguir carreira.

**JB: Você recebe incentivo da sua família?**

Mc Lipinho: Sim, da família e dos amigos também.

**JB: Desde quando você começou a cantar?**

Mc Lipinho: Desde os 12 anos, quando comecei a fazer rimas durante encontros com os amigos.

**JB: Tem estilo próprio de se vestir ou segue alguma moda?**

Mc Lipinho: Sim, tenho meu estilo próprio, meio ostentação, com roupas de marcas famosas.

Beatriz Lopes Machado estuda no sétimo ano da escola Beatriz, tem treze anos e mora no bairro Saco dos Limões, em Florianópolis. Segundo a aluna, cantar é uma boa terapia para quando ela está com raiva ou irritada.



Foto: disponibilizada pela entrevistada

**JB: Como e quando você descobriu que levava jeito para cantar?**

Beatriz: Eu estava cantando uma música e minhas amigas falaram que eu cantava bem.

**JB: Você já cantou em palco? Se não, em que ocasiões?**

Beatriz: Sim, já cantei em palco, e em uma roda de samba com a banda do meu padrasto, que também é músico.

**JB: Qual estilo musical você canta? E qual temática?**

Beatriz: Gosto de cantar pagode e sertanejo com diversos temas, normalmente músicas mais românticas.

**JB: Você se inspira em algum cantor e/ou banda? Você tem suas próprias músicas?**

Beatriz: Sim, gosto do Sorriso Maroto e Luan Santana e componho minhas músicas também.

**JB: Você acha que o fato de compor suas próprias músicas é algo positivo para sua formação escolar, já que você está praticando a escrita, por exemplo?**

Beatriz: Sim.

**JB: Você faz algum curso relacionado à música?**

Beatriz: Não. Pratico em casa e meu padrasto me ensinou teclado.

**JB: Você pensa em seguir carreira de cantora?**

Beatriz: Não, canto mais como *hobby* e para relaxar.

**JB: Você recebe incentivo da sua família?**

Beatriz: Sim, minha mãe me apoia bastante. Meu padrasto e amigos também.

**JB: Desde quando você começou a cantar?**

Beatriz: Desde pequena, mas comecei a gostar mesmo aos oito anos.

**JB: Tem estilo próprio de se vestir ou segue a moda?**

Beatriz: Acho que tenho estilo próprio, pois não gosto de muito colorido.

## O “bom dia” de cada dia

*A rotina de uma escola envolve muitos funcionários, desde diretor e professores, por exemplo, até o importante trabalho das merendeiras e dos profissionais de serviços gerais. Por isso, nós, do Jornal do Beatriz, tivemos a ideia de entrevistar o Silvio Olavio Alves, já que ele está há muito tempo aqui na escola, e mostrar um pouco do seu trabalho.*

O profissional de serviços gerais Silvio Olavio Alves trabalha na escola Beatriz há aproximadamente seis anos. Ele nasceu em Florianópolis, tem quarenta e seis anos e estudou até a sétima série (atual oitavo ano).



Foto:

**JB: Como é trabalhar em uma escola? Fale um pouco sobre as amizades, a relação com professores, alunos e outros profissionais aqui da escola.**

Silvio: É muito bom trabalhar nessa escola. Adoro os alunos e meu convívio com os professores é ótimo. Me dou muito bem com os meus outros colegas de trabalho daqui também.

**JB: Você gosta da sua profissão? Que tarefas você desempenha? Você realiza essas tarefas em casa também?**

Silvio: Eu gosto da minha profissão. Faço de tudo um pouco, desde a troca de lâmpadas, até limpar a calçada e sempre dou uma olhada nos alunos.

**JB: Sempre vemos você vindo de bicicleta para a escola. É um costume seu?**

Silvio: Sim, já é costume. Venho para a escola trabalhar e volto para casa todos os dias de bicicleta.

**JB: Você sempre está aqui antes de todo mundo. Você acorda muito cedo para se preparar**

**para vir trabalhar?**

Silvio: Sim, sou o primeiro a chegar. Por isso, recebo os alunos com um “bom dia” todos os dias.

**JB: E o que você gosta de fazer quando não está trabalhando?**

Silvio: Gosto de ficar com minha filha de um ano.

Por: Gabriely Zeferino dos Santos 91, Paloma Moraes  
Dias 81, Matheus Pires Paim 81, Ana Beatris da Silva  
Honorato dos Santos 61 e Lara Santana Andrade 81.

## ANEXO 25 – Texto “Ao entardecer” de Maria de Lourdes Krieger

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Professoras estagiárias: Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Fe  
Turma: 82  
Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

# Ao entardecer

*Maria de Lourdes Krieger*



chuva bate nas costas desnudas dos pescadores a puxarem os cabos da rede do arrastão. Alguns veranistas abrigam-se sob improvisados guarda-chuvas. As crianças entram no mar, cercam a rede e recolhem os peixes que escapam das malhas; misturam-se: crianças, peixes e água.

Os pescadores andam de costas, em gritos e risos, num código só deles, corpo arcado para trás, calcanhares se firmando na areia, a cada passada. Ignoram o vozerio dos espectadores que se agrupam, em prévia disputa.

— Me reserva uma pescadinha, Zé.

— Que vier de lula eu fico.

— Olhai uma raia. Como dá raia, hein? Diz que tem quem come elas, que tu achas?

A rede na beira da praia, o pedido: Pra trás, faz favor! Os pescadores se juntam, redobram esforços. O tropeço dos veranistas, a disputa pela míngua colheita, a bulha das crianças, recolhendo sardinhas que lhes escapam das mãos, o ploc-ploc dos peixes se debatendo na areia.

— Não esquece eu, Zé! – todos são Zé.

Até Onofre, durante décadas vigia de pesca – ele preferia olheiro, estava mais de ajuste com sua função –, o melhor das praias todas da Ilha, é o que diziam. Ele não carecia subir no costão ou se esticar na ponta dos pés, largando os olhos inquietos pela extensão do mar, em busca das manchas reveladoras.



Era na praia mesmo que ele ficava. Como se apreciasse a paisagem. E apreciava: a água além parecendo imóvel; próxima, em movimentos ondulantes, se espreguiçando na areia. O verde de uma ilha, de um costão, outras praias ao longe. Na contemplação amorosa, percebia mais rapidamente que qualquer outro um cardume, a sombra que o denunciava.

Nos ranchos dos barcos, os pescadores, acorados, aguardavam seu grito, numa conversa pontuada de silêncio. Precisavam ficar atentos: nunca sabiam quando o aviso chegaria. Se chegasse. Além disso, eles nem sempre tinham o que ou o por que conversar.

Era o olheiro identificar a manta de peixes ao longe, lançar o aviso e o grupo de pescadores correr até os barcos já à espera, na beira do mar, para cercarem o cardume, com a rede que depois seria arrastada de volta à praia.

Onofre não pode dizer que gosta das pequenas mudanças que o verão traz: turistas e alarido, corpos desnudos, costumes estranhos. Mas pressente que ainda vive um tempo bom. Seu amigo de nome estranho avisara sobre o que está por vir. Culpa do próprio homem, que derruba a mata, avança pelo mar com ganância, em seus barcos potentes. “Veja os manguezais, verdadeiros criadores de peixes, onde eles desovam e se alimentam.” Os manguezais estão sendo aterrados. Cada dia mais.

Seu amigo aparecia de repente, folhas de papel e lápis numa pasta de couro, ouvido atento e mão incansável. As pessoas falavam do que sabiam, tinham visto ou ouvido; conversas antigas de feitiços e festas, das andanças de bruxas, ah, quantas bruxas! Em arrancos de medo, histórias fantásticas surgiam, juradas como verdade, garantidas pelo testemunho do narrador. Aconteceu comigo... Foi com meu pai... O amigo ajeitava os óculos, fazia perguntas, anotações. Com ele Onofre aprendeu sobre o mar e o mundo. A valorizar o chão de onde brota o garapuvu, que oferece beleza – e utilidade, nos barcos que não afundam. A lutar para que o passado permaneça na memória dos jovens; para que a Ilha não se torne “embruxada pelo capitalismo e pelos gananciosos”.

É uma forma de tornar bom o tempo em que vive.

— Zé, me arruma um grande, pro jantar da família.

— Olha, com o cação eu fico. A gurizada gosta...

Os pedidos se confundindo, o vozerio aumentando, a chuva caindo. A miudeza: arraias, baiacus (Olha lá, pega um baiacu pra gente brincar!), alguém descobre um polvo.

— Mãe, polvo pensa? Se pensa, tá pensando como veio parar aqui, hein, mãe? Todo cheio de pernas, enrolado na rede...

— Seu Zé, pega aquele peixe? Não, o outro, isso... Eu guento ele e você faz o preço.

— Tem peixe maior, não?

— Quanta lula! Meu irmão gosta de lula. Foi-se embora ele, senão até que eu levava.

O pessoal pedindo, regateando, as crianças brincando. O vento juntando-se à chuva. Então retornam os veranistas, apressados, a suas casas. Ficam os pescadores, agora dividindo o lucro, as sobras, ajeitando os pertences.

Onofre ajuda a enrolar os cabos da rede. Pensa no amigo, que uma vez se misturou a eles, tentando puxar a rede. Riram de seus esforços: faltava prática, ele entendia mesmo era de conversas bruxólicas.

Escureceu. Tudo ajeitado, os pescadores se afastam. O vigia de pesca se detém um pouco, a olhar em volta, como à procura do amigo. Julga ver, no mar, Maria da Terra Firme metamorfoseada em bruxa, “de vela alçada aos ventos”, dentro do sapato esquerdo de Sabiano – uma das tantas histórias que aprendeu com ele.

Onofre procura visualizá-las, como forma de conservar perto de si o amigo, que nunca mais encontrará. Pensa que, se ele acompanha os arrastões, com o pouco que a rede entrega, depois de tanta luta dos pescadores – luta que ele bem conhece, pois foram pescadores seus próprios antepassados – estará murmurando: Vejam os manguezais... Uma, entre tantas causas que ele apontava, para o esvaziamento do mar. Alguém ouviu?

O olheiro sorri. Quê! Seu amigo Franklin deve é estar contando suas histórias fantásticas para aquela a quem rendia homenagens: Nossa Senhora do Desterro.

A chuva passou. Onofre se apressa, ao encontro dos companheiros. Desapareceram todos, na escuridão da praia.

Agora, há somente o vento. Na areia, baiacus estourados, águas-vivas e algumas sardinhas esperam a maré cheia.

(Nota da autora:  
a fala entre parênteses,  
sobre manguezais,  
foi extraída de *Franklin  
Cascaes: Vida e Arte,  
e a Colonização  
Açoriana*, entrevistas  
organizadas por  
Raimundo Caruso. Editora  
da UFSC, 1981, p.78.)

#### Referência

Krieger, Maria de Lourdes. Ao entardecer. In: CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim. *13 Cascaes*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2009. p.65-67.

ANEXO 26 – Algumas Narrativas Míticas: primeira, segunda versão e ilustrações

1) Narrativa de P.

1ª versão

seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

S. B. M. Bratrig de Sanga Buito  
Disciplinas: Português  
Professora: Margina e Ana Cavallim  
Aluno: \_\_\_\_\_ Aluno: 82

filha da Magia 11/10  
características de auto de padrao na vida da filha eu tem no interesse?

Esta mulher vive numa casa bem decorada  
da filha da magia (sua avó) que alguns  
professores chamam a cidade de Santa Catarina  
(SC), tem no interior da cidade há uma  
casa isolada, e na casa isolada tem  
uma mulher chamada de Urquidia.  
E todos da cidade tem nomes diferen-  
tes; o nome da avó chama-se Antra-  
de, o nome da mercearia é chamado de  
Etivaldo, o nome da filha de Urqui-  
dia que é conhecida na cidade como Ga-  
libe e Galilei que também tem um  
filho chamado Franklin Gascoes. Na ci-  
dade Franklin Gascoes tem os mesmos  
mes estromas que <sup>os outros</sup> ~~os~~ mais  
idosos da ilha de Santa Catarina. Nas  
vidas de domingo mais eu obete, apesar  
a mercearia de Etivaldo, e a Dona  
Urquidia precisava comprar algo para  
cozer, pois ela mais tinha mais nada  
em casa, ~~em~~ ~~forma~~ a dona Urquidia

/ = parágrafo, continue escrevendo na **FORONI**  
linha de baixo.

Já é <sup>uma</sup> comhosa com 72 anos de idade,  
 mas tinha a capacidade de vir a cidade,  
 pois usava um carro com muito embrocado  
 e ela usava cadeira de rodas. <sup>Então ele</sup> ~~de~~ <sup>pediu para ela</sup> ~~ela~~  
 vel ligou para Galileu & Galilei ~~ela~~  
 mercadora, ~~pois~~ Galileu & Galilei é diferen-  
 te de todos, tem barba, momecelhos, olhos  
 azuis, é covete, pede um telescópio  
 e tem mais, ele é minha! Sua mãe  
~~se~~ ~~pediu~~ para comprar pão, queijo,  
 salame e queijo para que ~~podem~~ ~~têm~~  
 um café da tarde. Galileu foi até a  
 venda e comprou os produtos. Na volta  
 para a casa de sua mãe encontrou  
 Franklin Gonçoes, ~~e Franklin~~ <sup>Franklin</sup> com o  
 costume adora contar histórias e  
 resolveu contar uma história para  
 Galileu & ~~contou~~ a história da Bu-  
 ra e o conato, a final é uma das histórias  
 que Franklin não tinha contado para seu pai.  
 Galileu obrigou Franklin e se ~~dele~~ ~~comprou~~  
 para casa de sua mãe, ao chegar lá Fran-  
 klin contou mais uma história e todos  
 já estavam comidos, pois Franklin adora  
 contar histórias. Galileu resolveu ir ao  
 ministério público para ~~reclamar~~ ~~dos~~ ~~chão~~  
 cheio de burocracia e a gente ~~de~~ <sup>de</sup> ~~disse~~ ~~que~~ ~~mãe~~  
~~pede~~ ~~pedir~~ ajuda - lo, pois o sistema  
 está fora. ~~e~~ Galileu resolveu esperar.

## Comentário primeira versão de P.

P. Seu texto ficou um pouco confuso, por isso, observe os comentários que as professoras estagiárias fizeram ao longo da narrativa. Outra questão refere-se à narrativa mítica que estudamos ao longo das últimas aulas, você acha que seu texto se encaixa em uma narrativa mítica? Você iniciou a narrativa com uma característica dos contos de fadas “Era uma vez...” Lembre-se das narrativas míticas que trabalhamos em sala de aula, como de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Odisseia. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica. Fique atenta, também, às demarcações dos parágrafos.

Achamos que você poderia ter viajado mais no mundo da mitologia, trazendo para sua narrativa outros elementos e seres mitológicos. Lembra da Medusa? Ela possuía enormes serpentes na cabeça. E das bruxas nas narrativas de Franklin Cascaes, você lembra? Elas tinham o fado bruxólico e podiam se metamorfosear em inúmeros objetos e animais. Então, além das pessoas que você tanto menciona na sua narrativa, que tal acrescentar outro ser e, quem sabe, provocar um conflito maior?

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!



É.P.M. Bontre, de Souza, Brito

Disciplina: Português

Professoras: Ana Carolina e Margoma

Aluna: Pi

Nota: 82

5º bimestre, 30 de Junho de 2015.

## O universo mitológico

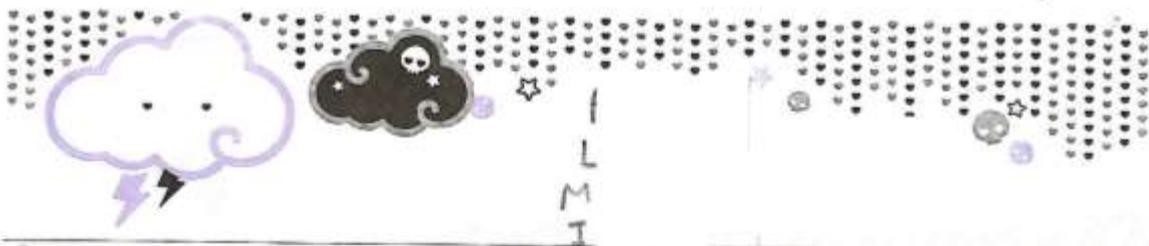
Visto

Em uma tarde ensolarada Galileu & Galilei viajaram de barco para a praia da Armagnã pois era uma cidade de muito mal, ao chegar lá encontraram seu amigo Franklin Franco, Galileu e Franklin conversaram em um barco que havia ali por perto e começaram a contar histórias um para o outro:

- Franklin lembra quando estamos bem longe de casa porque um mês atrás, ai de repente chegou uma mulher estranha com os cabelos cheios de cobra, que até apelidaram ela de Medusa.

- E né Galileu lembra no dia que encontramos um demônio e depois quando fomos de volta para o demônio tinha um nome de demônio e depois vimos uma bruxa com a mesma boca.

- Lembra de cada coisa que fizemos. Disse Galileu. Os dois ficaram ali até o mal se passar. Ao ir para casa Galileu se teletransportou e encontrou uma bruxa em cima de um cavalo brincando e a bruxa estava com a mesma boca que eles tinham visto e que tinha aparecido no lugar do demônio que eles tinham encontrado e ele ficou surpreso, ou seja 



deu um salto, deu dois passos para trás e colocou uma mão direita no bolso. Seu salto de vento mudou para dentro, uma de suas ombrelinhas foi para cima. "lerontou" sua cabeça ficou até espelhada pois não há cabelo. Galileu veio e deu um tapa para a puxia que estava e sentou-se no mesmo lugar.

Franklin pegou um ômbibus e encontrou a tal Medusa, que estava em sua frente vindo de um umido branco preto cheio de matas e ela estava com uma toca preta. Franklin arregalou os olhos, pulou do ômbibus para trás e colocou uma mão direita no bolso. Ele saiu do ômbibus e saltou para a puxia onde estava e sentou-se no mesmo lugar onde Galileu está sentado:

- Galileu por que saltou?
- Franklin não vai acreditar que o vento deu comigo!
- O que aconteceu? perguntou Franklin
- É só uma buxa com aquela haste!
- Sério? não acredita espantado.
- Sim, é verdade
- O eu peguei os ômbibus para ir para casa e encontrei a Medusa com uma toca na cabeça!

Ultron arregalou os olhos e não tinha um sinal de quem, ou o ponto foi maior. Cada um foi para sua casa de dormir para ver se os veados cobria. Deu um olhar uma bela noite

**tilibra** de mesmo e as orelhas se depararam que haviam sentido.

## 2) Narrativa de D.

O nome do Rua

↳ Característica do conto de fada, nesse gênero é narrativa mítica. Trindade?

↳ Novo parágrafo.

Éra uma vez em um Bairro aqui de Florianópolis chamado Trindade de que havia um rua que era<sup>A</sup> e tinha um nome chamado Galileu Galilei.

Galileu era um filho Barbaque, cheio de olhos verdes e muito calorento. Todas<sup>as</sup> vezes Galileu saia para brincar a rua, ele não gostava que ninguém desrespeitasse as regras do rua, como não jogar vidro no chão, pois há um hávia um garoto chamado Franklin que ele odiava, pois era muito mal-criado que usava jogar vidro no chão. Um dia Franklin estava jogando Bola com os amigos e sem querer chutou a bola na janela de Galileu, <sup>que</sup> Galileu ficou tão revoltado quando viu a janela quebrada que pegou a Bola com Bala e o jogou com um saco de vidro e a jogou no vidro, Franklin saiu chorando junto aos amigos e contou para sua mãe

FORONI

que ficou tão revoltado com aquela situação que só pôde acontecer várias vezes até que foi tirar satisfação com Galileu que ficou irritado e os expulsou do Ba.

No dia seguinte Franklin e sua mãe se mudaram, Galileu ficou muito feliz com a mudança e depois Galileu se sentou em sua escrivaneta suspirou e disse - Tudo voltou ao normal como antigamente -.

\* Diferença entre mas e mais:

→ Mas é uma palavra usada principalmente como conjunção adversativa e pode significar: porém, contudo, todavia.

→ Mais é um advérbio de intensidade, indica noção de quantidade; pode ser também uma conjunção aditiva, que transmite noção de acréscimo e adição. Dica: lembre-se do sinal na matemática.

① Neste caso o verbo é haver, dessa forma deve ser escrito com H e sem acento.

## Comentário primeira versão de D.

Gostamos do seu texto, porém ele não se parece com uma narrativa mítica, você inclusive inicia com "Era uma vez" que é uma das características do conto de fada. Acharmos que poderias trabalhar o início de seu texto e trazer elementos da narrativa mítica, como, por exemplo, dizer que a mãe do Franklin era uma bruxa, ou o Franklin ser um lobisomem, por ser o sétimo filho, e ou ainda dizer que o Galileu Galilei era bruxo, benzedor e que Franklin estava com mal olhado e precisava se benzer, como vimos nas histórias de Franklin Cascaes. Você também pode fazer alguma relação com o texto Perseu e Medusa, Odisseia, que trabalhamos em sala de aula. Dessa forma, retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno.

Fique atenta ao início de um novo parágrafo, sempre temos que deixar um espaço.  
Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

## Ilustração Narrativa D.



## Segunda Versão de – “O dono da Rua”

### O dono da Rua

isto

Em um Bairro aqui de Ilorin chamado Chomade Tãindade havia uma rua e tinha um dono chamado Galileu Galeli.

Galileu era um Buxu velho Barba, Careca de olhos verdes e muito calyente.

Todos os meses Galileu saia para limpar a rua, ele não gostava que ninguém desuspitasse as regras do seu, como jogar lixo no chão. Porém havia um garoto chamado Franklin que ele odiava, pois era muito mal-criado que fazia jogando lixo no chão.

Um dia Franklin estava jogando Bola com os amigos que mexiam de tudo de Galileu, de repente sem querer Franklin chuta a Bola na janela de Galileu, que ficou tão surtado quando viu a janela quebrada que pegou um de seus pedras de Buxu e estourou a Bola.

Franklin e seus amigos assustados saíram correndo para tentar para o dono Benedito a mãe de Franklin que era uma Benzendo de mãe cheia.

Dono Benedito pegou suas ferramentas de Benzendo e foi atrás de Galileu que estava jogando uma de suas vendas pela rua e quando

se deparou com dono Benedito ficou muito nervoso e se transformou em um terrível Buxu com unhas longas, dono Benedito então começou seu ritual de Benzendo.

No final de ritual dono Benedito procurou Galileu por todo a sua mansão adicionalmente por que Galileu havia sumido, então a rua daquele dia em diante ficou Bem melhor sem aquele velho calyente como dono da Rua.

### 3) Narrativa Mítica de L.

#### Primeira versão

E. B. M. Beatriz de Souza Brito  
Disciplina: Português  
Aluno: [REDACTED] Turma: 82  
Florianópolis, 29 de junho de 2015.

#### O sobrevivente

Tudo começa com um explorador que vai para um lugar distante, deixado para morrer. Quando chegaram deixaram ele para ficar aprisionado <sup>(1)</sup> na floresta só com um machado e com uma picareta para ver se ele conseguiria fazer uma casa e também usar a picareta para pegar carvão e fazer tachas, fogueiras e esquentar comidas para poder sobreviver ~~no~~ no meio da mata. Quando chegou <sup>(2)</sup> a noite apareciam gumbis, esqueletos e um livro esquisito grande olhos verdes. <sup>Um</sup> livro que parecia um ninjo que quando alguém olhava em seus olhos ele se teletransportava para longe.

Com o tempo o explorador começou a ir para as minas e começou a procurar ferro para fazer uma espada e um escudo e uma armadura para matar gumbis, esqueletos e <sup>grande</sup> monstros <sup>grandes</sup> de olhos verdes. <sup>(3)</sup> Quando ele terminou as <sup>coisas</sup> <sup>coisas</sup>, <sup>(4)</sup> de noite saiu para explorar a floresta. Pegou uma tacha. Acendeu <sup>uma</sup> ~~uma~~ tacha e foi a caça e matou o grande ninjo que era Galileo Galilei.

Ele falou seu nome antes de morrer para nunca ser esquecido. O explorador fez uma casa e enterrou no lugar de sua morte.

**FIN**

- ① Quem sabe "disbravar a flauta"?
- ② . . . Nesta flauta durante a noite [:-:-]
- ③ Incluir: "que chamava-se Galileu Galilei"
- ④ "O explorador ~~se~~ decidiu sair uma noite

### Comentário primeira versão de L.

LEONARDO,

Seu texto ficou um pouco confuso, reveja os comentários ao longo da narrativa. Outra questão refere-se à narrativa mítica que estudamos ao longo das últimas aulas, você acha que seu texto se encaixa em uma narrativa mítica? Lembre-se das narrativas míticas e trabalhamos em sala de aula, como as de Franklin Cascaes, Perseu e Medusa e Iliada. Retome a folha que entregamos com os elementos da narrativa e também o que a Professora Rita passou sobre o gênero narrativa mítica, tudo isso está no seu caderno.

Fique atento ao início de um novo parágrafo, sempre temos que deixar um espaço.

Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

### Ilustração da narrativa mítica de L.



Segunda versão de L. – “O sobrevivente”

Florianópolis 30 de junho de 2015

O Sobrevivente

Visto  
\*

A História

Tudo começa com um explorador em sua casa (pronto para dormir dormindo, quando acorda (uma) toma um susto.

- Onde estou (por quê) Por que estou em uma floresta?

Quando olhou para o lado viu uma picareta e um machado para sobreviver. No lugar havia uma lanterna e uma saca de madeira com um fardo de lenha.

Chegando à noite viu um ninjo de algar verdes que, de uma hora para outra, sumiu e depois disso começou a aparecer gumbis e esqueletos que bateram na porta com força na porta.

No outro dia foi a procura de uma caverna para ficar sozinho e fazer para si equipar com (uma) espada, escudo e machado para matar o ninjo e seus esqueletos e gumbis.

Quando chegou a noite ele vai atrás do ninjo, quando achou o ninjo (perguntou seu nome).

- Qual seu nome?

- Meu nome é Galileu Galilei e o seu?

- O meu nome é Leonardo.

- Sou o Deus deste lugar! Agora (uma) moro.

A batalha mal começa e Leonardo o explorador mata Galileu a base de espadas. No fim Leonardo viveu um novo dia de luz.



~~ROBINSON~~ CAMINHAVA PELA Densa E HORRÍVEL FLORESTA  
 VIU UMA ÁRVORE QUE ERA DIFERENTE DE TODAS  
 AS ÁRVORES DA FLORESTA, QUANDO ROBINSON FOI  
 CHEGOU PERTO A ÁRVORE SE MECHEU E DEU-LHE UMA  
 PANCADA EM SUA CABEÇA E ENQUANTO SE LEVANTAVA  
 A ÁRVORE O PUCHOU E O JOGOU COM TUDO NO  
 CHÃO, QUEBRANDO AS PERNAS DE ROBINSON, ELE  
 NÃO SABIA O QUE FAZER, QUANDO FOI VER VIU  
 UM SINALIZADOR, QUANDO FOI PEGÁ-LO, MAS A ÁRVORE  
 ENFIU UM ESPINHO GIGANTESCO NA GARGANTA DE  
 ROBINSON, LEVANDO ELE A MORTE AGONIZANTE,  
 SENDO ASSIM, ROBINSON NUNCA MAIS FOI VISTO.  
 MAS NA VERDADE GALILEU GALILEI ERA UM  
 MAGO QUE PODIA ENVOCAR MONSTROS E TRANSFORMAR  
 COISAS EM CRIATURAS GIGANTES E MORTAIS.  
 FOI PASSANDO OS ANOS E A FLORESTA HAVIA  
 DESAPARECIDO. TODO O CENÁRIO DA FLORESTA SE  
 TRANSFORMOU NUMA ENORME PLANÍCIE.

*Talvez você tenha escrito  
 parte mais para o início e  
 depois a narrativa  
 de mais sobre os monstros  
 que você mencionou.*

**Comentário primeira versão de M.**

Sua narrativa mítica é uma junção de elementos e personagens da realidade com elementos mitológicos e da imaginação, o que demonstra sua criatividade. Você fez uma introdução, um meio e uma conclusão, conforme elementos que estudamos nas aulas. Porém, para reescrita, considere os comentários e provocações que as professoras estagiárias fizeram ao longo de sua narrativa. Estamos ansiosas para ver a nova versão da sua narrativa. Bom trabalho!

**Ilustração Narrativa mítica de M.**



Segunda versão de M.

FLORIANÓPOLIS, 30 DE JUNHO DE 2015.

## A LENDA DA ÁRVORE MALDITA

Visto  
★

NUM CANTO DISTANTE DO MUNDO, NUMA PEQUENA VILA MORAVA ROBINSON, UM HOMEM COMUM E SIMPÁTICO.

UM DIA ROBINSON FOI ATÉ A FEIRA DA PEQUENA VILA COMPRAR FERRAMENTAS E COMIDA, ENQUANTO ESCOLHIA UMA FURADEIRA AVISTOU UM HOMEM ESTRANHO DE CAPUZ DE OLHOS VERDES, BARBA, MONOCELHA E QUE ESTAVA COMENTANDO SOBRE UMA FLORESTA MISTERIOSA NO LADO LESTE DA VILA.

QUANDO ROBINSON COMEÇOU A CONVERSAR COM O SUJEITO ELE RETIROU O CAPUZ E ROBINSON PERBEBEU QUE O HOMEM ERA CARECA. ROBINSON PERGUNTOU O NOME PARA O ESTRANHO E ELE RESPONDEU:

- MEU NOME É GALILEU GALILEI.

ROBINSON OUVIU A HISTÓRIA ABSURDA SOBRE A ÁRVORE MALDITA, QUE GALILEU LHE CONTOU. ROBINSON ACHOU A HISTÓRIA A MAIOR FARSA QUE JÁ OUVIU NA VILA, DEPOIS DE TERMINAR A CONVERSA ROBINSON FOI PARA CASA, POIS JÁ ESTAVA FICANDO TARDE. QUANDO ROBINSON CHEGOU EM CASA, NÃO CONSEGUIA DORMIR, POIS FICAVA SE PERGUNTANDO SE A HISTÓRIA QUE GALILEU LHE CONTOU ERA VERDADEIRA. ENTÃO ARRUMOU SUA Mochila E PARTIU PARA O LADO LESTE DA VILA EM BUSCA DA TAL ÁRVORE.

QUANDO CHEGOU NA TEMIDA FLORESTA APARECEU UMA NEBLINA EXTREMA, TIRANDO TODA A VISÃO DE ROBINSON, POR SORTE ELE TROUZE UMA LANTERA E CONSEGUIU SEGUIR

EM FRENTE. DE-REPENTE, <sup>ELE</sup> ROBINSON VIU UMA COISA ~~EM~~  
~~EM~~ <sup>CIMA</sup> ENSIMA DAS ÁRVORES, DUMADA GALILEU TELEPORTOU-SE  
ATÉ ELE E DISSE:

- SE VOCÊ DER MAIS UM PASSO, VOCÊ ESTÁ  
CONDENADO A MORTE.

ROBINSON ACHOU ISSO TUDO QUE GALILEU FALOU E  
QUANDO ANANÇOU UM PASSO A FRENTE GALILEU SUMIU DE SUA  
FRENTE COMO UM NINJA. ROBINSON AVISTOU UMA  
ÁRVORE QUE SE DIFERENCIAVA DE TODAS AS ÁRVORES,  
POR NÃO TER FOLHAS, TER GALHOS MUITO PONTUADOS,  
NO TRONCO PARECIA TER UM ROSTO E PARECIA TER UM  
BRAÇO! UM NÃO, DOIS BRAÇOS! QUANDO ELE SE APROXIMOU  
A ÁRVORE JOGOU ROBINSON PRA LONGE. A QUEDA  
FEZ COM QUE ROBINSON QUEBRASSE O BRAÇO E A LANTERNA.

ROBINSON ESTAVA A MERCÊ DO ESCURO E DE UMA  
ÁRVORE DEMÔNICA, ROBINSON <sup>ELI</sup> TENTOU GRITAR, MAS ISSO  
PIOROU TUDO. A ÁRVORE O LOCALIZOU E LANÇOU  
UM GALHO DE 13 METROS NA DIREÇÃO DE ROBINSON DEIXANDO  
ELE INCONSCIENTE. ROBINSON ESCAPEU DA ÁRVORE MAS NUNCA  
MAIS CONSEGUIU SAIR DA FLORESTA. DIZEM QUE É POSSÍVEL  
OUVIR OS SEUS GRITOS ANOITE.

